

12

LEYTURAS DAS CADRAS GRANDES Q SE HÃO DE LER
HO AÑO DE BCLTA E NOUE

«o anathomjco | no principio do año acabe anothomia de venis et arter. et nerui. e acabando ysto começe os dous lyuros de motu musculõr e os ... primros de vsu Ptiũ»¹.

(Continua).

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO.

¹ Arquivo da Universidade, *Concelhos*, vol. 3, fl. 47 v.º
VOL. IV. N.º 1.

Catálogo descritivo e iconográfico do Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Coimbra ⁽¹⁾

Tumores malignos do útero

477. CARCINOMA DO ÚTERO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 1). — O útero está aberto pela face anterior. O orifício inferior do colo, que foi poupado pela incisão, está muito dilatado. Ligada ao útero encontra-se uma porção da parte posterior da vagina cujas paredes são espessas, elásticas e com algumas pequenas granulações. Em toda a extensão da face interna da parede uterina se encontram esfoliações da mucosa e vegetações esbranquiçadas.

478. SARCOMA DO COLO DO ÚTERO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 16). — Êste tumor tem a forma e o volume dum ôvo um pouco achatado transversalmente. Tem a côr branca e uma das faces escura. A consistência é elástica. Ao longo de um dos seus bordos encontra-se parte do colo do útero.

479. CANCRO DO ÚTERO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 59). Esta peça é formada por um útero de dimensões sensivelmente normais com as paredes espessas e muito densas, tendo apenas ligados o ovário e trompa direita. O corte antero-posterior do corpo do útero mostra que as suas paredes estão na quasi totalidade substituídas por um tecido friável de aspecto de couve-flor em que o exame à lupa mostra a existência de pequenas cavidades.

480. SARCOMA DO ÚTERO. — Êste exemplar é constituído pelas paredes laterais e posterior duma bacia feminina, contendo o útero e

¹ Continuado do vol. III, pág. 861.

a vagina seccionados no sentido longitudinal. Encontram-se além destes órgãos o rectum, parte do colon ileo-pelvico e algumas ansas intestinais assentando sobre as fossas ilíacas correspondentes.

O útero está muito aumentado de volume; as suas paredes estão muito engrossadas e totalmente invadidas por um tumor que enche sob a forma duma pêra, a cavidade uterina. Egualmente invadida se encontra a vagina cujas paredes, particularmente a inferior aderiram ao rectum junto do istmo; à esquerda, existem algumas massas neoplásicas de dimensões variáveis. As ansas intestinais estão aglutinadas e aderentes pelos ligamentos largos ao útero e aos ovários e contêm entre si massas tumorais de diferente forma e volume. (Преп. Prof. BASÍLIO FREIRE).

481. CARCINOMA DO ÚTERO. (Fig. 135). Êste exemplar é constituído pelos grandes e pequenos lábios da vulva, pela vagina, pelo útero e pelos anexos de ambos os lados. Está seccionado segundo o diâmetro antero posterior e o útero está acentuadamente alongado e espessado. Na mucosa e nas paredes do órgão encontra-se um neoplasma que tendo destruído o tecido lhe deu o aspecto de couve-flôr.

482. CARCINOMA DO ÚTERO. (Fig. 136). Esta peça é constituída por um útero com os ovários e trompas respectivas e tem ainda aderente a parte superior da vagina. O colo e o istmo estão invadidos por uma massa tumoral, tendo algumas vegetações em couve flor. Tem o volume normal e a côr branca.

483. SARCOMA DO ÚTERO. Êste exemplar é constituído pelo útero, vagina, grandes e pequenos lábios. Está seccionado segundo a sua face anterior e segundo o seu eixo maior. A massa principal do tumor está situada sobre o focinho de tenca notavelmente aumentado de volume e bastante deformado; propaga-se a toda a parede posterior e paredes laterais da vagina, estendendo-se mesmo até aos pequenos lábios, junto dos quais há dois volumosos nódulos. O focinho de tenca tomou o aspecto duma glande e a superfície do tumor está ulcerada principalmente sobre a parede posterior da vagina e tem o aspecto de couve-flôr. Dos lados da massa central, veem-se duas massas de consistência e volume desiguais, semelhando-se uma delas a um pequeno quisto.

484. CARCINOMA DO ÚTERO. — Êste exemplar é constituído por um útero volumoso, o qual atingiu vinte centímetros de comprimento por

dez de largo, tendo junto os anexos, os ligamentos largos, a parte superior da vagina e ainda o baixo fundo da bexiga.

Toda a cavidade uterina está cheia por um tumor que invadiu todas as camadas do órgão, fendendo-o junto do istmo, invadindo também a vagina, a trompa e o ovário direitos. Sobre o ligamento largo, à direita, existem nódulos encapsulados. O aspecto característico em couve-flor denuncia a natureza do neoplasma.

485. SARCOMA DO ÚTERO (Fig. 137). — Esta peça é constituída por um útero aberto pela sua face posterior e no sentido longitudinal. A mucosa uterina e as paredes musculares estão invadidas por um tumor, branco-amarelado, de consistência friavel, tendo o aspecto duma couve-flor que fez aumentar o volume do útero, moldando-se à sua forma.

486. CARCINOMA DO ÚTERO. — Toda a face posterior do colo dum útero, a que estão ligados ainda restos da vagina e a qual tem a forma triangular, está substituída por uma massa tumoral que invadiu todas as camadas e lhe aumentou consideravelmente as dimensões. A mucosa, ulcerada, destaca-se bem das paredes grossas do órgão de consistência mole.

487. CARCINOMA DO ÚTERO. — Êste exemplar é constituído por um útero e vagina seccionados por forma a mostrarem as duas cavidades. Ao útero estão anexos os ovários e nota-se que as paredes do útero estão hipertrofiadas; a mucosa do corpo e parte da parede bem como todo o colo uterino estão destruídas por um tumor que invadiu toda a mucosa e invadindo progressivamente o útero lhe deu o aspecto duma verdadeira couve-flor que se estende também para as paredes vaginais. (LOPES VIEIRA).

488. CARCINOMA DO ÚTERO. — Êste exemplar é notável, porque produziu comunicações anormais com a bexiga e com o rectum. Deu lugar a inumeras aderências intestinais. Existe hidronefrose à direita. (Prep. BASÍLIO FREIRE).

Vícios de conformação do útero

489. IMPERFURAÇÃO CONGÊNITA DO ÚTERO. — A peça é constituída pelo útero, do volume dum ovo grande de perua e pelos anexos dos quais o ovário direito tem um pequeno quisto. Não se lhe encontra o colo uterino, nem o orifício de comunicação do colo com a vagina.



Fig. 135. — Carcinoma do útero. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 136. — Carcinoma do útero. — Redução $\frac{1}{2}$.



[Fig. 137. — Sarcoma do útero.
— Redução $\frac{1}{3}$.

Esta secção do estudo tem por finalidade a de apresentar a obra de um autor, e não a sua pessoa, e por isso se trata de uma obra de crítica literária.

CAPÍTULO QUARTO

Processos da crítica
Processos literários

Este capítulo tem por finalidade a de apresentar a obra de um autor, e não a sua pessoa, e por isso se trata de uma obra de crítica literária. O estudo da obra de um autor deve ser feito de uma maneira que permita ao leitor conhecer o autor e a sua obra, e não apenas a sua pessoa.

Este capítulo tem por finalidade a de apresentar a obra de um autor, e não a sua pessoa, e por isso se trata de uma obra de crítica literária. O estudo da obra de um autor deve ser feito de uma maneira que permita ao leitor conhecer o autor e a sua obra, e não apenas a sua pessoa.

Este capítulo tem por finalidade a de apresentar a obra de um autor, e não a sua pessoa, e por isso se trata de uma obra de crítica literária. O estudo da obra de um autor deve ser feito de uma maneira que permita ao leitor conhecer o autor e a sua obra, e não apenas a sua pessoa.

Este capítulo tem por finalidade a de apresentar a obra de um autor, e não a sua pessoa, e por isso se trata de uma obra de crítica literária. O estudo da obra de um autor deve ser feito de uma maneira que permita ao leitor conhecer o autor e a sua obra, e não apenas a sua pessoa.

Está seccionado no sentido longitudinal e observa-se que a sua cavidade está cheia por um volumoso coagulo que o enche completamente e que as suas paredes estão muito hipertrofiadas não havendo dilatação das trompas.

CAPÍTULO QUARTO

Doenças dos anexos

Lesões inflamatórias

490. OVARITE-ESCLERO-QUÍSTICA. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 28). — Êste exemplar é constituído pelos dois ovários endurecidos e aumentados de volume, tendo ligados a si a metade externa das respectivas trompas. Estão abertos segundo o bordo posterior, mostrando serem formados de tecido compacto e resistente e tendo um dêles, próximo à extremidade externa, uma pequena cavidade quística. Separado dos ovários encontra-se um pequeno quisto do volume duma noz.

491. SALPINGO-OVARITE QUÍSTICA DUPLA. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 18). — Esta peça compõe-se dos dois ovários aumentados de volume. Um mantém ligada a trompa respectiva que está engrossada. No outro a trompa está tão coberta pela serosa a que sómente se vê o pavilhão e há um quisto do volume duma castanha. Ambos são notavelmente bosselados.

492. SALPINGITE-CRÔNICA PARENQUIMATOSA. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 29). — Os dois ovários com a porção terminal das respectivas trompas estão muito aumentados de volume, tendo o pavilhão de uma delas o dobro das dimensões do outro.

493. SALPINGITE SUPURADA, BILATERAL, COM ADERÊNCIAS. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 69). — Nesta peça encontra-se um útero de dimensões normais com os seus anexos. As paredes do útero são muito espessas. A face interna das suas paredes tem um aspecto granuloso notável sobretudo na cavidade do colo. Na face posterior do útero existe uma fenda em ângulo recto produzida pelo tumor. O ligamento útero ovárico esquerdo está cortado, mas o ovário está preso por parte da asa posterior do ligamento largo. As trompas sobretudo as direitas estão hipertrofiadas. O ovário direito está esclerosado.

494. OOFORO-SALPINGITE CRÓNICA COM FARTAS ADERÊNCIAS. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 70). — A trompa a que estão ligados pedaços do ligamento largo tem uma côr amarelo-claro, consistência dura e está dividida em cinco fragmentos, três próximamente iguais, os outros dois maiores também quasi iguais.

495. SALPINGO-OVARITE QUÍSTICA E HEMATO-SALPINGE. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 81). — Esta peça é composta por dois ovários, um dos quais tem em uma das suas faces um quisto do volume duma tangerina e cujas paredes são delgadas e escuras, sendo o outro completamente preto em um dos seus polos, e por um coagulo sanguíneo, de côr escura e aspecto carbonizado.

496. HEMATO-SALPINGE. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 54). — Esta peça é formada por fragmentos de diferentes dimensões, dum tecido mais ou menos sanguinolento proveniente de hemato-salpinge.

497. HEMATO-SALPINGE DUPLA. ANEXOS ADERENTES AO DOUGLAS. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 38). — Neste frasco existem: as duas trompas desigualmente hipertrofiadas, tendo a menor junto do pavilhão um quisto do tamanho duma pequena avelã; um ovário deformado, aumentado de volume, aberto, mostrando no seu interior uma pequena mancha avermelhada de um quisto do volume dum ôvo, com paredes delgadas.

498. HEMATO-SALPINGE VOLUMOSO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 30). — O saco do hemato-salpinge esquerdo, tem em um dos polos diversas elevações irregulares que dão a esta região um aspecto franjado.

499. HEMATO-SALPINGE ESQUERDO. ÚTERO MIOMATOSO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 23). — Nesta peça existe o útero com um pequeno mioma intersticial na espessura da parede anterior.

O pavilhão da trompa esquerda está transformado num saco aberto, cujas paredes são translucidas; a sua superfície externa é de côr amarela muito clara com manchas acastanhadas; internamente as paredes dêste saco tem o aspecto rugoso e manchas irregulares, sanguinolentas.

500. TUBERCULOSE PRIMITIVA DOS OVÁRIOS. — Êste exemplar foi colhido na autopsia duma doente que apresentava sinais de nefrite

crónica. Na autopsia notou-se que o grande epiploon e numerosas ansas intestinais se encontravam cheias de nódulos tuberculosos, aderindo o epiploon, na região da fossa ilíaca direita, às paredes do abdomen. O coecum estava todo invadido e aderente. Notou-se que o útero estava alongado e que as trompas sinuosas estavam tuberculizadas. O ovário direito sobretudo estava transformado numa volumosa caverna, donde, ao corte, se enucleou bastante pus caseoso; sucedeu o mesmo ao ovário direito.

Neoplasmas dos anexos

Quistos do ovário

501. QUISTO BILOCULADO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 82). — Êste exemplar é constituído por um saco de paredes delgadas levemente estrangulado na sua parte média. Cada uma dessas dilatações corresponde a um lóculo do quisto. Êstes lóculos comunicam por um orifício situado no septo que separa os dois lóculos.

502. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 78). — Êste exemplar está dividido em lóculos desiguais e irregulares por septos espessos. À superfície do quisto aderem restos de pequenas membranas friáveis e sanguinolentas.

503. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 77). — Esta peça é formada por um quisto do ovário com o volume dum punho, tendo aderente a respectiva trompa. Está junto o outro ovário esclerosado com a respectiva trompa.

504. QUISTO UNILOCULADO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 76). — Esta peça é constituída por um quisto unilocular cujas paredes tem uma côr castanho escuro. Na extremidade inferior do seu maior diâmetro, encontram-se rugosidades muito acentuadas que pareciam provir da outra cavidade quística. Separado do quisto encontra-se um ovário duro e esclerosado tendo ainda a trompa respectiva.

505. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 64). — No ovário esquerdo dêste exemplar encontra-se um saco de paredes grossas. Pesa vazio, 2,930 gramas. As paredes do quisto tem a espessura de um a quatro centímetros. O ovário tem aderente a trompa respectiva.

506. QUISTO UNILOCULADO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 58). — Êste exemplar tem o volume dum punho, é unilocular e tem a respectiva trompa.

507. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 53). — A superfície externa das paredes dêste quisto encontra-se irregularmente bosselada, castanho escura, encontrando-se ainda o pavilhão da trompa esquerda.

508. QUISTO DO OVÁRIO (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 48). — Êste exemplar que continha quatro litros de líquido tem aderente um pedículo constituído pela trompa esquerda e parte do ligamento largo do mesmo lado.

O ovário direito está esclerosado e com uma pequena cavidade quística a que adere uma pequena e sinuosa porção da trompa de FALÓPIO.

509. QUISTO DO OVÁRIO (fig. 138). (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 49). — As paredes dêste exemplar são escuras, a sua face externa apresenta-se muito vascularizada. O ovário esquerdo está aberto ao longo do bordo posterior. Junto da extremidade externa apresenta uma zona escura do tamanho duma avelã e com uma pequena cavidade.

510. QUISTO MULTILOCULADO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 41). — Quisto multiloculado com septos internos na espessura dos quais se encontra tecido areolar contendo muco. Existem isoladas as duas trompas, muito aumentadas de comprimento tendo aderentes os ovários respectivos, duros e esclerosados.

511. QUISTO DO OVÁRIO (fig. 139). (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 36). — Quisto unilocular, muito volumoso, de paredes amarelo escuro muito vascularizadas e tendo à sua superfície pequenas cavidades quísticas algumas das quais contem substância gelatinosa.

512. QUISTO DO OVÁRIO (fig. 140). (Colecção do prof. SOUSA REFOIOS, n.º 35). — Ê um volumoso quisto de superfície bosselada. Vê-se o pedículo com a trompa de FALÓPIO e o resto do ovário esclerosado do mesmo lado.

513. QUISTOS DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 27). — As paredes dos lóculos dêstes quistos são translucidas, menos



Fig. 138. — Quisto uniloculado do ovário direito e esclerose quística no ovário esquerdo. — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 139. — Quisto uniloculado. — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 140. — Quisto pediculado do ovário esquerdo. — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 141. — Quisto multiloculado do ovário direito. — Redução $\frac{1}{5}$.

First paragraph of faint text.

Left column of faint text in the first section.

Right column of faint text in the first section.

Text line separating the first and second sections.

Text line separating the second and third sections.

Left column of faint text in the second section.

Right column of faint text in the second section.

Text line separating the third and fourth sections.

Text line separating the fourth and fifth sections.

Text line separating the fifth and sixth sections.

Text line separating the sixth and seventh sections.

Text line separating the seventh and eighth sections.

Text line separating the eighth and ninth sections.

no lóculo maior em que são irregularmente espessas e estão internamente revestidas por muco concretado que lhe dá um aspecto rugoso e donde se desprendem massas de tecido com degenerescência mucoide e a que se seguem prolongamentos, soltos na cavidade, de tecido areolar nas malhas do qual se encontra tecido gelatinoso franjado, pendente em forma de cacho.

514. QUISTO DO OVÁRIO (fig. 141) (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 22). — Neste quisto dois dos lóculos são volumosos e tem as paredes delgadas e translucidas. O lóculo central está aberto, deixando ver os septos que limitam as cavidades dos diversos lóculos.

515. QUISTO DO OVÁRIO (fig. 142) (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 13). — O quisto do ovário direito tem as paredes muito delgadas e a côr castanho escuro.

No ovário esquerdo há um quisto do volume dum punho cheio duma substância escura com pontos mais claros, tendo o aspecto de mel concretado, muito fragmentado.

516. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 40). — Êste exemplar compreende uma porção de epiploon degenerado numa doente que foi operada de quisto ovárico coloide.

517. QUISTO DO OVÁRIO (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 7). — As paredes dêste quisto são finas e pouco vascularizadas. A sua cavidade está dividida por septos parciais em lóculos incompletos, no interior dos quais se encontram massas de aspecto coloide, tendo nalguns pontos o aspecto de couve-flor.

518. QUISTOS DOS OVÁRIOS (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 6). — O quisto esquerdo é enorme; o direito tem o volume dum punho. Tanto um como o outro tem as respectivas trompas. As suas paredes são muito delgadas.

519. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 5). — Conteúdo coloide dum quisto do ovário.

520. QUISTOS DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 4). — Êste exemplar é constituído pela reunião de quatro quistos dos quais o maior tem o volume duma laranja grande. Aderem uns aos outros segundo uma linha crucial em cujo ponto de cruzamento se encontra a trompa de FALOPIO e o respectivo pedículo.

521. QUISTOS DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 2). — Dos quistos do ovário direito, dois são volumosos e unidos por um pequeno ligamento sôbre o qual há um quisto do volume dum ôvo de galinha; sôbre um dêstes volumosos quistos, estão três pequenos situados junto do ligamento indicado. No ovário esquerdo há três quistos, um de forma ovoide com cerca de oito centímetros de comprimento, ligado a outros dois mais pequenos.

522. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 63). — Quisto multilocular de paredes finas em cuja face interna cheia de vilosidades se implantam pequenos e incompletos septos membranosos.

523. QUISTO UNILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — Êste exemplar é constituído por uma membrana quística em forma de saco tendo ainda anexa a respectiva trompa. As paredes são lisas, delgadas e egualmente grossas, apresentando uma côr branco-rosada.

524. — QUISTO UNILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — É um saco quístico com vários nódulos de consistência mole. Tem aderente a respectiva trompa.

525. QUISTO BILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — Êste exemplar tem a forma dum saco bilocado e tem a trompa aderente. Um dos lóculos está aberto deixando ver uma abundante massa gelatinosa na sua cavidade e disseminadas pela sua superfície interna vegetações de formas e dimensões irregulares com o aspecto de couve-flor.

O outro lóculo, fechado, tem líquido. A face externa dêstes sacos está revestida de vegetações avermelhadas; o seu pêso total é de 700 gramas.

526. QUISTO MULTILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — É um volumoso saco com uma larga abertura junto da trompa existente. A sua cavidade encontra-se dividida por septos membranosos em outros mais pequenos sôbre cujas paredes se encontram vegetações. É irregularmente bosselado, rugoso em toda a superfície congestionada.

527. QUISTO UNILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — É um saco, vasio, de paredes espessadas. Nos bordos das suas



Fig. 142. — Quistos do ovário.
— Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 143. — Quisto colóide do ovário. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 144. — Quisto dermoide do ovário.
— Redução $\frac{1}{3}$.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

aberturas encontram-se ainda parte dos ovários com pequenos quistos e a respectiva trompa, muito rugosa e esbranquiçada.

528. QUISTO MULTILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS).— Exemplar constituído por uma massa quística muito irregular com uma abertura por onde se notam diferentes lóculos, alguns dos quais com o conteúdo gelatinoso. A superfície externa é bosselada, em virtude das diferentes dimensões dos sacos quísticos.

529. QUISTO UNILOCULAR DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS).— É um saco cuja parede externa tem aderente a respectiva trompa e o seu canal condutor. Este saco tem na sua superfície interna, vegetações em couve-flor. A superfície externa é rugosa e tem a capacidade de 2.500 gramas.

530. — QUISTO UNILOCULAR DO OVÁRIO ESQUERDO. (Prof. DANIEL DE MATOS).— Este exemplar é constituído por um quisto do ovário esquerdo que se nos apresenta como um saco de paredes espessas, muito irregulares e de consistência dura nalguns pontos. Tem a capacidade de 1.500 gramas aproximadamente e nas suas paredes encontram-se vegetações em couve-flor.

531. QUISTOS DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS).— Esta peça é constituída pelos dois ovários, dos quais o direito pouco aumentado de volume e esclerosado se encontra separado. O ovário esquerdo está muito aumentado de volume, sinuoso, esclerosado e cheio de bosseladuras. Tem ligados vários quistos, sendo o maior do volume dum cabeça de feto, de paredes mais grossas no seu ponto de inserção e de superfície externa lisa, cheia de elevações e depressões.

532. — QUISTOS COLOIDES DO OVÁRIO (fig. 143). (Prof. DANIEL DE MATOS).— A peça representa um ovário de dimensões exageradas, tendo anexa a respectiva trompa e não podendo orientar-se convenientemente. Encontra-se seccionada em vários pontos, mostrando volumosos sacos quísticos. Além destes encontra-se um outro mais volumoso, de estrutura areolar, encerrando nas suas malhas uma substância gelatinosa, coloide.

533. QUISTO COLOIDE DO OVÁRIO, MULTILOCULAR. (Prof. DANIEL DE MATOS).— Este exemplar é dos mais antigos do Museu e nem porisso deixa de ser dos mais interessantes. É constituído por todos os órgãos sexuais externos e internos sôbre o ovário direito dos quais

se encontra um volumoso quisto multilocular. Um dos lóculos maiores continha líquido; o outro tem estrutura areolar e conteúdo coloide.

534. QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO. (Colecção de Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 19). — Êste exemplar tem as paredes translucidas. Dentro dêle há grande porção de cabelos e três dentes, unidos uns aos outros por substância dura.

535. — QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 65). — Exemplar de paredes lisas e brancas nuns pontos, amarelas e rugosas noutros, em geral delgadas, a não ser na região em que há cabelos que estão mais engrossadas. No interior dêste quisto encontram-se rolos formados por cabelos aglutinados por uma substância escura e mole e pequenos granulos esféricos que se desfazem e são escuros no seu interior. E finalmente, fragmentos achatados duma substância branca.

536. QUISTO DO OVÁRIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 79). Quisto unilocular do ovário de paredes delgadas contendo uma substância branca no centro da qual se encontra um aglomerado de cabelos. O quisto tem o volume dum punho.

537. QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — Esta peça é constituída por uma grande parte da vagina e pelo útero, tendo anexos as respectivas trompas e ovários e parte dos ligamentos largos e ligamentos redondos. No ovário esquerdo encontra-se um sacco quístico de forma oval, volumoso e aberto no sentido do eixo maior. As paredes, mais espessas junto do pediculo, adelgaçam-se até se tornarem extremamente finas. Dentro dessa cavidade existem vários cabelos e matéria sebacea.

538. QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO. — Êste exemplar é constituído por vários cabelos implantados num tecido escuro. É dos mais antigos do Museu, não podendo ver-se mais nenhum detalhe.

539. QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO. — Êste exemplar é constituído pelos anexos dum dos lados do útero, nos quais se nota a existência dum quisto do volume duma cabeça de feto; um pouco abaixo do pediculo do quisto encontram-se dois dentes unidos por uma substância que os cimenta. O segmento que representa a trompa está engrossado e tem um tumor de aspecto reniforme.

540. QUISTO DERMOIDE DO OVÁRIO (fig. 144). — Êste exemplar é constituído por uma cavidade quística de paredes espessas, encerrando no seu interior um dente e uma volumosa madeixa de cabelos. A sua forma é irregular e a sua superfície externa muito bosselada e irregular.

541. CANCRO COLOIDE DO OVÁRIO. (Prof. DANIEL DE MATOS). — Sôbre êste exemplar existe no n.º 2 da *Revista da Universidade*, memória detalhada de MARQUES DOS SANTOS.

Gravidez extra-uterina

542. GRAVIDEZ EXTRA-UTERINA (fig. 145). (Prof. COSTA SIMÕES). — Sôbre êste curioso exemplar existe uma memória original do falecido Prof. COSTA SIMÕES.

CAPÍTULO QUINTO

Doenças do penis

Tumores

543. EPITELIOMA DO PENIS. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 55). — Êste exemplar é constituído por uma glande a que se seguem dois a três centímetros do corpo do penis que está muito engrossado, chegando a ter onze centímetros de circunferência. O tumor está situado no prepúcio, junto do freio; estende-se pelo corpo do penis e tem o clássico aspecto da couve-flor.

544. EPITELIOMA DO PENIS. — Ê a porção anterior dum penis que foi amputado e cuja extremidade anterior volumosa mostra, na superfície inferior da região da glande, uma placa ulcerada com um orifício circular pelo qual irrompe uma massa tumoral com o aspecto de couve flor.

545. EPITELIOMA DO PENIS. — Sôbre a face lateral esquerda dum fragmento de penis encontra-se uma massa tumoral, que, tendo invadido o tecido do órgão faz saliência e cobre a pele que o avishna, invade a glande coberta parcialmente pelo prepúcio e os corpos cavernosos.

A superfície do tumor é formada de pequenas elevações acuminadas, intercaladas entre depressões que dão a toda a massa o aspecto duma característica couve-flor.

546. EPITELIOMA DO PENIS. — É um tumor que invade a glande em toda a sua extensão, estendendo-se mesmo para traz do sulco balano prepucial. Na região ventral, a pele do prepúcio, alterada e recortada, forma um carapuço à glande, tornada em um tecido esbranquiçado mole e friavel, que não excede o volume de um ôvo de galinha.

547. EPITELIOMA DO PENIS. — Êste exemplar é um tumor amarelado, lobulado, ocupando toda a glande, a parte dorsal do penis e a face lateral direita onde está mais desenvolvido. De consistência mole, invade a pele do prepúcio na sua metade lateral direita.

548. EPITELIOMA DO PENIS (fig. 146). — Esta peça é formada por um tumor, aproximadamente quadrangular, alongado no sentido antero-posterior, de aspecto mamilonado, invadindo a face dorsal e a parte superior das faces laterais do penis, estendendo-se mesmo até ao prepúcio. De consistência dura, mostra no corte sagital os corpos cavernosos invadidos pelo tumor.

549. EPITELIOMA DO PENIS. — Êste exemplar ocupa a face dorsal do penis, no qual se observa um pedaço da pele muito enrugada e sôbre ela uma ulceração eliptica cujo eixo maior é no sentido transversal. Tem o aspecto irregular formando em volta da glande um bordo espesso. De consistência pouco dura, mostra no corte, a invasão dos corpos cavernosos.

CAPÍTULO SEXTO

Doenças do testículo

550. ELEFANTIASIS DO ESCROTO E DO PREPÚCIO. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 61). — O escroto tem o volume dum punho, é duro, muito rugoso e a pele é escura. O prepúcio é mole e tem dez centímetros de comprimento.

Tumores do testículo

551. EPITELIOMA DO TESTÍCULO (fig. 147). — Êste exemplar é constituído pelo testículo revestido da sua túnica vaginal, tendo ainda também adherentes os outros envólucros compreendendo a pele. Está muito aumentado de volume com aderências dos dois folhetos da vaginal. Encontra-se seccionado por um golpe sagital o qual mostra



Fig. 145. — Gravidez extra-uterina. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 146. — Epitelioma do penis.
— Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 147. — Epitelioma do testículo.
— Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 148. — Paquivaginite hemorrágica.
— Redução $\frac{1}{5}$.

Este documento é uma cópia de um documento original que se encontra no Arquivo Nacional. O documento original é de propriedade do Estado e não pode ser vendido, alugado ou emprestado. A reprodução deste documento é feita apenas para fins de consulta e não pode ser utilizada para fins comerciais ou de lucro.

O documento original encontra-se no Arquivo Nacional sob o número de identificação de documentos 123456789.

Este documento é uma cópia de um documento original que se encontra no Arquivo Nacional. O documento original é de propriedade do Estado e não pode ser vendido, alugado ou emprestado. A reprodução deste documento é feita apenas para fins de consulta e não pode ser utilizada para fins comerciais ou de lucro.

O documento original encontra-se no Arquivo Nacional sob o número de identificação de documentos 123456789.

Este documento é uma cópia de um documento original que se encontra no Arquivo Nacional. O documento original é de propriedade do Estado e não pode ser vendido, alugado ou emprestado. A reprodução deste documento é feita apenas para fins de consulta e não pode ser utilizada para fins comerciais ou de lucro.

O documento original encontra-se no Arquivo Nacional sob o número de identificação de documentos 123456789.

Este documento é uma cópia de um documento original que se encontra no Arquivo Nacional. O documento original é de propriedade do Estado e não pode ser vendido, alugado ou emprestado. A reprodução deste documento é feita apenas para fins de consulta e não pode ser utilizada para fins comerciais ou de lucro.

O documento original encontra-se no Arquivo Nacional sob o número de identificação de documentos 123456789.

Este documento é uma cópia de um documento original que se encontra no Arquivo Nacional. O documento original é de propriedade do Estado e não pode ser vendido, alugado ou emprestado. A reprodução deste documento é feita apenas para fins de consulta e não pode ser utilizada para fins comerciais ou de lucro.

O documento original encontra-se no Arquivo Nacional sob o número de identificação de documentos 123456789.

que todo o testículo se transformou numa cavidade de paredes espessas com capacidade tal que excede a dum ovo de galinha. As paredes dessa cavidade anfractuosa tem o aspecto da couve-flor, atingem em certos pontos um centimetro, e são formados pelos restos do tecido próprio do testículo e pelas suas tunicas.

Vaginalites

552. PAQUIVAGINALITE HEMORRÁGICA (fig. 148). (MARQUES DOS SANTOS). — Êste exemplar é constituido pelos folhetos das tunicas testiculares; uma delas é tomentosa e está cheia de depósitos fibrinosos. Algumas membranas formam estratificações. Os vasos estão muito dilatados. Nas paredes das membranas encontram-se núcleos de hematoidina. A cavidade limitada pelas paredes devia conter 500 gramas de líquido, não obstante a falta de dados clínicos não permitir juízo completo.

Tuberculose do testículo

553. — TUBERCULOSE CAVITARIA DO TESTÍCULO DIREITO. (Prof. SERGIO CALISTO). — A peça é constituida por um testículo direito de volume superior ao normal e de consistência mole, tendo na sua extremidade postero-inferior um trajecto fistuloso, fazendo comunicar o tecido próprio do testículo, atravez da vaginal, com o exterior. Pela incisão feita no sentido antero-posterior, observa-se que o tecido próprio do testículo se encontra separado por um trajecto fibroso, dum zona muito mais mole e de aspecto caseoso.

554. TUBERCULOSE PRIMITIVA DAS BOLSAS (fig. 149). — Êste exemplar é constituido pela pele do escroto, enrugada, ulcerada, atravessada por vários trajectos fistulosos, glabra nos pontos que os limitam e não oferecendo nada mais digno de menção (COSTA FERREIRA).

CAPÍTULO SÉTIMO

Glandula mamária feminina

Tumores

555. FIBROMA DA MAMA. — Ê uma mama direita invadida por uma massa tumoral dura, de côr amarelo-cinzenta, tendo o comprimento máximo de dez centímetros; esta tem a forma dum laranja, adere à pele e é muito friavel. O neoplasma é revestido por uma bainha fibrosa, facilmente enucleavel.

556. FIBROMA DA MAMA (MARQUES DOS SANTOS). — Êste tumor é constituído por uma massa arredondada de pequenas dimensões, tendo cinco centímetros de comprimento por quatro de largo. É muito lobulado, tem a côr amarelo-esbranquiçada, com manchas escuras; tem a consistência dura e o aspecto fibroso.

557. ADENO-FIBROMA DA MAMA. — (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 71). — O tumor tem o volume duma castanha, é amarelo-claro, de consistência elástica nuns pontos e dura nos outros.

558. SARCOMA DA MAMA. (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 51). Consta esta peça duma porção de pele de forma eliptica, cujos eixos tem aproximadamente quinze centímetros o maior e sete o menor, a que está aderente uma massa tumoral, branca e dura envolvida por tecido adiposo.

559. SARCOMA DA MAMA. — Uma glândula mamaria pouco volumosa, extraída por forma a ter forma eliptica, invadida completamente por um neoplasma. Sôbre a face posterior da peça, por um incisão crucial, nota-se que o tumor é formado por um núcleo central do volume dum ôvo de pomba donde irradiam prolongamentos para o tecido celular sub-cutâneo. O máximo comprimento é de vinte centímetros por doze de largo. Na região mamilar existe tecido cicatricial, formando uma linha cheia de pequenas depressões, indicando com probabilidade o indício de antiga intervenção cirúrgica.

560. CARCINOMA DA MAMA (fig. 150). — Êste tumor dá à glandula o comprimento de vinte centímetros por seis de alto. Abaixo e à esquerda do mamilo encontra-se a pele ulcerada e em volta dêle uma aureola bem limitada, cinzento-azulada. A massa tumoral, dura e esbranquiçada examinada pela face posterior mostra-se porosa, mole, acinzentada, perfeitamente limitada por uma cápsula dura que a separa e a isola do resto do tecido glandular.

561. CARCINOMA DA MAMA (FREITAS COSTA). — Peça constituída pela região mamaria direita e esquerda, enucleada por um rectangulo cujo lado maior corresponde a uma paralela a uma transversal passando pelo umbigo.

A superfície de secção abrange não só a pele mas também o tecido celular sub-cutâneo, as costelas e o esterno.

A mama direita está levemente atrofiada, sobretudo nos quadrantes supero externo e supero interno onde existem elevações, umas trian-



Fig. 149. — Tuberculose primitiva das
bolsas; tuberculose do testículo.
— Redução $\frac{1}{3}$



Fig. 150. — Carcinoma da glandula mamaria ♀
— Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 151. — Carcinoma da glandula mamaria ♀. — Redução $\frac{1}{5}$.



The first part of the history of the...
The second part of the history of the...
The third part of the history of the...
The fourth part of the history of the...
The fifth part of the history of the...
The sixth part of the history of the...
The seventh part of the history of the...
The eighth part of the history of the...
The ninth part of the history of the...
The tenth part of the history of the...

THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...
THE HISTORY OF THE...

gulares, outras circulares, outras ovais, de tecido duro, esbranquiçado, difluente, depressível com o dedo, implantadas sobre um pele amarello-bronzeada.

A mama esquerda cujo mamilo está deslocado, para fora e para baixo, é constituída por uma massa arredondada, elevada e lisa na sua metade supero interna enquanto que em baixo, à direita e em cima do mamilo, se encontram destacando-se duma superfície rugosa elevações em couve-flor, duras, de tecido tumoral.

Êste exemplar, generalizou-se à base do crânio.

562. SARCOMA DA MAMA, DEGENERADO. (Prof. ÂNGELO DA FONSECA). — Êste exemplar é muito interessante. É constituído pela glândula mamaria, tendo de notavel na sua face posterior um tumor ovoide, alongado, branco, de consistência elástica, tendo na sua parte central degenerescência mixomatosa.

563. CARCINOMA PRIMITIVO DA MAMA (fig. 151). — Não poderá precisar-se se o tumor, foi inicialmente extirpado, para em seguida se reproduzir sobre a cicatriz. A peça conservada em sêco é constituída por um torax com todo o membro superior direito e ainda a porção inferior da região do pescoço. O tumor ocupa a região mamaria direita, prolonga-se para cima até junto da fossa supra espinhosa direita, caminha sobre a fossa claviclar esquerda, região mamaria esquerda, invadindo as camadas dos tecidos que revestem a região.

O tumor formado por lóbulos achatados que se unem pelos seus bordos teem saliências e elevações numerosas em volta da região mamária direita.

Em volta da mama esquerda observam-se pequenas vesículas amareladas, consistentes.

O antebraço e a mão estão edemaciados notavelmente.

LIVRO UNDÉCIMO

Lesões do sistema nervoso

CAPÍTULO PRIMEIRO

Doenças do cérebro

Anomalias

564. DUPLICIDADE ROLANDICA (COSTA FERREIRA). — Êste exemplar foi descrito em memória publicada no *Instituto* de Coimbra em 1902 — *Uma anomalia rara.*

565 e 566. **HIDROCEFALIA** — Existem dois exemplares completos. Os cérebros sãs acompanhados das seguintes legendas.

Cérebro pertencente à creança n.º 1

Dilatação considerável dos ventrículos. A massa cerebral está reduzida a uma lamina, cuja maior espessura é de treze milímetros, e a menor de três milímetros.

A quantidade de líquido seroso contido nas cavidades ventriculares excedia a um litro.

Cérebro pertencente à creança n.º 2

Dilatação considerável dos ventrículos. A massa cerebral está reduzida a uma lamina, cuja maior espessura é de treze milímetros, e a menor de 2 milímetros.

A quantidade de líquido seroso contido nas cavidades ventriculares regulava por um litro.

Lesões traumáticas

567. **HEMORRAGIA E CONGESTÃO CEREBRAL.** (Prof. ÂNGELO DA FONSECA). — Este exemplar provém dum individuo morto por explosão de pólvora. Notam-se bem neste cérebro vestígios quer da congestão, quer da hemorragia. O cérebro está dividido por cortes de PITRES em fragmentos de diversas espessuras.

568. **LACERAÇÃO DO CÉREBRO POR BALA DE REVOLVER.** (MARQUES DOS SANTOS). — O lóbulo ótico do hemisfério direito, no bordo que assenta sôbre a fossêta ótica encontra-se dilacerado, necrosado. A massa cerebral tem nêsse ponto uma coloração escura, café com leite, tendo a mancha assim constituida o tamanho duma moeda de cinco réis.

Abcessos do cérebro

569. **ABCESSO DO CÉREBRO.** (MARQUES DOS SANTOS). — Este exemplar representa um abcesso cerebral de origem traumática. Desenvolveu-se sobretudo em plena substância branca; tem forma irregular; o tecido circumvisinho da substância branca não o encapsulou e mostra lesões de amolecimento.

Esclerose cerebral

570. ESCLEROSE ATRÓFICA DO HEMISFÉRIO ESQUERDO.—Êste exemplar tem as circumvoluções motoras esquerdas atrofiadas e retraídas por forma a destruir-lhe o seu aspecto. Foi endurecido pelo bicromato, alcool e glicerina fenicada.

571. ESCLEROSE DOS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS (fig. 152).—Neste exemplar a atrofia é bilateral. Parece mesmo estender-se ao cerebello. Os detalhes são pouco apreciáveis em virtude da peça estar há muito conservada em alcool.

Tuberculose do cérebro

572. TUBERCULOS SOLITÁRIOS DO CÉREBRO.—(Substância branca).—*V. Movimento Medico*, memória de GERALDINO BRITES.

Tumores do cérebro

573. NEVROMA DO CÉREBRO.—Êste exemplar é formado por uma massa sensivelmente esférica, achatada e bosselada, do volume duma tangerina. Está separada duma outra massa de tecido cerebral de aspecto sensivelmente normal nuns pontos, mas invadida noutros por tecido de aspecto semelhante.

574. GLIOMAS DO CÉREBRO.—Êste exemplar foi endurecido pelo bicromato e tratamento consecutivo pela glicerina fenicada e mostra no lóbulo occipital do hemisfério direito uma elevação acuminada de tecido neoplásico que rompeu a aracnoidea e faz assim saliência e destaque do resto do tecido.

CAPÍTULO SEGUNDO

Doenças do cerebello

575. TUBERCULOS DO CEREBELO.—Estão desenvolvidos no lóbulo esquerdo e apresentam-se com volume variável. São bastante numerosos. A peça está conservada em alcool e não permite ver bem os detalhes que a constituem.

576. TUBERCULOS SOLITÁRIOS DO CEREBELO. (GERALDINO BRITES).—*V. Memória no Movimento Medico*.

CAPÍTULO TERCEIRO

Doenças da medula-espinhal

577 a 581. (fig. 155). — Existem cinco exemplares de medula espinhal, provenientes de casos de meningite cérebro espinhal, colhidos pelo Prof. ANGELO DA FONSECA e descritos por MARQUES DOS SANTOS na memória, *As alterações do sistema nervoso na meningite cérebro espinhal*, 1903.

CAPÍTULO QUARTO

Doenças das meninges

582. CONGESTÃO MENINGEA. — Existem as meninges cujos vasos muito injectados se desenham com nitidez.

583 e 584. MENINGITE PNEUMOCÓCICA. — Êstes dois exemplares são muito semelhantes. Em ambos se nota por toda a superficie das meninges uma espessa infiltração fibrino-purulenta, particularmente acentuada à volta dos vasos que se mostram congestionados.

585 e 586. MENINGITE TUBERCULOSA. — Nestes dois exemplares as lesões são idênticas e constituídas por granulações miliares, do tamanho de cabeças de alfinete e disseminados pelas membranas. No exemplar n.º 585 existia grande quantidade de pús nos ventrículos.

587. MENINGITE CRÓNICA. (MENINGITE ESPINHAL, fig. 153). — Existe conservado em sêco um exemplar de paquimeningite cervical hipertrófica. Os músculos da mão e do antebraço estão atrofiados. Há paralisia dos inter-ósseos e extensão forçada. Mão em garra.

(Encontra-se neste exemplar, junto da extremidade inferior do ante-braço, vestígio de ulceração, ou de tumor).

588 a 593. MENINGITES ESPECÍFICAS. — MENINGITE CÉREBRO-ESPINHAL EPIDÉMICA. — Existem seis exemplares colhidos pelo Prof. ANGELO DA FONSECA e descritos na memória de MARQUES DOS SANTOS publicada em 1903.

Tuberculose das meninges

594. TUBERCULO SOLITARIO DA DURA MATER. (GERALDINO BRITES). — (Veja. descrição no *Movimento Medico*).



Fig. 152. — Esclerose dos hemisférios cerebraes.
— Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. — 153. Paquimeningite cervical hipertrofica.
— Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 154. — Sarcoma da dura mater.
— Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 156 — Sarcoma do globo ocular. — Redução $\frac{1}{3}$.

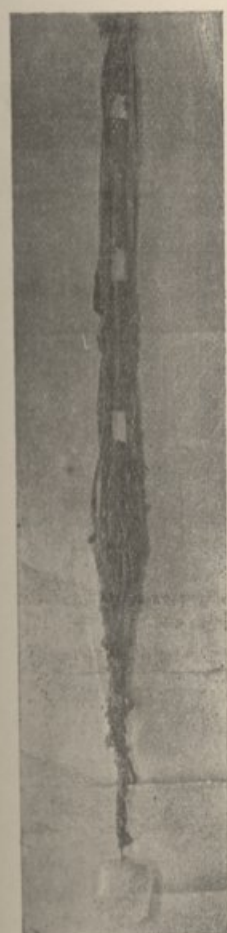


Fig. 155. — Espinhal medula de meninge cerebro espinhal — Redução $\frac{1}{2}$.

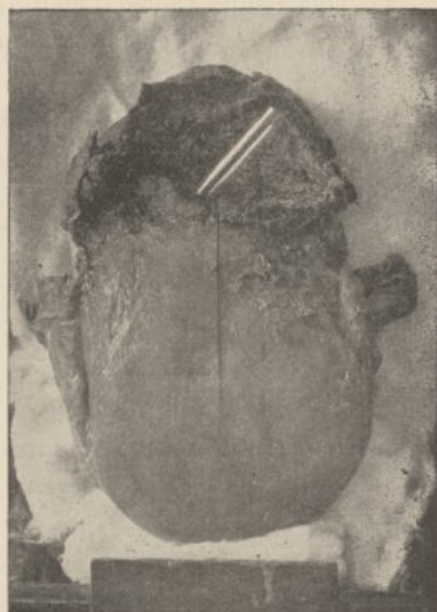


Fig. 157 — Rutura do utero em trabalho de parto.
— Redução $\frac{1}{2}$.

1870

1871

1872

Tumores das meninges

595. SARCOMA DA DURA MATER (Prof. LÚCIO ROCHA, fig. 154).—Este exemplar mostra-nos, na união do lobo frontal com o parietal direitos, a existência de uma massa de tecido tumoral, do volume duma tangerina e de consistência dura.

LIVRO DUODÉCIMO

Lesões dos órgãos dos sentidos

Globo ocular

596. SARCOMA DO GLOBO OCULAR (fig. 156). — É um globo ocular esquerdo seccionado. Sôbre toda a superfície da cornea encontra-se implantado um tumor de forma cilíndrica, granuloso e branco e de consistência dura.

597. GLOBO OCULAR COM CATARATA CRETÁCEA E PLACA ÓSSEA SUB-RETINIANA (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 57). — A descrição dêste exemplar foi publicada no *Movimento Medico* de 15 de abril de 1904.

598. SARCOMA MELANICO DO GLOBO OCULAR (Colecção do Prof. SOUSA REFOIOS, n.º 80).—Este exemplar é constituído por um pequeno globo ocular seccionado para mostrar a sua parte interna completamente invadida por uma massa tumoral escura, pouco dura, de consistência friavel que a análise histológica revelou ser de natureza melanosarcomatosa.

LIVRO DÉCIMO TERCEIRO

Obstetrícia

CAPÍTULO PRIMEIRO

Útero

599. INVOLUÇÃO UTERINA de 38 horas. — Este exemplar mostra ainda o útero cujas paredes estão engrossadas. O órgão está já diminuído de volume. Morte por eclampsia.

600. ÚTERO OITO DIAS POST-PARTUM. — Peça constituída pelo útero com os dois ovários e trompas respectivas; pela vagina, vulva e orifício anal. A peça encontra-se aberta segundo a linha média anterior e mostra-nos as paredes do corpo do útero bastante espessas com a mucosa não cicatrizada. O colo tem as paredes delgadas contrastando com as do corpo já espessadas. A superfieie interna do útero é irregular.

Ruturas do útero

601. RUTURA DO ÚTERO DURANTE O TRABALHO DE PARTO. (Prof. LÚCIO ROCHA, fig. 157). — Esta peça está conservada em sêco e compõe-se do útero bastante aumentado de dimensões e de espessura e dum segmento da vagina. O colo está muito adelgado em proporção com o resto do útero; a meio do seu adelgamento encontra-se um orifício circular, por onde se deu a rutura.

602. RUTURA DO ÚTERO DURANTE O TRABALHO DE PARTO. — Êste exemplar é constituído pelo útero cujo corpo está muito aumentado de volume e cujo colo muito adelgado mostra na face anterior uma perda de substância.

603. RUTURA DO COLO DO ÚTERO. — Êste exemplar está descrito em «Comunicação ao congresso de Madrid feita pelo Prof. DANIEL DE MATOS», *Dystocie du col uterin*.

604. PERFURAÇÃO DO ÚTERO. — Esta peça é constituída por um útero aberto segundo a linha média da face anterior. Tem anexos a trompa, parte dos ligamentos largo e ovárico esquerdo muito hipertrofiados e parte do ligamento tubo ovárico. Na parede do útero na altura do fundo do corpo, encontra-se uma abertura de bordos franjados congestionados, de trajecto sinuoso, fazendo comunicar o útero com a cavidade abdominal.

Conservação em líquido de KAISERLING.

605. PERFURAÇÃO DO ÚTERO. — Peça constituída pelo útero com as trompas, ovários, ligamentos redondos e tendo além disto a vagina, o rectum, parte do S. Iliaco e também parte das paredes da bexiga. A peça encontra-se aberta no fundo do útero segundo uma linha transversal, mostrando o aspecto da mucosa e em cuja cavidade existem vestígios de inserção placentar. Na parede posterior, junto ao colo do útero encontra-se um grande orifício de contornos irregulares. A peça tem uma côr sensivelmente escura e o pêso de 650 gramas.

Conservação em líquido de KAISERLING.



Fig. 158. — Placentas duplas. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 159. — Calculo vesical coralliforme; pesa 22 gramas.
(tamanho natural)



Fig. 160. — Calculo vesical formado em volta de um gancho de cabelo.
(Tamanho natural)

CAPÍTULO SEGUNDO

El presente capítulo se divide en tres secciones: la primera, que trata de las obras de literatura y arte que se publicaron en el año 1910; la segunda, que trata de las obras que se publicaron en el año 1911; y la tercera, que trata de las obras que se publicaron en el año 1912. En cada una de estas secciones se dan los títulos de las obras, el autor o autores, el editor, el lugar de publicación y el año de publicación. Además se dan algunos datos sobre el contenido de las obras y sobre el valor de las ediciones.

En el presente capítulo se dan los títulos de las obras de literatura y arte que se publicaron en el año 1910, 1911 y 1912. En cada una de estas secciones se dan los títulos de las obras, el autor o autores, el editor, el lugar de publicación y el año de publicación. Además se dan algunos datos sobre el contenido de las obras y sobre el valor de las ediciones.

En el presente capítulo se dan los títulos de las obras de literatura y arte que se publicaron en el año 1910, 1911 y 1912. En cada una de estas secciones se dan los títulos de las obras, el autor o autores, el editor, el lugar de publicación y el año de publicación. Además se dan algunos datos sobre el contenido de las obras y sobre el valor de las ediciones.

CAPÍTULO SEGUNDO

Placenta

606. **INSERÇÃO CENTRAL DA PLACENTA.** — Esta peça é constituída por um útero, de paredes adelgadas e de cavidade volumosa, ao qual estão ainda anexadas as trompas, ovários, ligamentos largos e redondos. Tem anexa também a parte superior da vagina e resulta da autopsia dum cadaver de doente morta de complicações de placenta prévia central. A peça pesa 1.020 gramas.

Conservação em líquido de KAISERLING.

607. **INSERÇÃO PLACENTAR.** — Peça representando um útero incompleto, de grandes dimensões, com as suas paredes bastante delgadas, vendo-se ainda os dois ovários e as respectivas trompas e parte da parede vaginal.

Pela face interna encontra-se nitidamente a placenta e o cordão umbilical na extensão de quatro decímetros, inserido à direita junto do colo uterino.

Conservada em sêco.

608. **PLACENTAS DUPLAS** (fig. 158). — Peça representando duas placentas, independentes, com os seus respectivos cordões umbilicais. Os dois sacos encostam-se formando um único septo. A peça tem a superfície de dois decímetros quadrados e pesa 330 gramas.

Conservação em sêco.

609. **PLACENTA DUPLA.** — Uma das peças representa um placenta dupla, de volume e forma sensivelmente igual, tendo cada uma delas ainda aderentes as paredes dos respectivos sacos e a inserção dum dêles junto do bordo da placenta.

Conservação em sêco.

610. **PLACENTA DE GRAVIDEZ DUPLA.** — Peça formada pela placenta dupla com os respectivos cordões umbilicais, sendo para notar a desigualdade de superfície. Os dois sacos estão unidos formando um septo pouco espesso.

Conservação em sêco.

611. **PLACENTA DUPLA EM PARTO SIMPLES.** — Esta placenta tem um

único cordão bifurcado um pouco antes do ponto de inserção. Tem a forma quadrangular e pesa 325 gramas.

Conservada em sêco.

612. PLACENTA PRÉVIA CENTRAL. — Placenta prévia de forma circular tendo o cordão umbilical implantado num dos seus bordos e aderindo ainda a parte das paredes do saco. A peça tem o pêso total de 450 gramas, tem uma côr escura, os cotiledones estão muito friáveis e dilacerados.

LIVRO DÉCIMO QUARTO

Patologia exótica

CAPÍTULO PRIMEIRO

Peste bubónica

Exemplares descritos na dissertação inaugural do Prof. ANGELO DA FONSECA — *A peste*.

Bubões

613. BUBÃO CRURAL. — Caso n.º 1.

614. BUBÃO CRURAL. — Caso n.º 25.

615. BUBÃO. — Caso n.º 13.

616. BUBÃO. — Caso n.º 21.

617. BUBÃO AXILAR.

618. BUBÃO AMIGDALINO E RETROMAXILAR.

619. BUBÃO AMIGDALINO E RETROMAXILAR.

620. BUBÃO SUPRA-EPITROCLEANO.

621. BUBÕES MESENERGICOS.

622. BUBÃO SUPRA-PANCREATICO.

Pele

623. PELE. — Caso n.º 9.
624. PELE, VESICO-PUSTULAS.
625. ANTRAZ DO MALEOLO ESQUERDO.
626. CARBUNCULO.

Traqueia

627. Caso n.º 23. — Manuel Ferreira — Traqueite.

Este exemplar constituído pela metade esquerda da traqueia, mostra esta com a mucosa ruborisada em toda a sua extensão, com ulcerações esbranquiçadas e de dimensões variáveis, fazendo saliência no resto da mucosa.

Pulmão — Pneumonia pestosa primitiva

628. Caso n.º 5. — Rosa, creada do Hospital.
629. Caso n.º 12. — Francisco Pinto.
630. Caso n.º 14. — Rua dos Bragas.
631. Caso n.º 14. — Rua dos Bragas.
632. Caso n.º 6. Bronco-pneumonia secundária. — Elvira Paulo.
633. Caso n.º 13. — Elvira Rosa.
634. Caso n.º 3. — Bronco-pneumonia.
635. Caso n.º 1 — Pulmão com bronco-pneumonia e petequias sub-pleurais.
636. Caso n.º 10. — Bronco-pneumonia com formação de cavernas.
637. Caso n.º 23. — Pulmão, pleuro-pneumonia.
638. Caso n.º 23. — Pulmão, pleuro-pneumonia.

Rins

639. NEFRITE AGUDA. — Tipo congestivo e hemorrágico. Caso n.º 1.

640. PETEQUIAS SUB-CAPSULARES. Caso n.º 2.
641. Caso n.º 7. RIM, NEFRITE. — Sufusões sanguíneas sub-capsulares. Uretera cheia de sangue.
642. Caso n.º 11. RIM. — Nefrite aguda. Tipo degenerativo e necrótico.
643. Caso n.º 16. RIM. — Nefrite tipo congestivo e hemorrágico.
644. Caso n.º 21. RIM. — Nefrite, tipo degenerativo.
645. Caso n.º 22. RIM. — Tipo congestivo e hemorrágico.
646. Caso n.º 17. BEXIGA — Petequias.
647. CAPSULA SUPRA-RENAL hipertrofiada.
648. TREVO APONEVRÓTICO DO DIAFRAGMA COM PETEQUIAS.

Estomago

649. ESTOMAGO COM PETEQUIAS MUCOSAS.
650. ESTOMAGO COM VESICULAÇÕES.
651. ESTOMAGO COM NODOAS HEMORRÁGICAS.
652. ESTOMAGO COM PETEQUIAS.

Intestinos

653. PETEQUIAS DO INTESTINO.
654. VESICULAÇÕES.

Figado

655. N.º 1. — FIGADO COM HEPATITE EPITELIAL.
656. N.º 2. — FIGADO. — Caso n.º 7.
657. N.º 3. — FIGADO. — Caso n.º 25. Aurora Gonçalves.

658. — FIGADO. CASO n.º 26.

659. N.º 4. — VESÍCULA BILIAR COM PETEQUIAS.

Baço

660. N.º 1. — BAÇO HIPERTROFIADO E MOLE.

661. N.º 2. — CASO n.º 12. — BAÇO.

662. N.º 3. — BAÇO HIPERTROFIADO E FRIAVEL.

663. N.º 4. — BAÇO HIPERTROFIADO. CASO n.º 14. O corte apresenta uma côr vermelho-cereja, salpicada de pequenas nodoas brancas.

664. UM PEQUENO FRAGMENTO DO BAÇO de Aurora Gonçalves. CASO n.º 15.

665. BAÇO AUMENTADO DE VOLUME de Elisa Paulo. CASO n.º 20.

666. BAÇO COM ESPLÊNITE. Manuel Ferreira. CASO n.º 23.

LIVRO DÉCIMO QUINTO

Teratologia

CAPÍTULO PRIMEIRO

Anomalias de formação e de desenvolvimento

Face

667. LÁBIO LEPORINO SIMPLES.

668. LÁBIO LEPORINO. Eventração.

669. LÁBIO LEPORINO DUPLO. Fenda complexa.

670. LÁBIO LEPORINO. Fenda dupla. Polidactilia.

Abdómen

671 a 674. EVENTRAÇÕES. — Uma no triangulo de Petit.

Orgãos sexuais

675. DESINVOLVIMENTO ANORMAL DO CLITORIS.
676. EXENCEFALIA COM BRIDAS AMNIÓTICAS.
677. TUMOR CONGÉNITO SACRO-COCIGEO EM FETO DE SETE MESES.
- 678 a 681. MOLAS HIDATIFORMES.

CAPÍTULO SEGUNDO**Monstruosidades****Monstros unitários autotos**

682. ECTROMELIANOS. — Ectromelo.
- 683 e 684. EXENCEFALIANOS. — Notencefalos.
685. EXENCEFALIANO. — Podencefalo.
686. PODENCEFALO. — Iniencefalo.
- 687 a 689. PSEUDENCEFALIANOS. — Pseudencefalo.
690. ANENCEFALIANOS. — Derencefalo.
- 691 a 694. ANENCEFALOS.
695. CICLOCEFALIANOS. — Rinocefalo.

Monstros duplos

696. ENSOMFALIANOS. — Cefalopago.
- 697 a 699. MONONFALIANOS. — Xifopagos.
- 700 e 701. ESTERNOPAGOS.
702. HEMIPAGO.
- 703 a 705. SICEFALIANOS. — Sinotos.



Fig. 161. — Calculo vesical pesando 180 gramas.
(Tamanho natural).



Fig. 164. — Calculo renal; pesa 198 gramas.
(Tamanho natural).



Fig. 162. — Interessante exemplar de calculo da bexiga. (Tamanho natural).

707 a 742. Além dos exemplares já mencionados, existem 35 exemplares de dentes que foram recolhidos em algumas das épocas de desampliação do Museu de Anatomia Patológica e que tem merecido especial cuidado de conservação. Costa.

Existem também muitos e variados exemplares de dentes que foram recolhidos em algumas das épocas de desampliação do Museu de Anatomia Patológica e que tem merecido especial cuidado de conservação. Costa.

LIVRO DECIMO SEXTO

Cálculos

Cálculos do aparelho urinário

Cálculos vesicais

- 743. A. C. R. de 19 anos. Pesa 12 grammas. Cor de café, superfície irregular e forma de um ponto triangular.
- 744. J. R. de 7 anos. Pesa 4 grammas. Cor de café, superfície rugosa.
- 745. A. S. de 10 anos. Pesa 7 grammas. Cor de café, branco na região central, esférico, mole.

706. SISOMIANOS. — Derodimo.

707 a 742. Além dos exemplares descritos existem ainda no Museu 43 exemplares de embriologia constituindo uma colecção completa das épocas de desenvolvimento do feto desde um mês até ao termo e que tem merecido especial cuidado do segundo Assistente FREITAS COSTA.

*

Existem também muitos e valiosos exemplares de cálculos, a maioria dos quais foi oferecida ao Instituto de Anatomia Patológica pelo falecido e ilustre médico JOSÉ BRUNO TAVARES CARREIRA, por intermédio do Sr. Prof. LUIS VIEGAS.

Aquele exímio cirurgião de vias urinárias praticando a talha hipogástrica com sucesso mesmo a menores de dois e meio anos de idade, conseguiu obter a mais valiosa colecção que conhecemos e enriquecer depois, como aluno gratíssimo para com a escola em que se instruiu, com a sua oferta, o Museu de Anatomia Patológica.

Tão raros e tão formosos são os exemplares na sua maioria que desistimos da ideia da sua análise química, único processo de uma boa classificação.

Limitamo-nos a dispô-los segundo os aparelhos a que pertencem e a indicar os seus caracteres gerais.

LIVRO DÉCIMO SEXTO

Cálculos

Cálculos do aparelho urinário

Cálculos vesicais

743. J. C. R. de 19 anos. Pesa 14 gramas; côr de café; superfície irregular e forma de um polipo coralífero.

744. J. R. de 7 anos. Pesa 4 gramas, branco amarelado, ovoide, superfície rugosa.

745. A. S. de 10 anos. Pesa 7 gramas; amarelo ocre na periferia; branco na região central, esférico, mole.

746. M. J. V. de 6 anos. Pesa 2 gramas; amarelo ocre, rugoso mole.
747. T. J. de 15 anos. Pesa 13 gramas; ovoide, amarelo avermelhado, rugoso.
748. M. M. de 5 anos. Pesa 13 gramas, branco, rugoso, ovoide.
749. A. T. de 10 anos. Pesa 22 gramas, côr de café, coraliforme, (fig. 159).
750. ? Pesa 9 gramas, irregular, amarelado, coraliforme.
751. J. O. de 2 e meio anos. Pesa 1 grama: oval, liso e levemente amarelado.
752. A. S. B. de 15 anos. Pesa 8 gramas; amarelo claro, irregular, rugoso.
753. J. V. M. de 12 anos. Pesa 14 gramas; esbranquiçado, ovoide.
754. A. C. de 16 anos. Pesa 19 gramas: mais ou menos esférico, achatados nos polos.
755. A. J. de 5 anos. Pesa 14 gramas, branco amarelado; irregular, rugoso e sensivelmente esférico.
756. M. M. de 3 e meio anos. Pesa 6 gramas; côr de café com leite, esférico, liso.
757. ? de anos. Pesa 4 gramas; côr de café com leite, rugoso, duro, irregular coraliforme.
758. M. M. de 17 meses. Pesa 2 gramas; triangular e de superfície irregular e amarelada.
759. M. B. de 18 anos. Pesa 13 gramas; castanho claro; rugoso, oval, duro.
760. M. P. de 8 anos. Pesa 15 gramas; branco, irregular, coraliforme.



Fig. 163.—Volumoso calculo da bexiga. (Tamanho natural)

1870

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

761. ? de 8 anos. Pesa 8 gramas; escuro, alongado e pouco duro.

762. ? de 12 anos. Pesa 7 gramas; sensivelmente esférico; rugoso.

763 e 764. A. C. de 4 anos. Dois cálculos pesando o maior 6 gramas, branco cinzentos.

765. L. M. de 15 anos. Pesa 26 gramas; côm de café com leite; rugoso.

766. G. C. de 4 anos. Pesa 3 gramas; amarelado, rugoso, elíptico.

767 e 768. J. M. de 2 anos. Dois exemplares amarelo claros, lisos e alongados.

769. ? de 12 anos. Pesa 6 gramas; amarelo e sensivelmente arredondado.

770. M. dos P. de 15 anos. Cálculo vesical formado à volta de um gancho do cabelo. Talha hipogástrica (fig. 160). Na figura vê-se o exemplar em tamanho natural o que dispensa qualquer outra referência.

771 a 787. Dezasseis exemplares de dimensões variáveis desde 1 a 20 gramas; branco amarelados pouco consistentes e pouco rugosos.

788. F. J. T. de 23 anos. Talha hipogástrica (fig. 161) o exemplar fotografado em tamanho natural atinge o peso de 180 gramas.

789. M. M. de 57 anos, operado em talha (fig. 162). Interessante exemplar de cálculo decomponível em quatro fragmentos. É bastante duro, branco cinzento. A fotografia é em tamanho natural.

790 a 810. Vinte exemplares de dimensões diversas. São extremamente duros, constituídos por camadas concêntricas dispostas à volta dum núcleo central.

811. A. G. F. de 54 anos. Talha hipogástrica. Êste exemplar

é o mais volumoso da colecção. Vai reproduzido em tamanho natural (fig. 163). Branco amarelado, pouco consistente. Pesa 150 gramas.

812. Quarenta pequenos cálculos encontrados na autopsia de um velho de 81 anos morto de enterite. Dois dêles estavam encravados na mesma célula vesical.

Cálculos renais

813 a 823. Existem dez exemplares de agrupamentos de cálculos tanto do bassinete como de concreções encravadas no próprio parenquima do rim.

824. M. M. de 28 anos. Colheita de autopsia. Morte por uremia. O cálculo (fig. 164) também reproduzido em tamanho natural pesa 198 gramas e é um molde perfeito dum bassinete dilatado.

Cálculos rostáticos

825. A. P. Cálculo com 6 gramas de pêso. Botoeira perineal.

826 a 830. Três exemplares colhidos em autopsia, num abcesso da prostata.

Cálculos uretrais

831 a 834. Seis exemplares de cálculos da uretra. Um dêles extraído à pinça é alongado, revestido dum vidrado avermelhado e leva-nos a crer ter tido origem em outro segmento do aparelho urinário.

Cálculos do aparelho digestivo

835 e 836. Afóra os já indicados quando se fez a descrição dos exemplares referentes a êste aparelho, encontram-se ainda nesta colecção, alguns exemplares de cálculos das glandulas salivares 835 e 836, e outros do figado 837 a 840 e da vesicula biliar.

MARQUES DOS SANTOS.

ALBERTO PESSOA.

Miscelânea

HISTORIA DA SCIÊNCIA NÁUTICA PORTUGUESA NA ÉPOCA DAS DESCOBERTAS

Autorizado por portaria de 29 de dezembro de 1913, está o Sr. Joaquim Bensaude tratando, por conta do Governo português, da reprodução em *fac-simile* de uma série de raridades bibliográficas que veem esclarecer a história da ciência náutica na época dos descobrimentos portugueses, até agora tão obscura.

A primeira obra reproduzida foi o *Regimento do estrolabio e do quadrante e Tractado da spera do mundo*, de que existe o exemplar único da Biblioteca real de Munich. Desta obra se ocupou o Prof. Luciano Pereira da Silva no *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, pág. 527.

Já está também feita a reprodução do *Tratado del esphera y del arte del marear*, compuesto por Francisco Faleiro, natural del reyno de Portugal, Sevilha, 1535. Este livro, escrito por um piloto português para uso dos hespanhoes, é o mais importante tratado de navegação até então aparecido.

Uma e outra reprodução *fac-simile* foram executadas em Munich com uma arte admirável. Muito brevemente vão ficar também prontas as reproduções do *Almanach perpetuum*, por Abraham Zacuto, Leiria, 1496, e o *Tratado da sphera*, por Pedro Nunes, Lisboa, 1537.

Seguir-se hão depois o *Tratado da spera do mundo e Regimento do astrolabio*, exemplar da Biblioteca de Evora, e o *Reportorio dos tempos* por Valentim Fernandes, Lisboa, 1563.

Estas obras, que o Sr. Joaquim Bensaude fará seguir de estudos próprios reunidos num volume, serão largamente distribuídas pelas principais Bibliotecas do mundo, ficando assim ao alcance dos investigadores. Tornar-se há desta forma bem patente o saber náutico dos descobridores portugueses, que não descobriram só novas terras e novos mares mas descobriram também os processos de navegar pela observação dos astros.

APRECIÇÃO LISONGEIRA

No relatório de uma excursão de estudo dos alunos da Faculdade de Medicina do Porto a Lisboa e Coimbra, publicado no Anuário desta Faculdade, relativo ao ano lectivo de 1913-1914, leem-se as seguintes palavras:

«Embora Lisboa possua instalações superiores, é de toda a justiça arquivar a agradável impressão que me deixou a Universidade de Coimbra, onde há dedicações, esforços e um espírito de união bem orientados, capazes de transformar e modernizar todas as suas dependências e secções. E na realidade a Universidade e especialmente a sua Faculdade Médica, a que mais nos interessava, está sofrendo tais

transformações e ampliações, que dentro em breve deve constituir um centro científico homogéneo, indestrutível, com amplas condições de vida e progresso. Quem a vizitar então convencer-se há, como eu já me convenci, de que a Universidade de Coimbra não pode ser extinta, desmembrada ou reduzida, mas tam somente protegida para que frutifiquem as suas energias, o entusiasmo dos seus professores e as esplêndidas e belas condições da sua existência».

Registamos jubilosamente estas palavras.

INQUÉRITO DA «SCIENTIA» SOBRE A GUERRA

A importante revista italiana *Scientia* abriu um notável inquérito sobre a guerra. Trata-se nesse inquérito, não de imitar a imprensa quotidiana e de apoucar este grandioso acontecimento, o maior talvez de toda a história, atribuindo-o superficialmente ao Kaiser ou ao Tzar, ou a esta ou aquela personagem politica, mas de registar e analisar as causas profundas, os factores sociológicos poderosos, que tornaram inevitável este doloroso cataclismo. É, pois, uma investigação *objectiva, serena e científica* destas causas e destes factores, não somente dum grande interesse científico, mas também duma suprema e vital importância prática, visto desta análise se poder deduzir em que condições e de que modo a guerra actual nos poderá preservar doutros flagelos semelhantes no futuro, para bem da humanidade e da civilização.

Já depozeram neste inquérito Lévy-Bruhl, Ashley, Wundt, Pareto, Collins, Meyer, Landry, Lodge e Von Below. Oxalá que êle contribua para preparar uma nova era de paz e de solidariedade entre os povos de todos os países civilizados, e para predispor os espíritos da *élite* intelectual do mundo para o regresso aos antigos sentimentos de fraternidade humana.

NOVA REFORMA DO ENSINO BRAZILEIRO

A reforma do ensino brasileiro de 5 de abril de 1911, obedecendo ao princípio da *desoficialização do ensino*, não deu os resultados esperados. Daí a necessidade de uma nova reorganização do ensino, que acaba de ser estabelecida pelo decreto de 18 de março de 1915. Caracteriza-se esta reforma por uma fiscalização mais apertada do Estado sobre o ensino e por um conjunto de providências tendentes a impedir abusos que anteriormente se davam à sombra do regimen de liberdade sancionado pela legislação de 1911. É assim que, por exemplo, perde um terço dos vencimentos, durante o primeiro trimestre do ano immediato, o professor que, em exercicio do cargo, não leccionar pelo menos duas terças partes do programa do curso por êle dirigido (art. 126.º). Alargam-se as funções dos directores, que ficam sendo os fiscaes do govêrno, por êle livremente nomeados dentre os professores de cada instituto de ensino (artt. 113.º e seg.).

É prohibido também aos professores manter no edificio da Academia curso particular da cadeira que lecciona, frequentado por alunos da mesma cadeira, salvo se provarem haver concedido a estes a frequência gratuita (art. 57.º).

O ensino tornou-se mais completo. O direito comercial compreende dois anos, estendendo-se no primeiro até às sociedades, contratos e falências, e estudando-se no segundo o direito marítimo. O direito penal também compreende

dois anos, como na Itália, versando o segundo exclusivamente sobre sistemas penitenciários e direito penal militar (art. 179.º).

O ensino tornou-se mais prático. Assim, o processo civil, além da parte teórica, compreende um curso essencialmente prático, em que os alunos aprendem a redigir actos jurídicos e a organizar a defesa dos direitos (art. 175.º).

Há um exame para admissão nos institutos superiores, denominado *vestibular*. Consta de provas escritas e orais. As primeiras consistem na tradução de um trecho fácil de um livro de literatura francesa e de outro de autor clássico alemão ou inglês, sem auxílio de dicionário. As provas orais versam sobre Elementos de Física e Química e História Natural, nas Escolas de Medicina; sobre Matemática Elementar, na Escola Politécnica; e sobre História Universal, Elementos de Psicologia e de Lógica e de História da Filosofia, por meio da exposição das doutrinas das principais escolas filosóficas, nas Faculdades de Direito (artt. 81.º e 82.º).

REPATRIAÇÃO DE EMIGRANTES

Não havia até agora elementos alguns positivos para se poder determinar a repatriação dos nossos emigrantes. Calculava-se essa repatriação, em todo o caso, em 20% da nossa emigração. A Direcção Geral de Estatística acaba de inserir no último movimento da população por ela publicado de 1909 a 1913, alguns dados que podem esclarecer esta questão. É a estatística dos passageiros desembarcados nos portos de Leixões e Rio Douro, Lisboa e ilhas no ano de 1913. Os passageiros portugueses desembarcados nestes portos e viajando em 3.ª e 4.ª classes elevam-se a 35:604. Somente do Brazil vieram nada menos de 26:991. A repatriação fez-se, por isso, neste ano numa mais vasta escala do que se calculava.

MOVIMENTO DO PESSOAL UNIVERSITÁRIO DESDE 1 DE JANEIRO A 31 DE MARÇO DE 1914

Faculdade de Letras

Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, nomeado professor da cadeira de Estética e de História da arte anexa ao Museu Machado de Castro, por Decreto de 28 de novembro de 1914 (*Diário do Governo*, II série, n.º 20, de 25 de janeiro de 1915), e ratificado por Decreto de 20 de fevereiro de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 56, de 10 de março). Posse em 27 de janeiro.

Faculdade de Direito

Dr. Joaquim Pedro Martins, transferido para a Faculdade de Estudos Sociais e de Direito da Universidade de Lisboa, por Decreto de 14 de janeiro de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 14, de 18 de janeiro).

Dr. Alberto da Cunha Rocha Saraiva, transferido para a Faculdade de Estudos Sociais e de Direito da Universidade de Lisboa, ficando em comissão, até ao fim do presente ano escolar de 1914-1915, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, por Decreto de 16 de janeiro de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 28, de 4 de fevereiro; e despacho ministerial de 17 de março de 1915, comunicado à Reitoria pela Repartição da Instrução Universitária, em officio n.º 868, liv. 2.º, de 18 de março).

Dr. Manuel Paulo Merêa, nomeado professor ordinário do 1.º grupo da Faculdade de Direito, por Decreto de 6 de fevereiro de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 43, de 23 de fevereiro). Posse em 24 de fevereiro.

Dr. Domingos Fezas Vital, nomeado assistente do 3.º grupo da Faculdade de Direito, por Decreto de 6 de março de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 64, de 19 de março). Posse em 20 de março.

Dr. João Maria Telo de Magalhães Colaço, nomeado assistente do 3.º grupo da Faculdade de Direito, por Decreto de 6 de março de 1915 (*Diário do Governo*, II série, n.º 64, de 19 de março). Posse em 20 de março.

Faculdade de Medicina

B.º Feliciano Augusto da Cunha Guimarães, nomeado 1.º assistente da 3.ª classe, por Decreto de 19 de dezembro de 1914 (*Diário do Governo*, II série, n.º 3, de 5 de janeiro de 1915). Posse em 12 de janeiro.

Por Decreto de 21 de novembro de 1914 (*Diário do Governo*, II série, n.º 6, de 8 de janeiro de 1915), foram reconduzidos os seguintes assistentes:

- 1.ª classe: — Maximiano José de Moraes Correia, no lugar de 2.º assistente provisório.
- 2.ª » — B.º Carlos Augusto da Costa Mota, no lugar de 2.º assistente provisório.
- 4.ª » — B.º Mário Martins Ribeiro, no lugar de 2.º assistente provisório.
- 5.ª » — B.º Afonso Augusto Pinto, no lugar de 1.º assistente provisório.
— Vergílio Joaquim de Aguiar, no lugar de 2.º assistente provisório.
— Júlio Coutinho de Sousa Refoios, no lugar de 2.º assistente provisório.
- 6.ª » — B.º Álvaro Fernando de Novais e Sousa, no lugar de 1.º assistente provisório.
- 7.ª » — B.º Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, no lugar de 1.º assistente provisório.
- 8.ª » — B.º António Luís de Moraes Sarmento, no lugar de 1.º assistente provisório.
— B.º Alberto Moreira da Rocha Brito, no lugar de 1.º assistente provisório.

Faculdade de Ciências

Por Decreto de 21 de novembro de 1914 (*Diário do Governo*, II série, n.º 6, de 8 de janeiro de 1915), foram reconduzidos os seguintes assistentes:

- 1.ª secção — Dr. Diogo Pacheco de Amorim e João Pereira da Silva Dias, nos lugares de 2.ª assistentes provisórios do 1.º grupo.
— Dr. José Custódio de Moraes, no lugar de 2.º assistente provisório do 2.º grupo
- 2.ª » — José da Silva Santos, no lugar de 1.º assistente provisório do 2.º grupo.
— João Francisco Cavaco, no lugar de 2.º assistente provisório do 2.º grupo.
- 3.ª » — Fausto Lopo Patrício de Carvalho, no lugar de 2.º assistente provisório do 1.º grupo.
— José Sânzio Ribeiro da Cruz e José da Silva Tavares da Rocha Gouveia, nos lugares de 2.ª assistentes provisórios do 2.º grupo.

Dr. Egas Ferreira Pinto Basto, professor extraordinário do 2.º grupo, da 2.ª secção da Faculdade de Ciências, transferido para o 1.º grupo, por Decreto de 5 de dezembro de 1914 (*Diário do Governo*, II série, n.º 20, de 25 de janeiro).

A astronomia dos Lusíadas¹

XI

Conclusão

Quanto mais se estudam os *Lusíadas*, mais evidente se torna a verdade com que o poeta, ao terminar o último canto, diz:

Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa esperiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se achão raramente.

Com efeito, êle aliava ao seu engenho poético um vasto saber. A êste respeito emite o escritor inglês sr. K. G. Jayne, num livro recente e a propósito da estada de CAMÕES em Coimbra, a seguinte opinião²:

«A maior parte dos poemas, mais tarde escritos, foram compostos longe de bibliotecas, numa época em que os livros eram preciosidades; apesar disso, êle mostra um completo conhecimento da literatura e mitologia clássicas, da história, da geografia, da astronomia, e das literaturas de Portugal, Espanha e Itália. A sua familiaridade com

¹ Continuado do vol. iv, pág. 101.

² «Most of the poems written later in his life were composed far from libraries, in an age when books were luxuries; yet he shows an intimate knowledge of classical literature and mythology, of history, geography, astronomy and of the literatures of Portugal, Spain and Italy. His familiarity with at least nineteen Greek and Latin authors has been demonstrated, and some of them must have been read in the original, as they had never been translated. This learning must have been acquired at Coimbra; it is a testimonial not only to his diligence and power of memory, but equally to the thoroughness with which Coimbra had realised the ideals of Humanism». K. G. Jayne, *Vasco da Gama and his successors, 1460-1580*, London, 1910, pág. 253.

dezanove autores gregos e latinos, pelo menos, está demonstrada; e alguns dêles devem ter sido lidos no original, pois não tinham nunca sido traduzidos. Êste saber deve ter sido adquirido em Coimbra, e é testemunho não só do seu estudo e da sua memória, mas também da perfeição com que Coimbra realizara os ideais do Humanismo».

O nosso estudo mostra que CAMÕES tinha um conhecimento claro e seguro dos princípios fundamentais da astronomia, como ela se professava no seu tempo. Êle tinha até por esta sciência um gôsto especial, pois o que sobretudo inveja aos que gozam a vida tranqüila do campo é poderem dedicar-se à astronomia, como manifesta na Elegia III:

Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia ;
Das mansas ovelhinhas que criou!

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:

Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lûa a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:

E como tão depressa o Ceo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytherêa.

Bem mal pode entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,
Que sempre os olhos traz em seu perigo.

O livro de iniciação na sciência astronômica era, no seu tempo, a *Sphaera* de Sacrobosco, de que corriam várias edições latinas comentadas. O *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes, publicado em 1537, contém a tradução portugueza desta obra. Não era porêem a primeira vez que ela era traduzida. Os manuais náuticos, chamados *Regimentos*, que usavam os nossos marinheiros, eram acompanhados dum *Tratado da spera do mundo*, que era a obra de Sacrobosco, vertida para português, como se vê no *Regimento* da Biblioteca de Munich¹ e no *Regimento* da Biblioteca de Évora. Pedro Nunes não

¹ *Regimento do estrolabio e do quadrante. Tractado da spera do mundo*. Reproduction fac-similé du seul exemplaire connu appartenant à la Bibliothèque royale de Munich, Munich, Carl Kuhn, 1914. Deve-se ao sr. Joaquim Bensaúde a iniciativa desta formosa reprodução.

se limitou porém a traduzir. Acrescentou ao texto original anotações que o modificam em vários pontos. As ideias astronómicas de CAMÕES são as do texto de Sacrobosco, com as modificações contidas nas notas de Pedro Nunes. Assim o *Tratado da Sphaera* d'este illustre matemático pode considerar-se a principal fonte astronómica dos *Lusíadas*.

Se a *Sphaera* era o livro destinado aos que queriam abordar o estudo da astronomia, os *Reportórios dos tempos* dirigiam-se ao grande público, que neles encontrava os dados astronómicos necessários à vida prática e as tão apreciadas indicações de astrologia judiciária sobre as várias influências de signos e planetas. O *Reportório dos tempos* de Valentim Fernandes, cuja publicação começou pelo ano de 1518 e que parece ter sido a primeira obra portuguesa d'este género, era bem conhecido do poeta. A *Chronographia o reportorio de los tiempos* de Jerónimo Chaves começou a publicar-se em Sevilha em 1548. O *Reportório dos tempos* de André do Avelar é já posterior à morte de CAMÕES, mas em grande parte tradução do livro de Chaves.

As ideias fundamentais astronómicas expostas nesta obra por Avelar, bem como as que se contem na sua *Sphaerae utriusque*, destinada ao ensino universitário, são as mesmas dos *Lusíadas*. Assim o sistema astronómico do poema é o que Pedro Nunes professava na Universidade e o mesmo que aqui continuou depois professando André do Avelar.

Não há que censurar o poeta por não seguir o sistema de Copérnico, cuja obra *De revolutionibus orbium coelestium* foi publicada em 1543. A doutrina copernicana, longe de ser logo aceite, foi até ao fim do século XVI objecto de grande discussão. Só no século XVII ela foi definitivamente adoptada depois que Galileu inventou a luneta, com a qual se viram as fases de Vénus, os satélites de Júpiter e as manchas do Sol, que tornaram manifesto o movimento de rotação do globo solar. Não se pode exigir de CAMÕES o que não fez o célebre matemático Pedro Nunes, que, conhecendo a teoria de Copérnico, continuou seguindo a de Ptolomeu.

Nem se podem aceitar apreciações como a de Oliveira Martins que, depois de transcrever as estâncias X, 81 e I, 21, diz:

«Mas se a cosmographia é phantastica, a geographia pelo contrario é, por via de regra, verdadeira»¹.

¹ Oliveira Martins, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, Pôrto, 1891, pág. 235.

A cosmografia dos *Lusiadas* não é fantástica. A doutrina de Ptolomeu não foi uma pura fantasia, foi uma verdadeira teoria científica, que se prestava admiravelmente aos cálculos astronómicos e se manteve enquanto esteve de acôrdo com os resultados da observação. Depois foi abandonada. Tal é o destino das teorias científicas, que, sendo simples resumos dos factos observados, se vão modificando com o aperfeiçoamento dos meios de observação e o conhecimento de novos factos. É assim que os nomes de Ptolomeu, Copérnico, Kepler e Newton marcam as transformações sucessivas da sciência astronómica. E continuar-se-há, sem que, nos séculos futuros, as nossas teorias de agora possam ser classificadas de fantásticas. A astronomia dos *Lusiadas* representa a sciência do tempo, que CAMÕES adquiriu com o seu «honesto estudo».

As indicações astronómicas são sempre feitas pelo poeta numa forma bela e concisa, e com perfeito rigor. É notável, sob êste triplo aspecto, a primeira parte de V, 24:

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrára, em quãto o mar cortava a armada.

Esta passagem nunca foi devidamente explicada. Acabamos por averiguar que CAMÕES exprime êste facto verdadeiro: nos *quatro* meses, decorridos entre a partida de Lisboa e a chegada à Angra de Santa Helena, *cinco* vezes a lua passara de quarto crescente a lua cheia, como explicamos no Cap. VII. Folheando as páginas do lunário contido no *Almanach perpetuum* de Zacuto, obra famosa impressa em Leiria em 1496, o poeta fixou a sua atenção na tábuá relativa ao ano de 1497 e exprimiu naqueles quatro versos a informação assim colhida. É um exemplo notável do seu amor pela verdade e do interesse que os fenómenos celestes lhe mereciam.

As investigações que fizemos a propósito de V, 14:

Ia descuberto tinhamos diante
La no novo Hemispério nova estrella
Não vista de outra gente, que ignorante
Algũs tempos esteve incerta della,

levaram-nos ao reconhecimento da origem portuguesa do *Cruzeiro do Sul*, que deixamos demonstrada nos Capp. IX e X. A descoberta desta constelação e do seu uso náutico revela o saber dos nossos marinheiros. CAMÕES enaltece êste honroso facto, que importa tornar bem conhecido.

Julgamos que deixa completamente esclarecidas todas as passagens astronómicas do poema êste nosso trabalho, para o qual também serviu de incentivo entendermos que os *Lusíadas* devem ser aproveitados para o ensino da cosmografia nos liceus. No nosso curso de «Mecânica celeste» da Universidade, que começamos pela história das sucessivas teorias astronómicas até ao aparecimento da lei de Newton, costumamos ler, a propósito do sistema de Ptolomeu, a bela descrição da máquina do mundo do canto X. Assim, em vez de fatigarmos os discípulos com uma árida exposição de excêntricos e epiciclos, os conservamos atentos com prazer e vivamente interessados, sob a influência da arte admirável com que o poeta resume a concepção ptolomaica. Análogamente se pode proceder nos liceus. No Cap. VII, intitulado «O zodíaco», se mostrou como nos *Lusíadas* se encontram descritos todos os factos fundamentais da astronomia. As diferentes noções elementares desta sciência poderão ser introduzidas a propósito da leitura das estâncias que a ellas se referem. Despertada a curiosidade dos alunos, êles aceitarão com prazer a explicação. A leitura, por exemplo, da estância V, 24, atrás citada, é excelente ocasião para a explicação das fases da lua.

É natural objectar-se que CAMÕES segue a doutrina de Ptolomeu e por isso o seu poema não pode já servir para auxiliar o estudo da cosmografia. A objecção não tem valor. Os pedagogistas modernos entendem que o aluno tem de percorrer, nas suas linhas gerais, o mesmo caminho que a humanidade seguiu na elaboração de qualquer sciência. Em vez de ser um recipiente passivo de teorias já feitas, deve êle ser levado a tomar uma atitude de investigador activo, interessado em bem observar os fenómenos e formular êle próprio as leis naturais. É o processo de redescoberta. Assim, na astronomia, a observação directa dos fenómenos celestes levá-lo-há primeiro à concepção ptolomaica. A concepção copernicana virá depois naturalmente.

O método de investigação directa, chamado «método de laboratório» desperta um interesse e entusiasmo difíceis de obter por outros meios¹. Para o seu emprêgo não é necessário um observatório mu-

¹ «The laboratory method of instruction is growing in favor so rapidly with astronomical teachers that there is little occasion for any plea in its behalf. It is a recognized fact that the direct investigation of celestial phenomena gives a vividness and reality to the subject and arouses interest and enthusiasm difficult to obtain by any other means. Indeed, to require the study of the heavenly bodies and provide no means for observing them is somewhat like restricting the student of botany to text-books and to pictures of plants». Mary Byrd, *A laboratory manual in astronomy*, Boston, 1899.

nido de bons telescópios. Basta um lugar de vistas desobstruídas. Começa-se por observações à vista desarmada, feitas com instrumentos elementares, construídos na localidade ou nas oficinas do estabelecimento de ensino, se as há. O astrolábio está naturalmente indicado. Por isso no Cap. VIII explicamos a construção dos astrolábios de madeira que iam nas nossas naus. Os problemas que preocuparam os nossos navegadores são um bom exercício. Os alunos fazem, a princípio, observações simples. Assim aprendem a ver, e colhem, em primeira mão, um bom cabedal de conhecimentos astronómicos, que lhes revela os princípios fundamentais do movimento dos astros. E a leitura das passagens astronómicas do nosso poema nacional constituirá um forte estímulo, num ensino assim conduzido.

Começámos a publicar a *Astronomia dos Lusíadas* na *Revista da Universidade de Coimbra*, 1.º número de 1913. Tendo conversado em setembro de 1912, na praia de Âncora, com o sr. Dr. José Maria Rodrigues acerca de leituras que a tal respeito andávamos fazendo, incitou-nos êle a começarmos a publicação. E depois, com aquele amor pelo poeta que tão notavelmente se tem revelado em trabalhos da importância das *Fontes dos Lusíadas*, acompanhou-nos sempre com os seus conselhos e indicações.

O sr. Dr. Gonçalves Guimarães, com o seu profundo conhecimento da língua latina, prestou-nos um auxílio precioso. Trabalhador infatigável, gosta sempre de ajudar, com o seu muito saber, os que trabalham.

O sr. Frederico Oom, Sub-director do Observatório Astronómico de Lisboa, que à sua grande competência de astrónomo reúne um vivo entusiasmo por CAMÕES, prestou-nos da melhor vontade, sempre que a êle recorremos, o seu valioso concurso.

Ao nosso querido mestre e eminente matemático sr. Dr. Gomes Teixeira também temos que agradecer o interesse com que acompanhou a publicação do nosso trabalho, chamando-nos a atenção para os estudos do Prof. Angelitti sôbre a astronomia do Dante.

Feito a par dum serviço universitário muito intenso, não pode deixar de ter êste trabalho faltas e incorrecções que muito agradeceremos sempre que nos sejam indicadas.

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.

Sôbre abcessos cerebrais de origem óptica¹

O primeiro ponto a ter em vista em uma profilaxia bem organizada seria tratar convenientemente todas as supurações dos ouvidos. A esse respeito a educação do nosso público é simplesmente deplorável. Em determinadas regiões do norte do país e sobretudo nas classes menos ilustradas uma supuração de ouvidos é considerada como qualquer cousa de bom para o organismo: a otorreia depura o indivíduo, limpa o sangue... É preciso, pois e antes de mais nada, destruir tão extraordinário preconceito, incutir no público a rial gravidade duma supuração de ouvidos, pelas complicações mortais que pode engendrar, é preciso repetir-lhe a tão citada frase do otologista inglês: «todo o individuo portador de supuração dos ouvidos jámais sabe quando ou onde morrerá».

Uma tal educação do público só poderá proficuamente ser levada a efeito por intermédio dos médicos de clinica geral. A estes deveria ser ministrada nas nossas Faculdades, durante o curso, uma sólida instrução de conhecimentos práticos de oto-rino-laringologia; deveria, pois, exigir-se a todo o estudante, antes de terminar os estudos, uma prova versando assuntos da especialidade referida. É justo dizer-se que a última reforma dos estudos médicos criou a cadeira de oto-rino-laringologia, tornando a sua freqüência obrigatória. Criou-a no papel... Até hoje essa disposição legal, precisamente por constituir uma necessidade inadiável, dorme o pesado sono das cousas inúteis.

Educado o médico, não tardaria que a opinião do público acerca da benignidade das supurações do ouvido se modificasse radicalmente. Em vez de não ligar importância às afecções desse órgão, o doente dirigir-se-ia ao clínico, mal se exteriorizassem os primeiros sintomas e sem esperar as manifestações alarmantes de qualquer complicação de gravidade.

¹ Continuado do vol. iv, pág. 42.

Surpreendida a otite no início, um tratamento apropriado conseguiria, na maior parte dos casos, curar a inflamação do ouvido e assim evitar a propagação das lesões para o interior do crânio. Esse tratamento das otites, cuja descrição pormenorizada em muito ultrapassaria os limites do nosso trabalho, pode ir desde aplicações locais de vários medicamentos até intervenções cirúrgicas nos ouvidos, fossas nasais e garganta. Com aplicação de processos médico-cirúrgicos é, pois, sempre possível dominar uma otite, desde o momento que o processo patológico não se estendeu para além do ouvido médio e células mastoideias.

Nos casos frequentes, em que o portador duma antiga otite média supurada vem consultar o médico, queixando-se apenas de surdez, zumbidos e saída de pus pelo ouvido, impõe-se uma observação cuidadosa do doente. A séde da perfuração timpânica, as lesões do ouvido médio, bem como os resultados do exame funcional dos ramos vestibular e coclear do nervo auditivo são os pontos principais em que assentará uma diagnose segura. Na maioria das vezes o exame terá de ser repetido a intervalos regulares, antes de se escolher o modo de tratamento. A maneira mesmo como o doente reage à terapêutica instituída serve frequentemente para se tirarem conclusões prognósticas ou indicações para o tratamento.

Um facto deve, porém, ser salientado como fundamental para prevenir as complicações intra-cranianas das otites: *toda a supuração dos ouvidos, que resista a um tratamento médico instituído segundo as regras clássicas, representa uma indicação suficiente e imperiosa para uma intervenção cirúrgica.*

Além de factores múltiplos, tais como virulência microbiana, resistência individual, etc., factores que indubitavelmente desempenham um importantíssimo papel na génese das complicações intra-cranianas das otites, outro factor existe para cuja importância a atenção dos médicos ainda não foi tão particularmente chamada, como mereceria. Esse factor consiste na boa ou má drenagem do pus das otites médias. Uma otite média supurada crónica, cujo pus não encontra obstáculos para se esvasiar para o exterior, expõe muito menos a complicações, e, portanto, à produção de abscessos cerebrais, do que as otites em que o pus não pode sair livremente, em virtude da existência de granulações poliposas, de furunculose do conduto auditivo, etc. Uma drenagem defeituosa dos produtos sépticos da caixa timpânica encontra-se em quasi todas as histórias clinicas de abscessos cerebrais otíticos. Na nossa observação I existiam, no fundo do conduto, numerosas granulações que impediam o exame da região timpânica; na observação III o lúmen do conduto auditivo estava concêntricamente

reduzido por numerosos furúnculos; na observação IV numerosas granulações poliposas mascaravam a região timpânica; na observação VI o conduto auditivo apresentou-se avermelhado, inchado, coberto em parte com pus sêco, mal se divisando o tímpano; na observação VII existia queda da parede posterior do conduto auditivo e massas de pseudo-colesteatoma enchendo a perfuração timpânica, bem como numerosas granulações na caixa do tímpano; na observação VIII (vidê adenda) finalmente constatou-se uma forte tumefacção do conduto auditivo, que muito dificultava a observação do tímpano.

Os exemplos apontados são, cremos, mais do que suficientes para demonstrar a importância enorme que praticamente possui o constatar uma drenagem defeituosa do pus das otites crônicas. Mesmo que o doente nada refira, quer espontâneamente, quer a isso solicitado, que ponha o observador de sobreaviso, a existência de obstáculos à livre saída do pus do ouvido representa um sinal precioso para colocar o médico em reserva, mesmo que o quadro clínico da otite se apresente com caracter de extrema benignidade.

Se, como dissemos, todas as supurações do ouvido fossem convenientemente tratadas, o que sucederia, caso o público, por intermédio da classe médica, se convencesse da imprescindível necessidade de não desprezar as «purgações» dos ouvidos, a percentagem das complicações intra-cranianas das otites desceria duma maneira notável. Faltam-nos inteiramente os dados precisos para fazer uma estatística, melhor, um esboço de estatística acerca da frequência dessas complicações entre nós. Podemos no entanto afirmar com grandes probabilidades, que, dada a ignorância geral a respeito da sua sintomatologia, muitos doentes terão sucumbido no nosso país, sem que o respectivo diagnóstico se fizesse e, portanto, sem que a terapêutica conveniente fosse posta em prática.

¿Significarão estas considerações, a que logicamente fomos conduzidos, uma acusação feita aos nossos colegas da clínica geral? Pretenderemos acaso torná-los responsáveis por não saberem tratar as otites e por igualmente ignorarem a sintomatologia e terapêutica das complicações intra-cranianas consequentes a inflamações dos ouvidos? De modo nenhum. Muito, muitissimo faz a maioria dos nossos colegas de clínica geral, apesar de viver em meios, onde, em regra, a ausência de estímulo se alia à falta de condições materiais de trabalho. Muito, muitissimo faz a maioria deles enviando ao otologista os casos, que, de vez em quando, se conseguem observar. E esses médicos de clínica geral enviam tais doentes suspeitos de complicações intra-cranianas de otites, porque no remanso dos seus gabinetes de trabalho procuraram ilustrar-se a tal respeito, porque, levados pela consciência

profissional, procuraram estudar por si próprios aquilo que ninguém lhes ensinara. Não, não é uma acusação que fazemos; é, pelo contrário, uma calorosa defesa da maior parte dos nossos colegas, práticos na província, onde não existem meios próprios para tratar doentes e que, apesar disto, conseguem à custa de fôrça de vontade, inteligência e estudo exercer conscienciosamente clinica. Durante os cinco anos que se sentaram nos bancos das nossas Faculdades de Medicina ninguém lhes disse uma palavra àcerca de oto-rino-laringologia, ninguém lhes ensinou, ao menos, a observar convenientemente um ouvido, ninguém lhes falou em abcessos cerebrais otíticos, tromboses do seio lateral, etc. ? Como exigir deles que reconheçam e tratem convenientemente as supurações auditivas, como exigir deles que diagnostiquem complicações intra-cranianas de otites? Muito, muitíssimo faz a maioria dos nossos colegas, procurando por si e sem ajuda alheia instruir-se em assuntos, cuja importância ninguém lhes apontou.



Como várias vezes repetimos no decurso do presente trabalho, a prognose dos abcessos cerebrais otíticos não operados é absolutamente fatal. A morte sobrevem então por meningite purulenta, ou em seguida a coma ou a colapso brusco, se o abcesso irrompeu para o ventrículo lateral. A prognose é igualmente péssima, quando ao lado do abcesso cerebral otítico outras complicações intra-cranianas existem, como meningite purulenta, etc.

Maior interesse, pelo que respeita ao estabelecer um prognóstico provável, teem os casos em que o abcesso cerebral foi operatóriamente esvasiado. Nestas circunstâncias, e supondo que o exame geral do doente nada de particularmente grave revele, que possa influir na prognose, existem em 100 casos aproximadamente 60 probabilidades de terminação fatal, quer dizer o número de operados, que se curam, é bem menor do que o daqueles que sucumbem. A alta mortalidade dos portadores de abcessos cerebrais otíticos, depois duma operação perfeitamente executada, explica-se pelo facto da intervenção cirúrgica não poder actuar directamente sôbre o processo de encefalite, que sempre existe em volta da cavidade do abcesso, encefalite que muitas vezes apresenta um character de progressão rápida, e, além disso, pela grande susceptibilidade mórbida que o aparelho respiratório de tais doentes apresenta. Assim é que um certo número de operados de abcessos cerebrais morre por afecções bronco-pulmo-

nares, ou por coexistência dessas afecções com lesões graves do cérebro.

Na nossa observação III ao lado duma lepto-meningite purulenta existia tráqueo-bronquite e focos bronco-pneumónicos na base do pulmão direito. Na observação IV constatou-se também tráqueo-bronquite e ligeiro edema pulmonar. Na autópsia do doente da observação VI descobriu-se congestão pulmonar bilateral. Na observação VII havia tráqueo-bronquite, focos bronco-pneumónicos no lobo pulmonar inferior esquerdo e um enfarte periférico com pleurisia fibrinosa localizada. Na observação VIII, finalmente, observou-se bronco-pneumonia confluyente com pleuresia sero-fibrinosa recente do lobo pulmonar inferior direito e bronquite purulenta bilateral. CLAYTOR, citado por JANERT (vidè Bibliografia) em 50 casos de abscessos cerebrais otíticos autopsiados encontrou bronquectasia 20 vezes, bronquite purulenta 9 vezes, empiema 12 vezes, gangrena 7 vezes, tuberculose 5 vezes, abscesso pulmonar 3 vezes e pneumonia 2 vezes.

Estes factos devem-nos, pois, levar a não perder de vista o aparelho respiratório dos portadores de abscessos otíticos, pois dêle pode muitas vezes provir um desenlace fatal, posto que a operação decorresse nas melhores condições possíveis.

Dum modo geral é lícito afirmar que a prognose dos abscessos cerebrais é tanto mais favorável quanto mais precoce fôr executada a operação. Isto não deve admirar, pois em tais casos de intervenção precoce o abscesso ainda não adquiriu grande desenvolvimento e as lesões de encefalite pouco progrediram.

Depois do esvaziamento e drenagem dum abscesso cerebral otítico é muito freqüente observar um período mais ou menos longo de melhoras, mesmo que o doente finalmente sucumba. Quem não esteja prevenido contra tais melhoras enganadoras será levado a modificar a prognose, de sombria para favorável. Eis um êrro que é necessário não cometer. Ainda mais, muitos portadores de abscessos cerebrais latentes ou de abscessos encefálicos com sintomatologia pouco expressiva melhoram sensivelmente após intervenções incompletas, tais como antrotomias, esvaziamentos petro-mastoideos, etc., operações que deixam intacto o abscesso otítico. Nas nossas observações deparam-se bastantes exemplos do que afirmamos. Na observação I após operação radical e esvaziamento dum abscesso extra-dural o doente acusa melhoras sensíveis durante oito dias, posto que o abscesso cerebral não fosse descoberto durante a primeira intervenção; na observação III uma simples antrotomia (!) originou um período de melhoras durante mais duma semana, apesar de o abscesso não ter sido aberto; no caso IV as melhoras após simples esvaziamento petro-mastoideu

duraram mais de três meses; no caso VIII (vidê adenda) igualmente se notaram melhoras persistindo durante oito dias depois da primeira intervenção (antrotomia).

Fica pois exuberantemente demonstrado não possuírem significação alguma, pelo que respeita ao prognóstico, as melhoras constatadas aos portadores de abscessos cerebrais após intervenções no ouvido doente, seguidas ou não de abertura e drenagem da cavidade purulenta do cérebro. O clínico precisa ser muito reservado até ao final e estar constantemente precavido contra uma mudança súbita na sintomatologia. Exagerando um pouco, poderíamos aconselhar a não fazer uma prognose favorável antes de ver o doente curado.

CAPÍTULO V

Terapêutica dos abscessos cerebrais otíticos

Quem atentamente seguiu os nossos casos clínicos, bem como as considerações que à cerca deles efectuámos, há muito já que concluiu com segurança, ser a operação a única probabilidade de cura para os portadores de abscessos cerebrais otíticos. A intervenção cirúrgica é, efectivamente, o *único* processo de tratamento dos abscessos cerebrais.

Os resultados operatórios serão tanto mais favoráveis, quanto mais cedo se intervir. Operar e operar o mais cedo possível, eis a linha geral de conduta a seguir: o mesmo é dizer que o cirurgião necessita, além de técnica apropriada, conhecer e saber interpretar com justeza a significação dos sintomas, às vezes mínimos, pelos quais um abscesso cerebral otítico se exterioriza.

Seguindo passo a passo as regras basilares da cirurgia geral, o abscesso encefálico, como qualquer outra colecção purulenta do organismo, deve ser largamente aberto e drenado. Esta abertura e drenagem dos abscessos cerebrais tem de ser precedida duma antrotomia, caso o abscesso complique uma otite aguda, ou duma operação radical (esvaziamento petro-mastoideo), caso êle complique uma otite crónica, como é mais freqüente. A intervenção cirúrgica vai, pois, em primeiro-lugar dirigir-se contra o foco mórbido (antrotomia, operação radical) que engendrou a colecção purulenta encefálica, e, só depois de excluído aquele, abrir e drenar o cérebro.

Uma vez efectuada a antrotomia ou esvaziamento petro-mastoideo e descoberto o abscesso quer pela existência duma fistula, quer por punção cerebral, o nosso proceder é o seguinte: desnudamos largamente a dura-máter, para o que sempre sacrificamos uma parte da

escama temporal, e em seguida abrimos a membrana dural por uma incisão cruciforme. Afastando com pinças os quatro retalhos da dura, assim obtidos, introduzimos periféricamente sob esta membrana tampões de gase iodoformada, afim de isolar bem o campo operatório e impedir a difusão das lesões. Fazendo penetrar então uma pinça de Kocher *fechada* até à cavidade do abcesso, retirâmo-la depois aberta, dilacerando assim e largamente o tecido encefálico. O pus sai então com toda a facilidade para o exterior.

Esvaziado o abcesso, resta estabelecer uma boa drenagem. Tarefa bem difficil na prática, esta de assegurar um escoamento livre ao pus: as irregularidades da cavidade do abcesso favorecem eminentemente retenções, apresentando além disso o trajecto, que conduz ao abcesso, uma enorme tendência em obturar-se. Estes obstáculos que se opõem à realização duma drenagem perfeita, explicam suficientemente os numerosos processos aconselhados para atingir o desiderato duma drenagem larga. Costumamos servir-nos de gase iodoformada para drenar: com ela tamponamos laxamente, mas cuidadosamente, toda a cavidade do abcesso, procurando não deixar sem dreno nenhuma das irregularidades que o interior dos abcessos cerebrais apresenta. Para isso praticamos freqüentemente exames directos da cavidade purulenta, quer por intermédio dum otoscópio para penso, quer dum tubo fino de Brunnings para traqueoscopia directa.

O dreno deve ser substituído pelo menos diáriamente e os doentes cuidadosamente observados e tratados pelo que respeita ao estado geral, afim de aumentar as suas condições de resistência.

Operando segundo as regras indicadas e precocemente, sentirá muitas vezes o cirurgião a maior de todas as satisfações: a de ter salvo criaturas, que, sem o seu concurso, estariam votadas uma morte certa.

Adenda

Observação n.º 8¹ — 24-IV-913.

August H., hospedeiro, de 68 anos de idade.

Antecedentes pessoais e hereditários sem interesse.

Desde o mês de novembro de 1912 supura-lhe o ouvido esquerdo, ao mesmo tempo instalou-se uma certa surdez no ouvido direito.

O tratamento a que o submeteram (cateterismos tubários à direita

¹ A situação anormal, criada pela guerra europeia, impediu que esta história clínica fosse publicada na devida altura, por falta dalguns detalhes, muito amavelmente fornecidos pelo St.-ARZT Dr. PAETZOLD, Assistente da Clínica Oto-rinológica do Prof. PASSOW.

e lavagens à esquerda) deu como resultado o restabelecimento da audição do lado direito. O ouvido esquerdo jámais cessou, porém, de supurar.

Trata-se dum indivíduo regularmente constituído e sem outras queixas a não ser corrimento abundante pelo ouvido esquerdo e zumbidos do mesmo lado. Come e dorme bem.

O aparelho respiratório apresenta leves sinais de bronquite, sobretudo na metade superior dos pulmões. O pulso é regular e bastante tenso. Tons cardíacos normais.

Pelo que respeita ao aparelho digestivo apenas o baço se mostra hipertrofiado: o seu polo inferior chega ao rebordo costal. Sensibilidade, motilidade e reflexos normais.

As apófises mastoideias são indolores à pressão. À direita existe uma forte retração timpânica: a curta apófise do martelo está horizontal. À esquerda, a acentuada tumefacção do conduto auditivo torna difícil o exame do tímpano. Êste apresenta-se espessado, hipermiado, com um reflexo pulsátil.

Exame funcional da audição:

Voz ciciante	{ direita . . . (voz alta) ad concham
	{ esquerda . . . —
Voz de conversação . . .	esquerda . . . — ad concham
Weber	→ esquerda
Rinne	{ direita . . . +
	{ esquerda . . . +
Condução óssea	{ direita . . . $\frac{45}{40}$ (a ₁)
	{ esquerda . . . $\frac{42}{90}$ (c ₁)
Limite superior da audição	{ direita . . . 8.500 vibrações
	{ esquerda . . . não ouve (5.000 vibrações)
Limite inferior da audição	{ direita . . . 48
	{ esquerda . . . 172 } vibrações.

O resto do exame oto-rino-laringológico nada de anormal revela.

Não existe nistagmo espontâneo. As pupilas reagem prontamente a L. e C.

25-IV. — Antrotomia. Das células mastoideias sai pequena quantidade de pus hemorrágico. A maior parte delas, bem como o antro, encontram-se até à ponta da apófise cheias de granulações, que são raspadas à colher. O seio lateral e a dura-máter não são desnudados. Tamponamento a gaze iodoformada.

29-IV. — Mudança de penso. Granulações de bom aspecto.

4-V. — No doente, cuja cura faz rápidos progressos, manifesta-se hoje um certo desmemoriamto: não conhece os nomes dos parentes que o visitam, posto que reconheça cada um isoladamente.

5-V. — Durante a noite perdeu os sentidos. O paciente não pode falar nem engulir. Balbucia apenas sons inarticulados e engasga-se constantemente.

Não há desigualdade pupilar, mas uma certa preguiça de reacção à luz.

A temperatura elevou-se a 39. Os sinais de bronquite encontram-se mais disseminados.

Localmente a ferida operatória segrega pouco, estando revestida de granulações de bom aspecto.

6-V. — O doente, que ontem ainda movia perfeitamente os membros, manifesta hoje uma paralisia flácida dos membros direitos com forte contractura do dedo mínimo da mão direita.

Os reflexos patelar e de Achiles estão apagados à direita e à esquerda dificilmente despertáveis. O Babinsky é positivo à direita e indeterminado do lado esquerdo.

Existe paresia vesical desde ontem. São retirados 800 cc. de urina, que não revela elementos anormais. Diazo-reacção negativa.

7-V. — Um exame oftalmoscópico feito por um especialista (St.-A. GUNTHER) demonstrou a ausência de estase papilar. À esquerda catarata senil em início; à direita limites papilares levemente apagados e veias um pouco mais dilatadas, do que à esquerda.

Apesar do resultado negativo do exame oftalmológico, pratica-se nova intervenção no doente (Prof. PASSOW), estritamente indicada pela permanência da perda dos sentidos e pela existência de afasia e hemiparalisia cruzada.

Prolongamento para cima e para baixo da incisão cutânea praticada atrás da orelha esquerda quando da antrotomia. Raspagem de algumas granulações necrozadas. Desnudamento do seio lateral, que se mostra intacto. Ao nível da linha temporal trepana-se o osso para descobrir a dura-mater. Esta é posta a nu em uma extensão de 2 cm. de diâmetro. Apresenta-se com caracteres perfeitamente normais.

Após desinfecção com tintura de iodo pratica-se uma punção cerebral. Duma profundidade de 2 cm. é aspirado pus líquido amarelo-esverdeado. Incisão da dura e do cortex cerebral e evacuação de duas colheres de pus com os mesmos caracteres. Drenagem com gaze iodoformada. Penso sêco.

Duas horas depois de terminada a intervenção cirúrgica recomeça o doente a falar e a mover os membros do lado direito,

10-V. — O doente passa sofrivelmente. A temperatura é de manhã normal e à noite sobe a 38.

Da cavidade do abcesso cerebral, que se mantêm largamente drenada sai bastante pus.

11-V. — À hora da visita, verosimilmente em consequência da emoção, produz-se um violento colapso cardíaco. O pulso quasi não se palpa, esvai-se sob os dedos. Com injeccões de óleo canforado e immediata mudança de penso o doente restabelece-se rápidamentee.

15-V. — Durante a mudança diária do penso atende-se cuidadosamente a manter bem aberta para o exterior a cavidade cerebral, para permitir uma ampla saída à secreção, ainda abundante, e para evitar qualquer retenção purulenta.

Apesar destas precauções a situação do doente piora de dia para dia. Está quasi sempre em delirio e só por curtos instantes readquire lucidês. A fala é menos clara, mais difficilmente articulada.

Parece ter cefaleia, pois frequentemente agarra a cabeça.

O pulso é muito instável, algumas vezes tenso e amplo, outras vezes quasi não se percebe. Nunca se manifestou bradicardia: o número de pulsações tem oscilado entre 100 e 120 por minuto.

Às 10 horas e 15 minutos faleceu.

Autopsia. — Otite média supurada crónica esquerda (operada).

Abcesso cerebral no lóbo temporal esquerdo do tamanho dum ovo.

Leptomeningite fibrosa crónica com extensas aderências da dura à pia-mater. Aderência da dura à abóbada craniana.

Coração mole, com dilatação ventricular bilateral. Endurecimento caloso dos ápices papilares.

Mesaortite no início da aorta. Arteriosclerose.

Bronco-pneumonia confluyente com pleurisia fibrinosa recente do lóbo inferior direito. Bronquite purulenta bilateral.

Carcinoma estenosante da flexura sigmoideia do tamanho duma moeda de dez tostões.

Cirrose hepática.

Colelitíase.

Tumefacção do baço.

Nefrite parenquimatosa crónica.

Comentários. — A symptomatologia subjectiva e objectiva do doente é a duma otite supurada crónica simples: apenas existem supuração do ouvido esquerdo e zumbidos. Dôr, vertigens, cefaleia, etc., nunca se manifestaram neste caso.

O exame funcional da audição veiu não só confirmar o diagnóstico, como revelar um processo bilateral de neurite acústica, processo perfeitamente explicável pela idade do doente.

Assim é que após a primeira intervenção (antrotomia) se seguiu um período de nove dias, durante o qual tudo decorria normalmente. A ferida operatória cobria-se de granulações e o estado geral do doente mantinha-se bom.

Ao nono dia, porém, instalam-se súbitamente perturbações psíquicas e ao décimo manifesta-se nítido um novo sintoma de importância capital — a afasia. O quadro clínico do abcesso cerebral encontra-se perfeitamente definido, quando, um dia mais tarde, à supuração do ouvido esquerdo, às perturbações psíquicas e à afasia, se vem juntar a hemiparalísia cruzada.

Perante a clareza brutal dos sintomas uma intervenção cirúrgica intra-cerebral estava imediatamente indicada. Foi assim que se procedeu, sem atender ao resultado negativo do exame oftalmoscópico. Do mesmo modo o aspecto normal da dura-máter não deteve o operador nas suas pesquisas, tão evidentes eram os sinais clínicos.

O facto da dura-máter se encontrar normal mostra que neste caso o seu desnudamento durante a antrotomia, como tem sido aconselhado¹, nenhum indício manifestaria do processo supurativo encefálico. A progressão inflamatória fez-se neste doente não por continuidade, mas muito verosimilmente pelo caminho vascular.

Interessante é frizar o facto de o exame oftalmoscópico feito por um médico-especialista não ter revelado lesões importantes, quando o quadro clínico do abcesso cerebral se encontrava completo. É mais um caso a juntar a tantos outros, tendentes a demonstrar o pouco valor das modificações do fundo do olho como sintoma precoce dos abcessos cerebrais otíticos.

A estenose provocada pelo carcinoma sigmoideo descoberto na mesa de Morgagni era relativa. Em vida o neoplasma jámais se exteriorizara quer por fenómenos dolorosos, quer por fenómenos de obstrução.

Bibliografia

Abreviaturas :

M. M. W. — *Münchener Medizinische Wochenschrift.*

A. f. O. — *Archiv für Ohrenheilkunde.*

Z. f. O. — *Zeitschrift für Ohrenheilkunde.*

M. f. O. — *Monatschrift für Ohrenheilkunde.*

¹ CARLOS DE MELLO, *A operação do antro* — *Medicina Contemporânea*, 1912, n.º 25.

- ALEXANDER (G.), *Zur Kenntniss der akuten otogenen Encephalitis* — *A. f. O.*, 1912, vol. 89, pág. 255.
- BOENNINGHAUS, *Ohrenheilkunde*, 2.^a edição.
- BRONNER (A.), *Royal Society of Medicine* — Secção de otologia, 5-XII-908.
- BRUNEL, *Abcés du cerveau d'origine otogène; opération; guérison* — *Anal. des mal. de l'oreille*, 1911.
- DENKER, *Verein der Aerzte im Halle a. S. — M. M. W.*, 1912, n.º 43, pág. 2367.
- FLATAU, *Oto-laryng. Sect. d. poln. Aerzte* — *M. f. O.*, vol. 44, pág. 910.
- GERBER, *Handatlas der Operationen am Schläfenbein*, Wiesbaden, 1904, pág. 37.
- HASSLAUER, *A. f. O.*, 1911, vol. 86, pág. 145.
- HEIMANN, *A. f. O.*, vol. 66, pág. 251.
- HEINE *Die Prognose des otit. Hirnabszesses* — *Passow-Schaefer's Beiträge*, vol. 2, pág. 193.
- *Verh. der Ges. deutsch Naturforscher u. Aerzte*, 80.^a Reunião, Colónia, 2.^a parte, pág. 464.
- HENKE, *Zur Diagnose und Therapie des Hirnabszesses* — *A. f. O.*, vol. 86, pág. 113.
- *Ein Beitrag zur Prognose und Kasuistik der otitisch. Hirnabszesse* — *Z. f. O.*, vol. 62, pág. 353.
- HOFFMANN, *Zur Kenntniss des Fiebers und seiner Ursachen beim otit. Hirnabszess* — *Verh. d. deutsch. otol. Ges.*, 1906.
- JANERT (B.), *Über die in den Jahren 1896-1913 zur Beobachtung gelangten Hirnabszesse in der Ohrenklinik der Kgl. Charité* — *Inaugural-Dissertation*, Berlin, 1914.
- JUST, *Zur Kasuistik d. otog. Hirnabszesse* — *A. f. O.*, vol. 67, pág. 308.
- *A. f. O.*, vol. 73, pág. 126.
- KÖRNER, *Die otit. Erkrankungen des Hirns, etc.*, 4.^a edição, 1908.
- *Nachträge zur 3.^{en} Auflage.*
- LANGE, *Verhandlg. d. Berliner otol. Gesellsch.*, 1907, pág. 4.
- LEVY (O.), *Drei otogene Hirnabszesse* — *A. f. O.*, vol. 78, pág. 35.
- LUC, *Leçons sur les suppurations de l'oreille moyenne*, 1910, pág. 450.
- MASSEI (V.), *Sugli effetti della puntura lombare in un caso di ascesso del lobo temporosphenoidale sinistro* — *Atti della Clinica di Roma*, 1910.
- MELLO (C. DE), *A operação do antro* — *Medicina Contemporânea*, 1912, n.º 25.
- MERNBERG (F.), *Otogener Schläfenlappenabszess mit gekreuzter Hörstörung* — *A. f. O.*, 1910, vol. 83, pág. 140.
- *Ueber Restsymptome nach Ausheilung von operierten Schläfenlappenabszessen* — *A. f. O.*, 1910, vol. 83, pág. 153.
- MICHAELSEN, *Zur Klinik der otitischen Hirnabszesse* — *Z. f. O.*, 1913, vol. 67, pág. 262.
- MOURE, *Sur deux nouveaux cas d'abcés du cerveau d'origine otique.*
- MÜLLER (R.), *Doppelter otitischer Schläfenlappenabszess* — *Z. f. O.*, vol. 46, pág. 303.
- MUNSON, *Z. f. O.*, vol. 21, pág. 255.
- NEUMANN, *Prognose und Heilungsvorgänge der otit. Hirnabszesse* — *Secção de otologia do Congresso Internacional de Budapest*, 1909.
- OPPENHEIM, *Der Hirnabszess*, 1912.
- *Lehrbuch der Nervenkrankheiten*, 1912.
- PASSOW, *Die Operationen am Gehörorgan* — *Chirurgische Operationslehre de Bier, Braun e Kilmell*, 1913.
- POLITZER, *Lehrbuch der Ohrenheilkunde*, 1912.
- REINKING, *Ueber Gefahren der Hirnpunktion* — *Z. f. O.*, 1910, vol. 86, pág. 113.

- RUTTIN, *Otog. Hirnabszess mit ungew. Lokal.* — *M. f. O.*, vol. 43, pág. 304.
- SCHWARTZE, *A. f. O.*, tomo 1, pág. 159.
- TAKABATAKE, *Ueber Vorkommen und Fehlen von gekreuzt. Lähm. u. Sprachstör. bei den otog. Eiterung. des Hirns u. d. Hirnhäute* — *Z. f. O.*, 1904, vol. 16, pág. 236.
- THOMPSON (J.), *Zur Operation der otit. Hirnabszesse* — *Zentralblatt f. Ohrenheilk.*, vol. 7, pág. 254.
- UCHERMANN (V.), *Der otit. Hirnabszess* — *Z. f. O.*, vol. 46, pág. 303.
- UFFENORDE, *Verhdl. d. deutsch. otol. Ges. Heidelberg*, 1908, pág. 232.
- VOSS, *Encephalitis hämorrhagica u. Schläfenlappenabszess nach otitis media* — *Z. f. O.*, 1910, vol. 60, pág. 67.
- WAGNER (O.), *Nystagmus* — *Verhdl. d. Berliner otol. Ges.*, 1907, pág. 4.
— *Die Bedeutung des vestibularen Nystagmus, etc.* — *Medizinische Klinik*, 1909, tomo xi, pág. 387.
- WHITING, *Die Drainage in der Hirnchirurgie* — *Medical Record*, janeiro de 1909.
L'hipertension intra-cranième — *Journal Médical Français*.

CARLOS DE MELLO.

A evolução da moeda ¹

IV

Das mercadorias, que compuzeram o numerário natural dos povos, foram eliminadas, por sucessivas selecções, as de utilidade mais restrita, devendo esse processo de eliminação terminar pelo predomínio das mais apreciadas, ou mesmo duma só, quando essa mercadoria pudesse convir a todos. Foi êste o caso dos metais preciosos. Já se disse quais foram as condições, a que tiveram de satisfazer as mercadorias adaptadas à função monetária. Para uso da gente primitiva, e das populações atrasadas, tinham de corresponder às suas principais necessidades, que eram os alimentos, os meios de defeza e a ornamentação. Só a utilidade presente determinava o seu aprêço. Depois, em estado de maior adiantamento, outros objectos teriam sido acrescentados ao mobiliário primitivo da troca, servindo também de moeda os utensilios mais necessários às primeiras civilizações. Foram assim empregados, como meios de circulação, os metais, fabricados primeiramente, em bruto mais tarde. Antes de se applicarem aos pagamentos como matérias primas, foram adoptados, para esse fim, como instrumentos de applicação, o que era conforme à teoria da utilidade presente, por certo mais dominante na economia antiga do que a da utilidade final na economia moderna. Serviram de moeda prégos, enxadas, facas, punhais, e outros objectos de ferro ou cobre. Ao mesmo tempo que eram meios de trabalho e de defeza, faziam-se pagamentos com esses utensilios de real utilidade, a que muitas vezes se davam pesos aproximadamente uniformes para maior facilidade de circulação². Tinha talvez a sua origem neste facto o velho costume de se oferecer aos deuses os instrumentos de trabalho, de que os seus donos, por idade ou doença, se não podiam já servir. Do mesmo modo que noutras épocas se levaram presentes de moeda às divindades, ofereciam-se

¹ Continuado do vol. iv, pág. 17.

² Spencer, *Principes de sociologie*.

utensílios, que eram a moeda do tempo. Um pescador inutilizado oferecia as suas redes de pesca, um agricultor a sua charrua, um músico a sua lira, um guerreiro as suas armas¹. Devia ser porém muito limitada a função monetária desses utensílios. Em centros pouco populosos, de rudimentar civilização, e sem variedade de ocupações, logo que cada homem possuísse um desses utensílios, não lhe seria necessário outro, nada tendo que fazer dele. Deixando assim de ser objecto procurado, deixava também de possuir a qualidade monetária. Restava só a matéria prima.

Demonstram as tradições o processo da transição dos objectos de trabalho ou defeza para moeda corrente, e assim foram esses objectos perdendo gradualmente as suas formas primitivas. Do mesmo modo que não há saltos na natureza, não há também saltos na vida económica. Durante algum tempo conservaram as moedas o feitio dos utensílios. Imitavam-se os objectos, que tinham servido anteriormente de unidades monetárias, e assim apareceram na antiguidade esquesitos feitos de moeda². Depois esses feitos, já sem importância, sem préstimo, e até mesmo com a sua significação perdida ou esquecida, foram caindo em desuso, ficando só o metal bruto, mas para que o metal bruto servisse aos usos monetários, era necessário que se lhe reconhecesse o préstimo. Não sendo uma utilidade immediata, precisava ser ao menos uma utilidade indirecta, uma utilidade futura. Era o prenúncio da moeda actual. O que aconteceu com os instrumentos de trabalho aconteceu também com os objectos de ornamentação. Em vez do metal fabricado, começaram a servir de meios de troca os metais em bruto, não tardando que a todos se avantajassem os metais preciosos. Favoreciam-nos as melhores razões de preferência. Dominou todas as populações atrazadas, e até mesmo as já entradas em plenária civilização, o desejo de cada um exceder os outros no luxo da ornamentação. Dêste modo foram os ornatos, e os materiais de ornamentação, cousas desejadas por todos. Satisfazendo a esse principal requisito dos meios de circulação, satisfaziam também a um outro, que era a facilidade de transporte. Num rol de curiosidades económicas do século passado lê-se que, relativamente ao trigo, era o mesmo valor em ouro ou prata respectivamente 447.772 e 15.534 vezes mais fácil de transportar do que aquele cereal³. Para o homem primitivo de nada valia esta qualidade. O seu mobiliário era leve. Podia-o trazer todo consigo, porque lhe não pesava. Onde êle estivesse, es-

¹ Babelon, *Les origines de la monnaie*.

² Feitio de tâmaras na Pérsia, de prégos na Escócia, etc.

Roscher, *Principes d'économie politique*.

tava também tudo o que era dêle. No regime pastoril, que encheu uma grande época, e de que ainda há muitos restos no mundo, também não foi prenda de estimação a facilidade de transporte. Os rebanhos eram propriedade errante, que levava consigo o proprietário. Foi só com a passagem do estado nómada a outros modos de vida que o homem pde dar algum aprêço à facilidade de transportar, para onde lhe fossem precisas, as suas pobres riquezas. Podiam ser ainda de valor risível os seus bens, mas eram já grandes cousas para poderem ser transportados. Os metais preciosos resolviam a questão, dando à riqueza a forma portátil. Numa pequena cousa, fácil de transportar, e também fácil de esconder, o que foi sempre apreciável qualidade, qualquer fortuna se podia resumir.

Evidentemente ao metal não fabricado faltava uma condição para ser recebido em pagamentos. Era a determinação do seu valor. O utensilio valia pela utilidade prestada a quem o recebia, mas o metal em bruto não. Era a balança que tinha de decidir. O que se fazia com as outras mercadorias, fez-se com os metais. Pesaram-se. É velha no mundo a balança, e são notáveis os sistemas de pesos e medidas da antiguidade¹. Era certamente incompleto o sistema ponderal, faltando-lhe a parte fiduciária, que só a autoridade pública pode impôr, mas poucos passos foram tão decisivos na evolução da moeda como a aplicação dos metais à circulação. Foi essa a data da formação dos preços. Um determinado pêso de metal representava um valor, e com essa quantidade de metal, regulada pela escala ponderal em uso nos diversos povos, pde-se assinar o preço a todas as cousas. Foi assim que as propriedades económicas dos metais em geral, e designadamente dos metais preciosos, constituíram a base natural e técnica da organização convencional e política do numerário. Pde-se dizer também que a constituição das fortunas teve a sua origem na adaptação dos metais preciosos aos pagamentos. Nem mesmo se poderiam avaliar quaisquer bens possuidos sem um meio comum de avaliação. Havia de ser difícil somar medidas de trigo, objectos de mobiliário doméstico, peças de fazenda, armas, redes de pesca, vestuários e quaisquer produtos duma agricultura rudimentar, ou duma indústria incipiente. Todas essas heterogéneas parcelas, a que se limitariam os bens de populações atrasadas, tinham de ser reduzidas ao mesmo denominador, como numa conta de quebrados, e isso foi pela primeira

¹ O sistema babilónico, atribuido aos padres da Chaldea, e aos grandes reis da Asia, teve, ao que parece, a mesma unidade intrínseca, que caracteriza o nosso sistema actual. A décima parte da vara usada na Babilónia era a base da sua medida de capacidade, e o seu pêso de água fornecia o pêso fundamental, a *mina*.

vez feito, quando se puderam referir todas as cousas a determinados pesos de metal. Essa mercadoria, de que se pode fazer um equivalente de todos os bens, e portanto o seu preço, tornou também possível a composição de fortunas, que sómente se poderiam constituir, quando fossem susceptíveis de conservação e transporte. Os metais preciosos vieram satisfazer a essas condições. As cousas mais diferentes, e de mais difficil remoção, puderam ser reduzidas a um pequeno volume, que se conservava sem deterioração, e se transportava sem difficuldade.

Com uma mercadoria aceite por todos, e que se podia levar também para toda a parte, tinha-se descoberto um meio geral de pagamento. E certo que se estava ainda longe do termo da evolução da moeda, mas também é certo que à época da moeda pesada deve a circulação monetária um dos seus maiores impulsos. Foi longa essa época, e dilatada a sua geografia. Antes da amoedação dos metais foram estes empregados como meios de troca por quasi todos os povos da antiguidade. Bocados de metal sem nenhum sinal monetário, que lhes definisse o valor, serviram para fazer pagamentos, pesando-se em balanças a cada transacção efectuada. Não se pode duvidar de que já os antigos Arias pesavam o metal, com que pagavam as suas compras. No velho sanscrito o negociante, ou mercador, era designado pela palavra *tuladhara*, que significava literalmente o portador da balança. O termo eslavo *kupiti*, equivalente a *comprar*, e que passou com o mesmo significado para o velho alemão, teve a sua origem no sanscrito *kupa*, com que se designava o fiel da balança¹. Também o hebraico *kesitah*, que se referia a um pêso determinado, tem o seu correspondente árabe na palavra *kist*, que significa balança². O Egito, a Chaldeia e a Assíria, muito antes da moeda cunhada, serviram-se dos metais em bruto nos seus pagamentos, pesando-os em balanças como a qualquer outra mercadoria. É o que se mostra nas pinturas dos velhos hipogeus, onde se figura o acto da pesagem do metal em troca de cereais recebidos³. Demonstrem também documentos escritos que os preços dos objectos, quer de primeira necessidade, quer de luxo, eram tarifados em *outens* ponderais⁴. Um papiro da época dos Faraós estabelecia mesmo a relação exacta de

¹ Pictet, *Les origines indo-européennes*.

² Jevons, *La monnaie*.

³ Lenormant, *La monnaie dans l'antiquité*.

⁴ Cada *outen* era igual a 91 gramas segundo Chabas, e teria variado entre 94 e 96 segundo Lenormant.

várias mercadorias com determinados pesos de metal ¹. Tudo se avaliava a pesos de cobre. Um par de gansos pagava-se com 24 gramas de cobre, e um boi com 11 quilogramas ². Aos operários dos templos dava-se-lhes, além da alimentação, 470 gramas de cobre por mês. Era o cobre vindo do Sinai ³. A balança foi instrumento inseparável dos pagamentos, tendo por isso capital importância na vida desses antigos povos. No livro dos mortos, que era, como se sabe, uma colecção de fórmulas para defesa dos defuntos, quando, à entrada do outro mundo, fossem interrogados por Osiris, sobresaía a que jurava nunca se ter fraudado o pêso da balança nos pagamentos. Entre os hebreus era igualmente a pêso que se regulavam as transacções. Quando Abraão pagou a Efron o campo, que lhe havia comprado, pesou na balança os 400 siclos por que tinha ajustado a compra ⁴. A palavra *siclo*, ou *schehel*, que era simultaneamente unidade de pêso e unidade monetária, vem do hebraico *schakal*, que significava pesar, e mostram textos cuneiformes que os pagamentos se expressavam pelo verbo *saquel*, que significava pesar, ao passo que para os produtos vendidos se empregava o verbo *madad*, que significa medir ⁵.

É inexgotável a sciência da linguagem em provas da moeda pesada. Tiveram as moedas metálicas, na sua origem, o nome dos pesos, que muitas delas ainda conservam. Siclos, minas, tabnus, foram ao mesmo tempo pesos e moedas, do mesmo modo que a libra na Inglaterra e na antiga França, o marco na Alemanha, a onça na Espanha, a dracma na Grécia. É pelo nome de *pound*, pêso, que no comércio inglês se designa a libra esterlina. Nos primeiros tempos de Roma pesava-se a moeda. É segura prova a etimologia de muitas palavras como *dispensator*, pagador, *dispendium*, despesa, *impedium*, usura, *stipendium*, salário. Veem todos de *pendere*, pesar. A lei Júlia Papíria, substituindo o gado pelo metal nos pagamentos, mandava aplicar o sistema da pesagem. É sabido o papel simbólico da balança nas fórmulas jurídicas ⁶. Era um instrumento indispensável às compras e vendas. Quando já se não pesava a moeda, ainda a balança figurava em Roma nas transacções como solenidade legal. Era uma sobrevivência, a que não faltava a confirmação da simbólica

¹ Octave Noel, *Histoire du commerce du monde*, e *Économie sociale et politique*.

² Foville, *La monnaie*.

³ Chabas, *Études sur l'antiquité historique*.

⁴ Genesis xxiii.

⁵ Lenormant, *La monnaie dans l'antiquité*.

⁶ Michelet, *Origines du droit*.

religiosa. A *Juno moneta* representava-se com a balança na mão, entre as duas figuras mitológicas de Júpiter e Hércules ¹.

Por esta descrição sumária vê-se que teve grande extensão na antiguidade o sistema da moeda pesada. Nem mesmo desapareceu inteiramente dos usos do mundo, parecendo figuras contemporâneas as que Matsys pintou a pesarem ouro. Ainda hoje os chineses se servem de pequenas barras de prata ou ouro, que pesam a cada pagamento, do mesmo modo que se pesa o ferro ou o cobre para os usos industriais. Onde domina a circulação de moedas estrangeiras, é também a pêso que se fazem muitos pagamentos, não faltando economistas a preconizarem um sistema monetário composto sómente de unidades ponderais exactas ². A unidade fundamental do valor seria a grama de ouro, cunhando-se moedas de uma, duas, cinco e dez gramas, que concorreriam com moedas de prata, compostas também de múltiplos da grama. Conforma-se êsse sistema monetário ao dos revolucionários franceses, tendo-se mais recentemente proposto a sua extensão às relações externas pelo decagrama de ouro, adoptado para moeda internacional ³. Foi sem dúvida utilíssima a substituição de outras mercadorias pelos metais preciosos, mas compreende-se bem que a dependência da balança havia de dificultar cada vez mais os negócios, ao passo que estes se fossem desenvolvendo e multiplicando. Assinar ao metal um pêso certo foi portanto um rasgado progresso na evolução da moeda. Compradores e vendedores emanciparam-se da balança, mas ficaram prisioneiros da questão do valor. Até aí o metal era recebido em troca de produtos, mas por um valor incerto, ocasional e discutível. Era tratado como qualquer outra mercadoria, subsistindo as complicações da troca directa, que só apareceram diminuídas, quando se atribuiu ao metal monetário um pêso exacto, correspondente a um valor também exacto. Com o pêso certo do metal relacionou-se então o valor fixo, sendo êsse pêso aferido pela escala ponderal, em uso nos diferentes povos ⁴. O tamanho teria regulado o valor. É o que ensinam os usos tradicionais de muitas populações contemporâneas. Na Cochinchina e no Tonkin ainda se emitem barras de metal monetário com dimensões fixas, e o *larin* da Pérsia, chato e ténue, tinha o comprimento de 2 ¹/₂ polegadas.

Na antiguidade foram os pêsos graduados segundo uma progres-

¹ Creuzer, *Symbolique*, trad. de Guigniaut.

² Designadamente Joseph Garnier.

³ Michel Chevalier, *La monnaie*.

⁴ Os sistemas de pesos variavam muito, como se depreende da redução de valores egípcios a valores asiáticos para a conversão dos tributos.

são mais ou menos regular. Nos bocados de metal, que serviam de moeda, marcavam-se a traços incisivos secções iguais, indicando o número das divisões o pêso da moeda e o seu valor correspondente. Ia-se a caminho do metal *signatum*, que foi o comêço da verdadeira moeda. Dava-se sem dúvida um grande passo na evolução monetária, mas estava-se ainda muito longe da sua completa descomplicação, que só foi apreciável realidade, quando a moeda cunhada dispensou as operações aritméticas, a que a indeterminação do pêso e título impertinentemente condenavam. Esse progresso já tinha sido esboçado em remotas antiguidades, dando-se aos metais formas diversas, anéis, tubos, hastes, fios, onde se marcava uma escala com divisões mínimas, representativas de todos os valores normais¹. Com um dêsses bocados, que fâcilmente se podia cortar, formava-se o *appoint* duma conta. Pagava-se e recebia-se pelo pêso e valor atribuídos ao metal circulante, o que era sensível adiantamento, mas faltava-lhe a parte fiduciária, para que a circulação pudesse ser franca e acreditada. Era necessário que qualquer cousa dissipasse as dúvidas âcerca da veracidade do pêso e toque, inspirando a confiança, e servindo de fiador. Nem o pêso, nem o valor, tinham responsáveis, e não era da irresponsabilidade que podia provir a fé na moeda. Foi só pela criação duma marca, primeiramente de character individual ou colectivo, mais tarde de character official, que se fez do metal instrumento monetário de confiança. Os particulares, os comerciantes, os banqueiros, os bancos mesmo, porque os bancos são antigos, criaram o signal, a punção, a cunhagem. O Estado, aproveitando-se da ideia, consagrou-a, introduzindo na moeda a parte de character fiduciário, indispensável para que se lhe pudesse impôr curso legal e obrigatório. Não foi só à moeda metálica que se assinaram marcas de confiança pública, tendo-se posto também sinais fiduciários nas mercadorias escolhidas para o officio de moeda, e naturalmente apanhadas na corrente evolutiva. Na Abissínia marcavam-se os pães de sal, que serviam de moeda, para que o seu pêso fosse acreditado, e dividiam-se em fracções de metade, quartos e meios quartos². O mesmo faziam com o tabaco muitos povos americanos, e na Rússia estampilhavam-se com um sinal do govêrno as peles de diversos animais, que ali serviam de moeda, cortadas em bocados de polegada quadrada cada um³. As moedas

¹ Babelon, *Les origines de la monnaie*.

² Gaspar Correia, *Lendas*.

³ No princípio do século xvii, uma caixa militar russa, que caiu em poder dos mongoes, continha 5.450 rublos em dinheiro e 7.000 em peles, e como a validade dêstes não tivesse sido reconhecida produziu-se a bancarrota.

de sola, que obscuras tradições atribuíram aos reis de Roma, e que foram meio circulante muito usado em Cartago, eram também estampilhadas, e não se pode duvidar de que essa moeda, selada com variadas efigies, tivesse curso nalguns países da Europa média, e posteriormente na Rússia até ao tempo de Pedro o Grande¹. Os cunhos, que correspondem na moeda aos selos do Estado, são o atestado público da exactidão do seu pêso e título. Esses atestados, às vezes falsos, como adiante se verá, foram da maior importância para o grande público, tendo sido exornadíssima a emblemática monetária, em que abundaram figuras de animais, extravagantes combinações alfabéticas, e uma enfeitada simbólica, a que muitas vezes sobresaía a cruz².

A evolução material da moeda estava feita. A sua evolução fiduciária apenas começava. Estreava-se afiançando a moeda. Era mais um largo passo, mas havia muitos outros que adiantar, não estando talvez ainda fechado a estas horas o ciclo fiduciário. Uma das qualidades dos metais preciosos é a sua raridade. A evolução fiduciária fez o crédito, e o crédito fez da raridade abundância. Diz uma tradição que os espíritos da terra se introduziam invisíveis por todas as suas fendas, para extraiem o ouro das veias do Globo. O crédito é mais subtil do que esses misteriosos trabalhadores das minas. Faz êle mesmo o ouro. Da alquímica, que tinha sido o sonho dourado da meia-idade, fez uma sumptuosa realidade. No lugar do ouro, que governava o mundo ávaramente, intrunizou o papel, que foi o seu sucessor pródigo. A finança teve com que satisfazer Mammon, a divindade do lucro. O mundo seria bem desgraçado, se não tivesse outro meio circulante além dos metais preciosos. Os 50 ou 60 biliões, que um leve pânico reduziria ainda a muito menos, não dáva para mobilizar as riquezas da terra. O mundo dos negócios teria de parar, se o crédito não espalhasse por todos os povos do universo a torrente das suas notas, dos seus cheques, das suas letras de câmbio, dos seus novísimos processos de pagamento. O milagre bíblico da multiplicação, feito cousa natural, vulgar e corrente, repete-se a toda a hora e em todos os lugares. Não são sómente as riquezas actuais que se revolvem na translação vertiginosa do comércio. A ambição da finança moderna é ilimitada. Não lhe basta o presente. Precisa também do

¹ Ducange na palavra *moneta coriacea* do Glossário. Nas *Memórias de D. João I* de Soares da Silva attribue-se a esse nosso rei o fabrico de moeda de sola, mas nenhum outro documento confirma essa informação.

² A cruz é um sinal religioso, que se encontra em quasi toda a antiguidade, não sendo por isso exclusivo do cristianismo, que longamente antecedeu,

futuro para saciar a sua fome de Gargantua. O crédito satisfaz-lhe o apetite devorador criando o desconto, que é a ponte lançada sobre o tempo. Leva a todas as distâncias essa criação da engenharia financeira, sendo mesmo infinita a sua extensão nas antigas fundações de crédito, que são as dívidas perpétuas dos Estados. Por tudo isto é sem dúvida mais interessante a evolução fiduciária da moeda do que a sua evolução material, mas antes de se apreciar toda a maravilha dos seus inventos, há alguma cousa que respigar na história monetária dos metais preciosos.

V

As suas qualidades excepcionais fizeram dos metais preciosos a substância monetária por excelência. A circulação fiduciária, dominante no mundo, só é possível tendo por base o ouro ou a prata, que são uma das hipotecas da nota. Quási inalteráveis, extremamente divisíveis, reunindo em pequeno volume grande valor, e fáceis portanto de transportar, servem melhor do que qualquer outra mercadoria para os usos monetários. As flutuações do seu valor são também menores do que as de qualquer outro material. Não se consumindo depois de produzidos, resulta que a sua produção anual é sempre diminuta relativamente ao *stock* existente, o que põe os metais preciosos ao abrigo de muitas causas de flutuação de valor, não influyendo neles, como nos cereais, a escassez ou a abundância das colheitas. Esta circunstância dá aos metais preciosos uma espécie de eternidade, a aos seus possuidores a garantia de terem sempre um valor, quer seja moeda, quer não. É cara a circulação metálica pelas quantidades de ouro ou prata, a que obriga, e pela riqueza disponível que presuppõe, sendo por isso mais económica a circulação dos objectos usuais. É uma justa observação de Luzatti. Além disso está o seu valor dependente duma descoberta geográfica ou científica, acontecendo também serem os metais preciosos de tal sensibilidade que fogem ao primeiro alarme económico ou político, escondendo-se, e agravando as crises com a sua evasão e desaparecimento. É certo tudo isto. São os defeitos da sua qualidade de substância preciosa, mas esta terá sempre o predomínio sobre todas as outras mercadorias para a função monetária. Tem por isso um lugar interessante na evolução da moeda a historia dos metais preciosos nas suas relações com a circulação.

Saber a quem se deve a invenção da moeda metálica tem sido, por assim dizer, uma questão posta a prémio. No segundo século escreveu Pollux que não podia haver melhor ocupação, para um espírito culto, do que investigar se a moeda tinha sido inventada por

Phidon, rei de Argos, por Demodice, rainha da Phrygia, pelos atenienses, pelos lídios, ou ainda pelos povos de que falaram Xenofanes e Aglostenes¹. A erudição, não se furtando ao espiritual convite, poz-se ao estudo, mas a questão está como estava então, não parecendo mais esclarecida a sciência dos modernos do que a curiosidade do antigo lexicógrafo. O lugar, onde foi inaugurada a cunhagem da moeda, também é ponto muito controvertido, não valendo a pena des-embraçar essa meada de erudição, em que uns juram pela Egéa, e outros pela Lídia, norteados estes por Herodoto, e aqueles por Strabão. O que se deduz do confronto dos textos, e do exame dos exemplares numismáticos, é que a moeda, no sentido completo da palavra, teria feito a sua aparição nos grandes centros comerciais banhados pelo mar Egéio, e durante o sétimo século antes da nossa era². Geográficamente e cronologicamente é isto o que parece apurado, tendo-se realizado nessa região, e nesse século, a passagem da antiga forma de moeda metálica, já de pêso exacto, mas ainda sem marca official, para a moeda propriamente dita. Foram essas primeiras moedas de ouro e prata de feitio incómodo e defeituoso. A execução, esmerada às vezes nos objectos de arte, foi por muito tempo deficiente e desageitada nas moedas³. Não se fracionando em pequenas parcelas, mal serviam para todos os pagamentos, e sendo cara, mal podiam chegar também a todas as mãos. Por isso a sua propagação muitas vezes tropeçou em dificuldades. Nas províncias mais internadas naturalizou-se muito incompletamente o numerário amoedado, continuando a massa principal dos metais a circular pelo seu pêso, e em estado bruto, como no tempo dos antigos reinos asiáticos, mas nas cidades dos litorais, mais abertas a todos os progressos, a propagação foi rápida. A amoedação aperfeiçoou-se, e no século vi antes da nossa era já não havia cidade importante do mundo helénico, que não tivesse a sua moeda official e autónoma, cunhada em nome da autoridade pública, e com os emblemas que lhe atestavam o título e o pêso⁴. Daí para diante os destinos da moeda estão ligados aos da produção dos metais. São vinte e tantos séculos de circulação metálica, muitas vezes interrompida pela falta de matéria prima. Durante eles tem a terra competido com o homem, e acaso excedendo-o, na

¹ Pollux, *Onomast*, citado por Babelon.

² Nisto concordam, apenas divergindo em detalhes, Lenormant e Babelon, nas obras citadas, Reinach em artigos da *Revue numismatique*, Curtius, *Histoire de la Grèce*, e Boeck, *Économie politique des atheniens*.

³ Mommsen, *Histoire de la monnaie romaine*.

⁴ Babelon, *Les origines de la monnaie*.

avareza do metal precioso. São custosos de forçar os redutos obscuros do solo, onde jazem, dormentes ou preguiçosos, os metais monetários. Até quasi à entrada dos tempos modernos, toda essa produção subterrânea, todas essas riquezas enterradas, pertencem tanto à lenda como à história. São a fábula dos tesouros escondidos, guardados por monstros formidáveis. As pesquisas das minas parecem aventurosas expedições aos países misteriosos do ouro. Naturalmente é a penúria dos metais preciosos que as mais das vezes se tem de registar nos tempos antigos e médios, e se as minas são agora mais gerais e abundantes, êsse ouro, que parece tanto, mal chega para as necessidades do mundo. Nas linhas, que se seguem, conta-se de relance o que foi a produção dos metais preciosos na antiguidade e nos séculos médios até às grandes Aleluias do descobrimento da América, que é uma das três ou quatro datas de maior destaque na evolução da moeda.

Tardamente os metais preciosos foram apreciados e explorados. Conheceram-nos, sem dúvida, os progenitores arianos das raças europeias, mas parece que mais apreciavam eles o cobre e o ferro do que o ouro e a prata. Nos seus melhores tempos a Grécia, pobre em minas de ouro, mas sóbria, e inclinada às recreações do espírito, desprezava as riquezas. Na sua vasta galeria mitológica, Pluto tinha sido primeiramente uma divindade inferior e subalterna¹. Esta concepção mostra que não tinham os antigos helenos em grande conta as riquezas materiais. Com efeito, antes de Homero e Hesiodo, pode-se dizer que pouco ou nenhum uso se fazia do ouro ou da prata em toda a Grécia². As faladas riquezas dêsse tempo eram tão imaginárias como as do Tosão de ouro na Colchida, ou em tempos mais próximos, mas não menos nebulosos, o tesouro dos Nibelungen no país das brumas³. Depois, com a sua larga expansão pela Ásia dentro, a Grécia transformou-se, e o bezerro de ouro, já adorado por antigos povos, começou também a ser incensado pelas gentes helénicas⁴. Parece

¹ Aristofanes ainda o rebaixou mais tratando Pluto de deus *obtusos e estúpido*, mas Aristofanes fazia a sátira dos costumes do seu tempo, e em Pluto propoz-se a combater a desigualdade das fortunas, convindo-lhe para isso amesquinhar o deus das riquezas.

² Grote, *Histoire de la Grèce*.

³ Todas as mitologias tiveram os seus tesouros, mas não vem para aqui discutir o seu significado, sendo certo que a nova sciência das religiões considera esses fabulosos tesouros, guardados por dragões igualmente fabulosos, todos eles de estranhas anatomias e vomitando fogo, ora como símbolos, ora como mitos hellacos, e portáto sem realidade histórica.

⁴ Na antiga comédia grega, o grande Júpiter confessa que morreria de fome sem o ouro.

que durante muito tempo só a Ásia produziu ouro. Escreveu-se já que o *stock* metálico nesse velho continente, antes da era cristã, teria sido de 6.600 milhões de ouro e 13.400 de prata, ao que ainda se poderia ter acrescentado 840 da África, e 800 da Europa. Ao todo haveria no mundo perto de 22.000 milhões de ouro e prata¹. Estes cálculos assentavam todos em bases inverosímeis, e estavam em contradição com tudo o que se sabia da indústria mineira na antiguidade. Não era uma estatística que neles se continha. Era antes a fábula dos metais preciosos posta em números. Sem dúvida produzia-se ouro e prata em muitos lugares da Ásia, mas sempre em quantidades diminutas. A exploração das minas só era possível em pleno regime de escravatura, com a gratuidade da mão de obra. Repetidas passagens de Herodoto e Xenofonte attestam a pobreza das minas, que então se exploravam. Algumas, como as da Tessália, foram mesmo abandonadas, tão escasso era o seu rendimento, e as da Atica, que ocupavam vinte mil escravos, não produziam mais².

Outras causas influíam ainda na circulação. A moeda, em vez de girar, acumulava-se nos templos, como em Delphos³, ou nos palácios dos monarcas da terra como em Persepolis. Além de serem escassos os produtos das minas, esses mesmos eram entesourados, preferindo-se também em muitos casos à função monetária a decorativa. No mobiliário da velha Grécia, e dos antigos impérios asiáticos, encontram-se colares, anéis e braceletes de tais dimensões, que nunca poderiam ter sido usados como joias ou objectos de ornamentação pessoal. Acontecia então naturalmente o mesmo que agora acontece em povos pouco adiantados, ou que só recentemente entraram na civilização. Em Annam, por exemplo, ainda hoje se fabricam moedas de 100 e 50 onças⁴, impróprias por certo para a circulação, e que por isso sómente se prestam ao entesouramento. O que porêem devia ter sido mais freqüente era reunirem-se as duas funções, a monetária e a decorativa. Os godos e os celtas, que muitas vezes usavam de objectos de ouro para decoração das suas pessoas, serviam-se também deles para meios de compra, e o pobre índio, que junta algumas moedas, procura logo fazer delas um anel, um colar, ou um bracelete, que lhe serve de ornamento e de capitalização, de joia e de pecúlio⁵. Dêste

¹ Otreschkoff, *De l'or et de l'argent*.

² Boeck, *Économie politique des athéniens*.

³ O templo de Delphos foi um verdadeiro banco de depósito, emprestando ao Estado as somas, que lhe eram confiadas.

⁴ Arnauné, *La Monnaie, le Crédit et le Change*.

⁵ Jevons, *La monnaie*.

modo vê-se que não só deviam ter sido diminutas as quantidades de ouro circulante, por serem pouco produtivas e mal aproveitadas as minas, mas ainda porque o metal se immobilizava, sob forma de joias, ou de objectos decorativos, nas mãos dos particulares, donde só raramente saía para a circulação.

As repetidas quebras de moeda são outros sinais certos da raridade dos metais preciosos. Os antigos hebreus, que tinham o seu *sekel* de ouro, obrigados pela necessidade, foram sucessivamente diminuindo as quantidades do metal precioso, até o reduzirem a metade do primitivo valor. Na Grécia antiga o título da moeda alterou-se também umas poucas de vezes, sofrendo reduções sucessivas até perder mais de 50 por cento do seu valor. Entre os romanos começou a quebra da moeda com Sêrvio Túlio, tendo-se repetido essa operação durante a república. No tempo da primeira guerra púnica foram reduzidas a $\frac{5}{6}$ do seu pêsso todas as moedas, aumentando assim fraudulentamente o valor nominal do erário público na mesma proporção. Na guerra púnica imediata ainda mais se furtou ao valor da moeda, e no tempo dos imperadores, quando já não eram fáceis maiores reduções, iludiu-se o público, e disfarçou-se o pêsso da moeda, juntando-se ao ouro ou à prata fortes ligas de metais pobres¹. Dissimulava-se assim a penúria dos metais preciosos, atribuindo-lhes primeiramente maior valor, e suprindo depois por outros metais a sua deficiência. Não paravam aí as fraudes. A moeda forrada foi outro modo de falsificação. Era moeda de cobre, ferro ou chumbo, coberta por uma tenuíssima folha de prata ou ouro. Quási sem valor intrínseco, circulava como se fosse moeda boa. Foi a moeda hipócrita. Usou-se dela na Grécia e em Roma. Na república fizeram os governos romanos emissões monetárias, em que se incluía, com autorização legal do Senado, um certo número de moedas forradas². *Miscere monetam* foi a expressão latina consagrada para esta fraude. Era por diferentes maneiras o curso forçado da moeda falsa.

O balanço do império romano também mostra o passado menos provido de ouro e prata do que aos antigos se afigurou. Quando Roma fez a liquidação das riquezas do mundo, confiscando-as, não encontrou no espólio dos povos vencidos as riquezas, que, no dizer dos historiadores crédulos e dos poetas imaginosos, andavam repartidas em estátuas colossais, em baixelas sumptuosas, e na infinita variedade dos objectos, contados, com mais ingenuidade que ponderação, no inverosímil mobiliário dos palácios e dos templos. Nas festas de

¹ Villeneuve, *Histoire de l'économie politique*.

² Mommsen, *Histoire de la monnaie romaine*.

Pompeu, depois do seu triunfal regresso do Ponto, mostra-se bem modesto o trofeu do vaidoso general, comparado ao que se fabulou das riquezas saqueadas. O que Tito Lívio conta da conquista da Macedónia, do espólio do opulento Aristarco na guerra de Scipião, e dos saques da Etólia e da Galícia, está longe de constituir uma pequena fortuna dos tempos modernos, e tudo quanto Sylva levou para Roma, e que fez, pela sua quantidade, o espanto do povo romano, não passava de 15.000 libras, que César, para poder levar a cabo as suas jornadas bélicas, tirava do erário, trinta anos depois, esvaziando-o¹. No fim de todas as vitórias, quando o mundo então conhecido estava quasi todo conquistado, e os seus tesouros tinham vindo definitivamente para Roma, o erário do império romano apenas continha milhão e meio de sestércios. As conquistas levaram a Roma quasi tudo o que havia de metais preciosos no mundo, mas se tinham entrado depressa pela pilhagem, mais depressa saíram pela prodigalidade². A uma passageira pletora seguiu-se a penúria, de que foi consequência forçada a doutrina do valor da moeda regulado pelas conveniências, e de que se veiu progressivamente abusando pelos séculos médios fora. Abusaram despoticamente os soberanos desse extravagante poder, que lhes permitia elevar ou enfraquecer o título das espécies, segundo eram devedores ou credores. O abuso foi escandaloso. A Igreja tremeu contra os depravadores da moeda, sem poder remediar o mal que alastrava. Chamou-se-lhe mesmo *morbis numericus*. Nesse tempo as pestes dizimavam as populações. Essa outra peste desgraçava-as. Os reis tinham culpas, mas a natureza do mal estava na falta de metais preciosos. O próprio S. Tomás de Aquino, tão sectário de Aristóteles, que na sua Política tinha adivinhado os melhores princípios da sciência financeira, reconheceu na *Summa theologica* a necessidade de alterar o valor das moedas, em frente da escassez do ouro e da prata.

Os metais preciosos, que durante os séculos bárbaros e os tempos medievos se produziram no mundo, pouco acrescentaram ao minguido *stock* monetário, que a transferência da séde imperial para Constantinopla ainda mais apoucara. Com a côrte tinham emigrado as famílias patricias, e com estas emigraram também os capitais. Desde a

¹ Marquardt, *Organisation financière des romains*.

² A lenda das riquezas metálicas da antiguidade romana, reduzida pela melhor crítica a proporções mais modestas que grandiosas, é também desmentida pelas ruínas de Pompeia, onde se não encontraram valiosos objectos de prata ou ouro, o que não teria acontecido, dada a sumptuosidade dos mobiliários soterrados, se naquele tempo houvesse abundância de metais preciosos.

era cristã até à queda do império romano as riquezas metálicas do ocidente diminuíram na proporção de nove para um¹. A circulação quasi desapareceu. Estava-se em pleno absentismo dos ricos, e ao povo bastava a pequena moeda para pagar os seus consumos pobres e limitados. Com a queda do império romano tinha desaparecido a melhor moeda, podendo-se dizer que durante os oito séculos, decorridos desde então até ao fim do século XIII, quasi não houve moeda de ouro no mundo. Algumas moedas fabricadas nesse prolongado intervalo foram simples imitações bizantinas, de interesse menos comercial do que numismático. Cita-se como facto notável a cunhagem de 13 reais de ouro em 1226, dos quais teria sido um para o rei, e os restantes para os doze pares de França². É expressivo este facto de excepção. Os metais preciosos, que não tinham fugido do occidente, mudando de império, tinham fugido da circulação escondendo-se. O comêço da meia-idade não foi por isso mais favorável à circulação metálica do que os últimos anos do Império. Uma parte dos tesouros tinha-se sumido. Os bárbaros traziam consigo o terror, e diante deles quem não podia levar o que possuía, escondia-o, e às vezes para sempre. O ouro e a prata foram subtraídos à circulação, e por isso nunca os metais preciosos foram tão raros, e tão apreciados, como nos séculos, que se seguiram à invasão³.

Acrescente-se às razões expostas que durante a invasão, e ainda muito tempo depois, esteve suspenso todo o trabalho das minas, não tendo recommçado senão com o desaparecimento do terror bárbaro. Por tudo isto poderá dizer-se que a produção das minas da Saxónia, do Tirol, da moderna Macedónia, do Hartz, e pouco mais, constituiram quasi todo o fundo metálico da Europa antes do descobrimento da América⁴. Nunca passou porém de mediocre essa produção. As minas da Saxónia não produziam mais de 7 1/2 milhões de francos de ouro e prata por ano, as do Tirol pouco mais de 1 milhão, as da Macedónia 300 a 400 mil francos, e as do Hartz esgotaram-se depressa, tendo sido talvez mais lendárias que produtivas⁵. É certo que ainda

¹ Jacob, *Historical inquiry into the production of the precious metals*.

² Saulcy, *Recueil de documents relatifs à l'histoire des monnaies*.

³ Durante o Império chegou a valer cada hectolitro de trigo 68 gramas de prata, mas logo a seguir à invasão já não valia senão 12, o que demonstra um poder comprador, resultante da raridade do metal, 5 1/2 vezes maior.

⁴ Roswag, *L'argent et l'or*.

⁵ Era no Hartz que, segundo a tradição poetizada no Fausto de Goethe, se reuniam os feiticeiros para a celebração dos mistérios de Walpurgis. A ligação, antigamente acreditada, da feitiçaria com as artes metalúrgicas, fazem supôr que Hartz

hoje se celebra a ourivesaria merovingiana, e se admiram os objectos de ouro patenteados nos museus, ou guardados nos preciosos relicários das velhas abadias, mas tudo isso, que é sem dúvida de grande preço, vale muito menos pelo seu pêso de ouro do que pelos primores da mão de obra. Na antiga França os faustosos reis Dagoberto e Chilperico, expondo à sua côrte palatina as riquezas em ouro, que possuíam, e de que fala com admirado encarecimento Gregório de Tours nas suas crônicas, melhor demonstram a mediocridade do que a grandeza dos tesouros merovingianos¹, e a ourivesaria religiosa, santificada no seu patrono, e em que eram mestres os monges de Santo Alberto, foi também mais notável pela qualidade do trabalho do que pela quantidade dos metais trabalhados, e em que o ouro não tinha de resto a maior parte.

Toda a meia-idade foi pobre de metais preciosos. Os reis dêsse tempo recebiam em gêneros os seus tributos, e tal foi a escassez do numerário que algumas vezes tiveram de pagar as suas dívidas em moeda de chumbo², e em muitos lugares se teve de voltar à moeda primitiva³. O eclipse quâsi total do dinheiro tinha durado uns poucos de séculos, só tendo feito a sua reaparição quando as cruzadas, reatando as relações do ocidente com o oriente, trouxeram ao velho mundo um passageiro fluxo de ouro. Teve por isso o século xiv aspectos de uma idade de ouro nova, e algum historiador assim o denominou⁴. A Itália vinha de introduzir novamente na circulação a moeda metálica, quâsi totalmente caída em desuso. Foi uma diabólica tentação para todos. O florin fez a inveja do resto da Europa, e a política dos outros países desatou a copiar a finança italiana. A França destituiu os eclesiásticos das funções civis, em que andavam largamente investidos, e chamou os banqueiros florentinos. De banqueiros compuzeram então os reis de França os seus ministérios. Um banco valia bem uma igreja, e um banqueiro um prelado. Não bastava porêem importar banqueiros. Era preciso importar também o ouro, visto não terem sabido as nações da Europa colher o fruto das cruzadas, trazendo para o ocidente, como Génova, Pisa, Florença e Veneza, o ouro do Levante. Não chegando a prata, e muito menos

tivesse sido importante centro mineiro, cedo exausto de ouro e prata, posto que ainda hoje abundante noutros metais.

¹ O vaso de ouro, que Chilperico mandou fazer para ilustrar com uma peça de extraordinária riqueza a opulenta nação dos Frankos, não tinha mais de 16 quilogramas de ouro.

² Blanqui, *Histoire de l'économie politique*.

³ A moeda viva, *living money*, a que num artigo anterior se fez referência.

⁴ Michelet, *Histoire de France*.

o ouro, para uma circulação, de que se estava desacostumado, e a que em vão se procurava voltar, a breve trecho se estava fabricando furiosamente moeda falsa. Repetia-se uma receita já mais vezes áviada. Sucessivas alterações nas moedas foram a maneira de fazer ouro fingido, onde o não havia verdadeiro. Foi uma alquímica fraudulenta. As moedas, ou antes os sinais monetários, passaram pelas mais estranhas vicissitudes. A instabilidade foi pavorosa na França, e acaso mais ainda na Inglaterra. Em nove anos a moeda mudou setenta vezes de valor. As cotações externas passaram de 13,5 a 3,2. No princípio de agosto de 1357 uma ordenação fixava o marco de prata em 20 libras, e no fim dêsse mesmo mês em 8. No dia 21 de março do ano seguinte o marco valia 102 libras, mas no dia 30 já não valia senão 11. Em dez dias era uma diferença de 900 por cento¹. Uma quebra na moeda trazia benefícios imediatos ao tesouro, mas êste beneficio, realizado à custa dos vassallos, transformava-se em prejuízo, quando estes, mais tarde, pagavam em moeda avariada. Tudo então se invertia, alternando-se as operações conforme se pretendia a alta ou a baixa. Dêste modo foi a quebra da moeda regra financeira e política das operações fiscais².

A visita do ouro à Europa, sobretudo à sua parte ocidental, foi curta, mas deixou de si um rasto desastrado, de que todos sofreram. Apenas serviu para perturbar a paz da economia natural, em que geralmente se estava vivendo. Os senhorios, que então se contentavam com a medida de trigo, e o fisco com os gêneros que lhe levavam, quizeram moeda, ouro ou prata, forma condensada de riqueza, com que tudo se comprava³. Foi a desgraça geral. Até aí com terras e produtos da terra se pagavam rendas, serviços e tributos. Quando se colhia muito, muito se pagava, mas quando se colhia pouco, pouco também se pagava. Era uma distribuição de justiça feita pela natureza. Depois, nesse regime novo, fundado na ilusão de uma idade de ouro também nova, veio a terrível obrigação do dinheiro. Foi um período de violências. A todos se exigiram partes de fortuna. Nem a Igreja, que tinha os maiores privilégios, foi poupada. Debalde o

¹ Etienne Martin, *Histoire économique et financière de l'Angleterre*.

² Em Portugal, que não foi excepção da regra, fazia-se a declaração pública da alteração do valor da moeda com franqueza quasi cínica. «Nós queremos que a nova moeda valha 20% mais do que o seu pêso» dizia D. João IV numa lei de 1641, e em 1688 ordenava o rei D. Pedro II que se elevassem outros 20% sobre o valor de toda a moeda existente.

³ Numa carta de Cristóvão Colombo a Fernando e Isabel, dizia-lhes o navegador genovês, exaltando o seu descobrimento, que com ouro se comprava tudo, até um lugar para a alma no paraíso.

papa lançou a excomunhão sôbre os que obrigavam o clero ao imposto, e também sôbre o clero que obedecesse à imposição. O pontífice clamava soberbamente de Roma, mas era como a voz do profeta nos desertos da Iduméa. Não se ouvia para além dos Alpes. O poder eclesiástico declinava. O braço de Filipe o Belo, que tinha sido bastante forte para destruir o Templo, era também bastante comprido, como disse um seu historiador, para chegar a Roma; e desfeitear o papa. Sem ouro, quási sem prata, e com o prurido de estabelecer uma circulação metálica, que uma onda passageira de ouro sôbre a Europa apenas afigurou possível, pode-se fazer ideia do que teria sido a segunda metade do século xiv, e quási todo o século seguinte, em que a desordem bimetalista foi espantosa. A ficção do ouro tinha-lhe diminuído bruscamente o seu poder comprador. A sua desilusão também bruscamente o elevou. De 3, em que os economistas numericamente o representaram no comêço do século xiv, passava a 10 no século seguinte ¹. Já quási se não cunhava moeda. Faltava a matéria prima. Estavam tão ricas de metais preciosos as grandes nações europeias como o minúsculo reino de Yvetot, que também tinha inscrito nos seus fastos o direito soberano da amoedação, mas que só moeda de sola podia fazer, por não ter metal para cunhar.

Continuaremos.

ANSELMO DE ANDRADE,

¹ Levasseur, *La question de l'or*.

Sôbre a origem e significação das células gigantes

O estudo das células gigantes, com as vantagens da técnica actualmente empregada para evidenciar os seus detalhes, presta-se a considerações e demonstrações de curiosa novidade, em particular pelo que diz respeito à fisiologia do núcleo.

Interessantes factos de renovação nuclear, comparáveis sob todos os pontos de vista aos fenómenos que os espermatozoides costumam sofrer dentro do óvulo, ressaltam tão claros que se impõe a sua divulgação.

O texto que vai seguir-se resulta da ordenação de antigos trabalhos experimentais feitos sôbre esses elementos celulares e é conseqüência da leitura de centenas de células gigantes ligadas a processos de tuberculização¹, de sífilis e de neoplásia². Circunstâncias diversas só agora nos permitiram ordenar as observações colhidas.

CAPÍTULO I

A célula gigante experimental

A — A carioanabiose

O fenómeno de carioanabiose (de *carios*, núcleo e *anabiosis*, resurreição)³, consiste na absorpção que as células gigantes fazem dos fragmentos dos núcleos das células polinucleadas em estado de picnose, fragmentos que, em contacto com um novo protoplasma extremamente activo, se reconstituem e se tornam em núcleos em estado normal.

¹ MARQUES DOS SANTOS, *Um caso de tuberculose do rim*.

² Idem, *Contribuição para o estudo do cancro colóide do ovário* (*Revista da Universidade de Coimbra*, 1912).

³ A. GUIEYSSÉ, *C. R. de la Soc. Biol.*, 7-3-908.

A célula gigante, massa plasmodial maior ou menor, é de forma absolutamente indeterminada.

Elipsóide no estado de repouso, adaptando-se e englobando os obstáculos que encontra; estirando-se e adelgaçando-se com uma plasticidade e mobilidade enormes, é um elemento extremamente activo possuindo um poder fagocitário considerável e conseqüentemente formas múltiplas e variadas.

O seu protoplasma é mais ou menos abundante, denso, granuloso, com vacúolos raros, claros e homogêneos; toma vigorosamente os corantes ácidos, não parecendo ter diferenciações ergastoplásmicas, nem possuir esfera atractiva ou centrosoma.

A quantidade dos seus núcleos é muito variável; umas vezes está em relação com o tamanho da célula, mas na maioria dos casos o seu número torna-se considerável sem relação alguma com o tamanho celular.

Observa-se então uma enorme acumulação de núcleos empilhados uns contra os outros; podem contar-se de 50 a 250.

São geralmente elípticos, dispostos na direcção geral da célula e variam de dimensões em grandes proporções; o seu diâmetro maior vai de 7 a 20 μ .

A sua estrutura é também variável; os maiores são em geral claros com um grande nucléolo nucleínico; outros são sombrios contendo também um grosso nucléolo.

Nestes elementos celulares não constatámos (facto aliás notado por outros observadores como GUIEYSSÉ, PRENANT) o mais ténue traço de divisão celular mitótica ou amitótica.

O modo como se constituem os núcleos, o processo que permite a sua formação em massa e que explica a sua extraordinária abundância é o seguinte.

O poder fagocitário considerável destas células exerce-se sobre tudo quanto passa ao seu alcance; ingerem todos os glóbulos brancos que encontram e por essa causa podemos observá-los bem dentro das células gigantes.

Depois de ingerido o glóbulo branco penetra na célula sem sofrer modificações (fig. 1); é contido num vacúolo que o separa do protoplasma; mas esse vacúolo um pouco depois desaparece.



Fig. 1. — Célula gigante englobando glóbulos de pús: *a*, glóbulo contido num vacúolo; *b*, desaparecimento do vacúolo; *c*, *d*, núcleos claros e escuros.

Em seu lugar notam-se grossas granulações que parecem provir do protoplasma do leucocito sofrendo o fenómeno de citolise; estas granulações desaparecem pouco a pouco misturando-se com o protoplasma da grande célula, até que mais tarde os fragmentos aparecem contidos no protoplasma, sem traços de vacúolos ou da forma celular anterior (fig. 2); isto é, os fragmentos do núcleo ficam colocados no protoplasma da célula gigante.



Fig. 2. — Célula gigante cujos núcleos estão em adiantado estado de carioanabiose.

Começa então o fenómeno da carioanabiose.

Os fragmentos de cromatina tornam-se tumefeitos, arredondam-se guardando entretanto a situação em grupo que tinham no leucocito. Pouco tempo depois esses grupos de núcleos começam a mostrar uma estrutura vaga e uma delicada membrana e afastam-se uns dos outros.

Continuam a aumentar de volume e confundem-se com os núcleos sombrios da célula gigante.

A prova de que se dá realmente esta evolução consiste no facto de que esses núcleos se conservam ligados entre si por uma pequena linha bem nitida, linha essa que representa ainda o resto do filamento que nos polinucleares une entre si os diversos fragmentos dos núcleos.

Poderia tomar-se esta formação por um núcleo no fim da amitose, cujas metades ficassem ainda ligadas entre si; mas além de se não constatar o mais leve sinal de amitose nesses núcleos, se ela proviesse dum grande núcleo que se tivesse dividido, deveríamos ter duas massas claras pois que os grandes núcleos são sempre claros e facto é que o que nós observamos são duas massas sombrias (fig. 3).

Compreende-se assim como por êste processo se pode formar o elevado número de núcleos das células gigantes sem que se possa ver o mais leve traço de divisão; a absorção de cada leucocito corresponde à formação de cinco a seis novos núcleos e como frequentes vezes se dá o caso de serem absorvidos vários polinucleares ao mesmo tempo, succede que o número de núcleos é extremamente elevado.

Para que se dê o fenómeno da carioanabiose são, ao que parece, necessárias duas condições como sejam em primeiro lugar que o polinuclear esteja num estado de tal inferioridade que possa ser facilmente



Fig. 3. — Célula gigante com fragmentos de núcleos de polinucleares englobados, ligados entre si por um pequeno tractus.

fagocitado sem que o seu protoplasma possa reagir em contacto com a célula gigante.

Esse estado doentio costuma traduzir-se por um certo grau de condensação nuclear, condensação essa que resulta da perda de água da cromatina.

É um estado em tudo semelhante ao que se passa com a cabeça do espermatozoide no acto da fecundação.

Como sabemos o primeiro período da fecundação não é mais do que um fenómeno carioanabiótico; desde que penetra no óvulo, a cabeça do espermatozoide tumefaz-se e toma o aspecto dum núcleo ordinário; mais tarde interveem os fenómenos de divisão certamente devidos a outras forças provindo quer do óvulo quer do espermatozoide.

Mas o que é verdade é que NICOLAS, OPPEL, RUCKERT e outros descreveram nos selácios e nos reptis com o nome de merocitos, núcleos formados no óvulo por espermatozoides que, tendo penetrado com o espermatozoide fecundante, não puderam tomar a mais pequena parte nos processos fecundativos.

O estado da cabeça do espermatozoide é comparável ao do núcleo em picnose; é um núcleo em decadência que só poderá evoluir à custa dum protoplasma novo. No caso da fecundação esse protoplasma é fornecido pelo óvulo.

Em segundo lugar é necessário que o estado de decadência do núcleo não seja levado muito longe, doutro modo os fragmentos nucleares não só não se regeneravam mas seriam digeridos pela célula gigante.

É o que uma ou outra vez se nota na célula gigante sob a forma de pequenas granulações muito basófilas, agrupadas, que no fim de contas não são mais do que grãos de cromatina em via de regressão.

Para completa elucidação destes curiosos fenómenos no tocante ao leucocito, basta-nos indicar que o glóbulo de pus não é mais que um glóbulo polinuclear em picnose.

Apresenta-se nos (fig. 4) com a forma duma pequena massa de 8 a 12 μ de diâmetro, com o protoplasma claro, pouco abundante, sem estrutura apreciável e sem granulações. Os núcleos compõem-se de pequenas e várias massas de 5 a 6 μ de comprimento, reunidas as mais das vezes por uma pequena ponte, vestígio da sua estrutura anterior.

Pela coloração tripla de FLEMING coram de vermelho puro e bri-

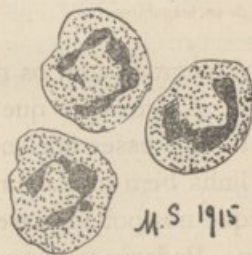


Fig. 4. — Glóbulos do pus.

lhante e distinguem-se bem das células gigantes e das células conjuntivas que se coram de violeta, excepção feita para o nucléolo nucleínico, que também cora de vermelho intenso.

B — Como obter células gigantes?

A técnica é das mais simples. Colocam-se fragmentos de medula de sabugueiro em diversos órgãos ou tecidos de coelho, cobaia ou outro animal (fígado, músculos, rins).

Barbeia-se a região, lava-se com álcool e mistura iodada, põe-se o órgão a nu com todos os cuidados de asepsia, punciona-se a bisturi e com uma pinça insinua-se através da incisão feita e o mais profundamente possível para que não saia, dentro do órgão, um fragmento da medula de sabugueiro que não exceda um milímetro de lado. Sutura-se a pele.

Por maiores que sejam os cuidados antisépticos, a ferida quasi sempre se infecta e até certo ponto a presença de micróbios pouco patogénicos pode favorecer a experiência; mas facto é que os animais, especialmente a cobaia, suportam bem a operação.

Decorridos seis a doze dias, sacrifica-se o animal e fixam-se fragmentos do órgão que contêm a medula de sabugueiro.

A fixação pode fazer-se pelos líquidos de CARNOY, de BOUIN, de TELLYESNISKY e FLEMMING, mas estes dois últimos líquidos parecem os melhores, sobretudo para as colorações triplas de FLEMMING e de PRENANT.

A primeira coloração é muito importante porque cora diferentemente os núcleos conforme a sua natureza.

Com essa coloração (safranina, violeta de genciana e orange G) os núcleos cuja cromatina está em condensação coram-se de vermelho vivo; é assim que se coram os cromosomas nas figuras de cariocinese, as cabeças dos espermatozoides e os núcleos dos glóbulos brancos em picnose; os núcleos normais coram-se de violeta puro, excepto os nucléolos nucleínicos que coram de vermelho.

Com os líquidos de CARNOY e de BOUIN, podem empregar-se as colorações de VAN GIESON e o método lento de HEIDENHAIN (ferro) seguido de colorações com eosina e verde luz (PRENANT).

C — Aspectos das preparações

Com esta singela técnica, nos cortes dos órgãos contendo os fragmentos de medula de sabugueiro observamos o seguinte: em volta da medula constituiu-se um espesso tecido fibroso contendo numerosos

vasos neoformados; se o corte é de fígado, nota-se também a presença de canais biliares neoformados com células em cariocinese.

Já dentro do tecido fibroso se encontram, aqui e além, células gigantes encerrando muitos núcleos; glóbulos de pus (células com núcleo em picnose); numerosas células conjuntivas com grosso núcleo, ricas em protoplasma e dividindo-se por cariocinese.

Estas três espécies de células encontram-se em maior ou menor abundância no intervalo que separa o tecido fibroso do da medula de sabugueiro e nas primeiras malhas da medula.

As células gigantes abundam na primeira zona; encontram-se também algumas células conjuntivas e glóbulos de pus.

Nas malhas da medula ou se encontra grande quantidade de glóbulos de pus, apertados e encerrando no meio dos seus conjuntos algumas (três a quatro) células conjuntivas, quer se observam uma a duas células gigantes enchendo toda a malha, ou então uma célula gigante e glóbulos de pus.

(*Continúa*).

Coimbra, maio de 1915.

MARQUES DOS SANTOS.

TRABALHO DO LABORATÓRIO DE HISTOLOGIA
DO INSTITUTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA.

Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas¹

63. Os escritores clássicos divergiam muito a respeito da região habitada pelas amazonas. Mas a maioria colocava-as ou a nordeste da Ásia menor, no Ponto, nas margens do Termodonte, ou a sudeste da Europa, na Trácia².

Há porêem na *Eneida* uma curiosa fusão destas duas sédes das fabulosas guerreiras. No canto xi, v. 659 e segg. diz, com efeito, o poeta latino:

Quales Threiciae cum flumina Thermodontis
pulsant et pictis bellantur Amazones armis,
seu circum Hippolyten seu cum se Martia curru
Penthesilea refert etc.

¿ Se as amazonas são *trácias*, como é que vivem nas margens do Termodonte, rio do Ponto? ³

Para resolver a dificuldade tem-se recorrido a vários processos.

Assim, o comentador Sérvio passa erradamente o Termodonte para a Trácia. «Tanais fluius est qui separat Asiam ab Europa, circa quem antea Amazones habitauerunt; unde se postea ad Thermodonta fluium Thraciae transtulerunt».

Outros supoem que a palavra *Threiciae* não está tomada no sen-

¹ Continuado do vol. m, pág. 471.

² «Ihr gefeiertster Sitz ist Themiskyra am Thermodon im späteren Pontus... Andere Sagen gehen westlich. Wie nach Arktinos Penthesileia von thrakischem Stamme war, so sprechen auch andere Epiker von Amazonen in Thrakien, vgl. Vergil Aen. 11, 659 ff. Q. Smyrn. 1, 168». A. *Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, v. *Amazonen*. Cf. Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie*, 2.^a edic., v. *Amazonen*.

³ Note-se ainda que Penthesileia era a rainha das amazonas que vieram da Trácia em auxílio de Tróia, cercada pelos gregos, e que Hipólita era naturalmente a rainha das amazonas das margens do Termodonte, que foi vencida por Hércules. Vejam-se as obras citadas na nota precedente.

tido próprio, tendo Vergílio usado de uma liberdade poética. «Pro Scythicis vel Sarmaticis dixit, ... quod, tanquam poeta, suo jure fecit»¹.

Mas, a meu vêr, a melhor solução é a que se encontra no comentário de Ladwig-Schaper-Deuticke², isto é, Vergílio confundiu as duas regiões. «Die römischen Dichter vermengen oft die Völker im äussersten Nordosten. Daher lässt Verg. hier die Amazonen über die Fluten (*flumina*, vgl. XII 331) des pontischen Flusses Thermodon traben (*pulsant*), wie bei Prop. IV 4, 71 auch *celerem prope Thermodonta Strymonis fertur*».

Foi naturalmente para evitar esta confusão que o nosso épico, em III, 44, 6-8, distinguiu as amazonas que beberam a água do Termodonte, da *fermosa e forte dama* que veio ajudar os troianos, isto é, de Pentesileia, rainha das amazonas da Trácia.

Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama
De quem tanto os troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram.

O comentário deixa subsistir a confusão que nos *Lusiadas* não existe. Com efeito, a propósito dos versos 6-7 diz: «Falla-se de Penthesiléa, rainha das Amazonas, notavel pela formosura e valentia, e que depois da morte de Heitor veio em auxilio dos Troianos (Verg. *En.* I 490-493; Bocc. *De cl. mulieribus*, 30)». E anotando o verso 8: «É periphrase, por: Amazonas. O Thermodonte (Thermodon) é um rio do Ponto, na Asia menor, na região onde habitaram as Amazonas (Verg. *En.* XI 659-660; F S)».

Do confronto destas duas notas infere-se que Pentesileia veio do

¹ Heyne, *P. Virgilius Maro... perpetua annotatione illustratus... Londini 1821*. Cf. Benoist, nas *Oeuvres de Virgile*, t. 3: «Les poètes, sous le nom de Thrace et de Scythie, comprennent les régions septentrionales en général».

² *Vergils Gedichte*. Berlin 1904. No seu tão desenvolvido comentário, o padre Lacerda adopta um curioso expediente. Em uma observação a todo o passo diz: «Comparatio aptissima sumpta ab Amazonibus, quae degunt ad Termodontem Asiae fluvium». E depois no comentário especial à palavra *Threiciae* começa por citar estes versos de Sílio Itálico (II, 73 e segg.):

Quales Threiciae Rhodopen Pangaeaque Iustrant
Saxosis nemora alta iugis, cursuque fatigant
Hebrum innupta manus.

Resulta da combinação dêstes lugares que as amazonas da Trácia vivem nas margens do Termodonte, rio da Ásia menor.

Ponto, em auxílio dos Troianos, pois era rainha das amazonas e estas habitaram naquela região.

Cita-se também, na segunda nota, a *Eneida*, xi, 659-660, por forma que se fica supondo que, segundo Vergílio, o Termodonte é um rio do Ponto, na Ásia menor. Ora tal cousa não diz o poeta latino. Para êle, as amazonas que residem nas margens dêste rio são *Threiciae*, vivem na Trácia.

64. As edições dos *Lusíadas* anteriores à de 1612 trazem a palavra *serra* em III, 65, 5:

Com estas subjugada foi Palmela
E a piscosa Cizimbra ¹, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente:
Sentiu-o a vila e viu-o a *serra* dela,
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

Na edição de 1612 e em outras posteriores — mas não todas — a lição primitiva foi substituída por *o senhor*, com o intuito de dar ao texto um sentido aceitável.

No opúsculo *Dois versos dos Lusíadas* ² creio ter demonstrado, servindo-me da fonte do poeta ³, que foi esta a primitiva redacção de III, 65, 5:

(Sentiu-o o Palmela e viu-o a serra dela).

D. Afonso Henriques, que tinha tomado Cezimbra aos mouros, desbaratou em uma serra, nas proximidades de Palmela (que ainda estava em poder daqueles), um poderoso exército, com que o rei de

¹ O comentário emenda para *Cezimbra* e observa: «Creio que (Cizimbra) representa a pronuncia do compositor; cf. «Sivilha» em iv 46)». Mas podia também o poeta ter adoptado a pronúncia que talvez fosse ainda corrente no seu tempo. «Sehr verbreitet war im Altportuguesischen die Assimilation von e-i zu i-i: *firir, pidir, ... vilhice, vistir, misquinho*». J. Cornu, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, § 84 (*Strassburg*, 1906). Para a adopção da grafia *Cizimbra* devia contribuir naturalmente a das palavras *minino* (ii, 36,6; ix, 30, 1, etc), *misilhões* (iv, 17, 6, etc.). Em Barros e Castanheda, por exemplo, leu o poeta *difirir, desfirir, cirimonia, mangiricões, perigrino*, etc.

² Separata do *Boletim da Segunda classe* da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1911.

³ *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, cap. 39 ou 43.

Badajoz vinha socorrer Cezimbra, que não supunha tivesse já sido conquistada pelos cristãos.

E o que diz Duarte Galvão e o que Camões repete, admitindo-se que o verso 5.^o deve ser lido como eu proponho e que, portanto, o antecedente do *Que* do verso 6.^o é o *exército potente* do verso 4.^o.

O comentário adopta a emenda *o senhor*, observando: «a serra (em vez de «o senhor» é certamente devido a estar «senhor» escripto em breve «sñr»; a corr. é já antiga)». E em nota ao verso 5.^o diz: «A villa é Palmella; o senhor della é, como se diz na est. immediata, o rei de Badajoz».

¿ Mas porque razão deve ser Palmela e não Cezimbra a vila do verso 5.^o? ¿ Pois não é esta a que é mencionada em segundo lugar?

Se o poeta realmente tivesse escrito *vila*, não poderia exigir que o leitor ficasse intendendo que se tratava de Palmela. É porisso que eu suponho ter êle designado esta povoação pelo seu nome próprio: *Sentiu-o Palmela*.

Mais ainda. Admitida a interpretação do comentário, o poeta diria que o rei de Badajoz vinha socorrer Palmela:

Sentiu-o a vila e viu-o o senhor dela,
Que a socorrê-la vinha diligente.

É evidente que, nesta hipótese, o *-la* de *socorrê-la* não pode referir-se senão a *vila*, isto é, a Palmela.

Ora isto está em manifesta contradição com o passo da fonte do poeta, transcrito no próprio comentário: «Ha esta nova partio loguo El Rey... e... filhou-a [Cezimbra] por força, e... determinou de hir ver Palmella... levando consigo sessenta bons Cavalleyros, e alguma gente de pé e besteiros, e chegando ha Palmella, e estando vendo a assomou el Rey de Badalhouse com muita Mourama das frontarias daredor... e vinhão... ha gram pressa para socorrer Cezimbra, descuidados de verem nem acharem aly Christãos» etc.

Os mouros vinham socorrer Cezimbra e não Palmela, como o comentário faz dizer ao poeta. É que a pretendida correcção *senhor* é inadmissível.

O emprêgo da palavra *serra* foi sugerido ao poeta por estas palavras de Duarte Galvão, intercaladas no trecho transcrito pelo comentário: «Teusses ElRey (dom affonso) tras huñ cabeça. E vendo os que eram com elle tãta gente, começaaram aver grande receo. E todos aconselhauam elRey, que se acolhesse asseu arrayal, ho melhor que podesse. Delles deziam que sse posesse em hũa alta serra que per ahi vay, que sse chama asserra dazeitam».

Foi esta serra a que viu o desbarato do exército mouro ¹, desbarato que Palmela também sentiu, a ponto de os seus moradores, diz Duarte Galvão, se preitearem «com elRey, que os leixasse sahir em saluo, & lhe dariam a uilla. E a elRey aprouve dello, e assi ouue a uilla de palmella».

Mantendo-se em III, 65, 5, a lição primitiva *a serra*, substituindo *vila* por *Palmela* ² e incluindo o verso entre parêntesis, ligando-se assim imediatamente o 4.º verso com o 6.º, a estância não oferece nenhuma dificuldade e é, por assim dizer, uma reprodução da respectiva fonte.

65. Em IV, 54, 1, o poeta começa a ocupar-se do reinado de D. Afonso V, por estas palavras:

Mas Afonso, do reino único herdeiro . . .

Único herdeiro não ofereceria dificuldade, se D. Duarte não deixasse mais filhos legítimos; mas na *Crónica* deste rei, devida a Rui de Pina, leu Camões: «Per falecimento d'ElRey ficárom legitimos dous filhos, e quatro filhas, a saber, o Principe Dom Affonso primogenito herdeyro, que logo foy por Rei alevantado, e obedecido em

¹ A personificação dos seres inanimados encontra-se em vários passos dos *Lusíadas*. Cf. III, 84, 1-4; X, 33, 7-8; X, 118, 1-2.

² Desta substituição, da causa dela, do seu provável autor e dos motivos que teria o poeta para lhe dar carta branca, me ocupo no opúsculo *Dois versos dos Lusíadas*, pág. 11-12.

Nunca eu disse que Camões tivesse conhecimento das *emendas* feitas no manuscrito antes de impressos os *Lusíadas*, pois estou convencido de que êle não reviu as provas. É o que afirmo neste opúsculo e o que já anteriormente tinha declarado em uma nota do cap. V das *Fontes dos Lusíadas*.

Apesar disso, o comentário (introdução, pág. xxv) atribue-me «a ideia de que numerosissimos versos do Poema não apresentam a redacção primitiva, . . . mas sim uma segunda redacção que o Poeta, infelizmente, acceitou de censores amigos». E prossegue: «No tocante aos bons costumes e pontos de religião ainda se comprehende que o Poeta não cerrasse os ouvidos a conselhos de pessoas amigas; que porêm tratando-se de cousas puramente litterarias elle levasse a sua condescendencia ao extremo que o Dr. José Maria Rodrigues imagina, . . . é suppor o malaventurado Luís de Camões cahido em completa demencia».

O que eu escrevi foi: «Em uma communicacão apresentada ha tempos á Academia Real das Sciencias formulei a conjectura de que foi o proprio revedor do Santo Officio, Fr. Bartholomeu Ferreira, quem, a pedido de Camões, substituiu varias palavras do poema, na melhor das intenções, mas com pouca felicidade. E o peor é que as *emendas* ficaram, porque o poeta não reviu as provas». *Instituto de* 1907, pág. 310.

idade de seis annos, . . . e o Ifante Dom Fernando, que logo foy jurado por Principe herdeiro, quando d'ElRey seu Irmaom ao tempo de seu fallecimento nom ficasse filho legitimo socessor»¹. E na *Crónica de D. Afonso V*, do mesmo autor, estão repetidas e desenvolvidas estas palavras. D. Afonso é o *filho maior, primogenito herdeiro*, e D. Fernando foi jurado herdeiro do irmão, em quanto êste não tivesse filho que lhe succedesse².

Sendo assim, como é que o poeta podia chamar a D. Afonso V *único herdeiro* de D. Duarte?

Creio que a palavra *primogénito* do cronista sugeriu ao poeta o emprêgo do epiteto *primo* (*primeiro*), que êle já tinha encontrado no *Palmeirim de Inglaterra*, unido também à palavra *herdeiro*³, e que o verso foi assim escrito:

Mas Afonso, do reino *primo* herdeiro . . .

A desastrada modificação seria devida à mesma pessoa que no manuscrito dos *Lusíadas* teria feito a alteração há pouco mencionada (n.º 64) e outras mais.

O comentário explica: «unico] i. é, que tem a primazia (como filho primogenito; D. Duarte deixou, legitimos, dois filhos e duas filhas)».

É claro que *único* não é o que tem a primazia, é o que é só. A primazia supõe a pluralidade e a unidade exclue-a.

Para justificar a sua interpretação, acrescenta o comentário: «cf. «unico herdeiro» (iv 2, 7) applicado a D. João I, e com. a v 55, 4».

Em iv, 2, 7, o poeta não chama, nem podia chamar, ao mestre de Avis simplesmente *único herdeiro* de D. Fernando⁴, pois eram

¹ Cap. 45. *Inéditos da Academia*, I, pág. 189.

² Cap. 1.º *Ibid.*, pág. 204. Cf. pág. 85 (*Crónica de D. Duarte*). «O Ifante Dom Afonso filho primogenito, legitimo herdeiro d'ElRey . . . foy ho primeiro . . . que se chamou Principe, porque atee elle, todoloos outros se chamaram Ifantes primogenitos herdeiros» (cap. 5).

³ «Senhora, aquelles tres caualleiros estranhos . . . determinarã nam casar se hã com damas, que, enfastiadas de seus seruidores, se queiram contentar delles . . . Todos tres sam primos erdeiros de estados nobres, hũ se chama Lustramar, filho mayor do marques Astramor, o outro Arpiã, erdeiro do ducado de Archeste, o terceiro Gradiante senhor do condado de Artasia» (cap. 129; t. II, pág. 524-525 da edição de 1786).

⁴ Veja-se a *Primeira parte da Crónica delRei dom Joham da boa memoria*, cap. 183 e segg. O cap. 183 tem por epigrafe: «Como o doutor Joham das Regras propos em nas Cortes, mostrando que avia quatro herdeiros do rreino».

quatro os pretendentes à corôa. Chama-lhe *único herdeiro verdadeiro*, o que é muito diferente:

Joane, sempre ilustre, alevantando
 Por rei, como de Pedro unico herdeiro,
 Ainda que bastardo, verdadeiro.

Em v, 55, o gigante Adamastor diz a Vasco da Gama que uma noite lhe apareceu o lindo gesto

Da branca Thetis, unica, despida.

O comentário a êste verso observa: «unica] = sem par (*unicus*)». Admitindo mesmo que *única* não significa neste passo *só, desacompanhada*, mas *sem par*, isto não justifica o epíteto *único* de iv, 54, 1. *Único herdeiro* só o seria D. Afonso V, se D. Duarte não tivesse deixado mais filhos que lhe pudessem suceder. *Único herdeiro*, na significação de *herdeiro único, herdeiro sem par, herdeiro sui generis, herdeiro como não havia outro*, não tem razão de ser, não se justifica.

O comentário a iv, 54, 1, termina por estas palavras: «O Dr. J. M. Rodrigues imagina que «unico herdeiro» é «inexactidão que... se deve atribuir, não a Camões, mas a quem pretendeu melhorar o poema» e suppõe que o Poeta escrevera «Mas Affonso, do reino primo herdeiro»! (*O Instituto*, 1907)».

Recorde-se o leitor do *primogénito herdeiro* das *Crónicas de D. Duarte e de D. Afonso V* e dos *primos herdeiros do Palmeirim de Inglaterra* e decida sôbre o propósito da exclamação do comentário.

66. Em VIII, 21, refere-se Camões à tomada de Évora por Giraldo Sem-pavor:

Olha aquele que dece pela lança,
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde com que alcança
 A cidade por manhas e ousadias, etc.

A fonte desta estância é o capítulo XIV do opúsculo de André de Resende, intitulado *Historia da antiguidade da cijdade Euora* e publicado em 1553.

Eis o que aí deixou exarado a fantasia ¹ do notável eborense:

¹ O que não quer dizer que não seja verdadeiro o facto da tomada de Évora por Giraldo Sem-pavor, também por meio de alguma surpresa ou de alguma

«Quomo Euora sta situada en esta planura eminēte & descoberta que de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bēeto, para obuiar a isto, fezeran hos mouros alli haquella torre, onde tinham sua perpetua attalaia, que a outra da cijdade continuamēte fazia suas almenaras & signaes entre si cognescidos. Esta attalaia determinou Giraldo primeiramēte tomar. Et sabendo que en ella staua hũo mouro com hũa moça sua filha e nõ mais, partiu de nocte com seus caualleiros a grand secreto, & foi se lãçar detras do dicto oteeiro, e mādando lhes que steuessem prestes para sua tornada, ou hũo certo signal que lhes faria, elle soo sen hauer temor dos casos incertos, conforme a seu nome, se foi contra ha torre, leuando stacas que mettesse per hũos buracos, para subir hacte ha janella, que de outra maneira nõ se sobia sen scala lãçada de cima. Et para poder enganar ha vista de quem veelasse, cercouse todo de rama. Chegou aa torre furtado da frontaria da janella, a horas de meia nocte, e ordenou Deus que fosse em tal asseio, que ho Mouro que hacte entam veelara, se foora a dormir, & encômēdara ha veela aa filha. Ha qual quomo moça & pouco cuidosa de tal cuidado, se soccornou na janella, e addormesceo. Alegre o caualleiro de tã bõa conjunçam, desattandose da rama, trepou, & lançando mão aa moça, deu con ella abaxo: de modo que nunca mais falou, nem fez rumor algũo. & entrando na torre cortou ha cabeça ao Mouro que achou seguramente dormijndo, & entreghe a ho primeiro somno. E por ver que ha hora da nocte era inda tal, que tinha bēe spaço para sen fazer signal elle per si tornar a hos caualleiros, cortou tambēe ha cabeça da moça, & com ellas ambas nas mãos se tornou a elles, animando hos e dando lhes bõo agoiro, com ha cõmoda oportunidade que achara. De alli moueron para ha torre, e sendo inda muito de madrugada, fez na attalaia hũo fogo aa outra attalaia da cijdade: dando a intender que per ho campo onde hora é ha casa de nossa senhora do Spinheiro, passauan algũos Christãos» etc.¹.

Procurando interpretar o passo do poeta por meio da respectiva

cilada. São interessantíssimas as notícias sôbre o assunto, extraídas de autores muçulmanos e publicadas pelo distinto arabista, Sr. David de Melo Lopes, na sua memória *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1911, pág. 121 e segg. O cão do Giraldo, o *pérfido galego*, era um inimigo terrível pela sua valentia e pela audácia em escalar cidades, de surpresa, aproveitando-se das noites escuras e tempestuosas. Trujillo, Évora, Cáceres, Montánchez, Serpa, Juromenha, Badajoz caíram assim em seu poder.

¹ A ataláia da cidade, enganada por este sinal, apelidou logo os moradores, que saíram à pressa, deixando abertas as portas, por onde Geraldo entrou,

fonte, escrevi no *Instituto* de 1905: «A relação de Resende... suggeriu ao poeta a ideia de um triptyco, rapidamente esboçado. a) *Olha onde esconde a cilada*. Corresponde às palavras de Resende: *de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bēto*, etc. b) *Aquelle que dece pela lança*. Outra parte do quadro, figurando Giraldo, não a subir á torre por estacas mettidas na parede, á semelhança de qualquer salteador, mas descendo, como esforçado guerreiro, com o auxilio da lança¹. c) *Com as duas cabeças dos vigias*. É a terceira parte do triptyco. Giraldo Sem Pavor é representado, não a descer pela lança com as duas cabeças dos vigias, — pois, além da dificuldade e inutilidade que nisso haveria, uma das cabeças, a da filha do guarda, estava ainda por decepar, — mas dirigindo-se com os sangrentos despojos para o local onde tinha deixado os companheiros. São as palavras de Resende: *e com ellas ambas nas mãos se tornou a elles...* Não ha duvida que o sentido obvio dos primeiros dous versos desta estancia parece ser o que geralmente se lhe dá: Giraldo Sem Pavor desce da torre da vigia por uma lança, trazendo na mão a cabeça do guarda e a da filha. Mas a fonte de que o poeta se serviu, por um lado, e por outro, a impossibilidade de descer por uma lança, de uma torre elevada, com duas cabeças humanas na mão, e o ser isto uma perfeita inutilidade, pois o caudilho cristão as podia lançar da janella da torre abaixo, como segundo a exposição de Resende, fez á filha do vigia, — tudo isto mostra que deve ser outra a interpretação daquelles versos» (pág. 187-192).

Para o comentário o quadro é só um. O poeta representa Giraldo Sem-pavor descendo o outeiro com o auxilio da lança e trazendo as duas cabeças dos vigias, conseguindo com a morte destes que a sua cilada não seja conhecida. «Cam., querendo memorar unicamente em quatro versos o feito, que tambem nas pinturas das bandeiras, onde tantas façanhas tinham de ter entrada, havia de occupar limitado espaço, como era de todo indifferente para o resultado final, que Giraldo degolasse a filha do mouro logo na torre ou primeiro a deitasse da torre abaixo e depois lhe cortasse a cabeça, afasta-se um pouco de

¹ Acrescento agora que em Castanheda, por exemplo, leu o poeta passagens, como estas: «Ho cõtramestre... não podendo sobir pela escada por a gente ser muyta, sobio pela lança q̄ leuaua até que lâçou a mão ezquerda ao muro, & se pegou» (Livro VIII, cap. 30). «E por ser ho muro baixo sobião pelas lâças, Manoel de Lacerda foi dos primeyros que subio» (L. III, c. 27).

Note-se que, se á torre da ataláia se não podia subir «sen scala lançada de cima», é porque ela naturalmente não tinha porta. Daí a descida de Giraldo pela lança.

Rêsende, simplificando e tornando mais rápida a narrativa, e, com summa arte, faz convergir desde logo a atenção para o acto preliminar, de importancia capital, o sellar Giraldo para sempre os labios aos vigias. Põe-nos pois diante dos olhos — *in medias res auditorem rapit* — Giraldo já a descer o outeiro ¹, com o auxilio da lança que lhe servira tambem á subida (lembre-mos das estacas de que fala Resende), levando aos seus cavalleiros a prova de que já os vigias não podiam atravessar-lhe o estratagema que havia de abrir ao ardiloso e ousado caudillo as portas da cidade... «Onde» equivale a «com o que» (como em VII, 87, 3), i. é, com a morte dos vigias. «a cilada» (*insidiae*) é o estratagema que Rêsende refere. «esconde» equivale a «consegue que (a cilada) não seja reconhecida como tal». O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto* de 1905, pág. 187-192), não entendendo a contextura do periodo, por desconhecer a significação do adverbio «onde», que... não vem registada nos dicionários, cuida que a relação de Rêsende «suggeriu ao poeta a ideia de um triptyco rapidamente esboçado» (segue-se a transcrição que acima fiz).

Uma das partes do triptico fá-la desaparecer o comentário, supondo que no verso 1.º,

Olha aquele que dece pela lança,

o poeta figura Giraldo Sem-pavor a descer, não da torre da vigia, mas o outeiro de S. Bento.

Ora êste não era necessário descê-lo *pela lança*, pois nesse caso já não seria um outeiro, seria um precipicio ².

Pela lança tem uma significação mais precisa do que «com o auxilio da lança». Giraldo Sem-pavor podia apoiar-se na lança, quer para subir quer para descer o outeiro ³, mas não o subiria, nem desceria *pela lança*. Esta maneira de dizer só pode referir-se à torre.

¹ Ao resumir a narrativa de Resende, o comentário diz também: «entrado na torre (Giraldo) cortou a cabeça ao mouro que dormia; depois, descendo o outeiro, corta igualmente a cabeça á filha do vigia «e com elas ambas nas mãos se tornou» aos seus cavalleiros». Note-se a confusão da *torre* com o *outeiro*.

² O outeiro de S. Bento, que aliás o poeta podia não conhecer, é pouco elevado e tem um pequenissimo declive.

³ Releiam-se as palavras do comentário: «Põe-nos (o poeta) diante dos olhos... Giraldo já a descer o outeiro, com o auxilio da lança que lhe servira tambem á subida». Mais abaixo diz: «pela lança» quer dizer «por meio da lança, valendo-se da lança». Rêsende diz que Giraldo tornou para junto dos seus «com (as cabeças) ambas nas mãos». ¿ Como é que assim podia *descer pela lança*?

Outra parte do tríptico — o sítio onde Giraldo escondeu a cilada¹ — elimina-a o comentário com a interpretação que dá a palavra *onde*, por que começa o verso 3.º.

Mas o texto do poeta e o seu confronto com Rêsende não permitem hesitações. *Onde* é o local em que Giraldo *se foi lançar* e não o equivalente de *com o que*, que neste caso seria, não propriamente a *morte dos vigias*, mas o *descer pela lança*.

Para a interpretação que o comentário quer dar à palavra *onde* nada prova o passo citado de VII, 87:

Aqueles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram.

Onde não é, como pretende o comentário, igual a: «com o que, i. é, com aventurar a vida»; é o complemento de lugar de *aventuraram* e equivale a: *em empresas, nas quais*. Cf. *Palmeirim*, cap. 139 (pág. 104, t. 3.º, da edição de 1786): «Despendi o tempo e aventurei a vida, onde mo nã souberã agradecer».

67. Quando os portugueses voltavam do descobrimento da Índia, Venus, para que eles repousassem e recebessem o prémio das fadigas passadas, resolveu preparar-lhes, no meio do mar, uma ilha divina, pois que

... muitas tem no reino que confina
Da primeira co terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Pera dentro das portas Herculanias.

(IX, 21, 5 8).

É fácil de vêr que o 6.º verso desta estância, tal como fica reproduzido e se lê nas quatro primeiras edições do poema, além de deficiente quanto à métrica, não pode ter uma interpretação que seja aceitável.

Na tradução castelhana de Caldera, publicada em 1580, procurou remediar-se o inconveniente com a introdução da palavra *mãe*:

de la primera madre con el seno.

¹ Recorde-se o que diz Rêsende: «(Giraldo) partiu de nocte com seus caualleiros a grand secreto, & foi se lançar detras do dicto oteeiro». *Lançar* é o termo técnico, tratando-se de ciladas. Basta uma citação. «O Conde... partindo á noite de Alcacer s: foi lançar ácerca da cidade (de Tanger) quanto seria meia legoa, onde se chama a cilada das Figueiras». Azurara, *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes*, cap. 143.

Parte dos exemplares da quinta edição (1597) adoptaram êste aditamento, ficando o verso, em português:

Da mãe primeira co terreno seio.

Das edições posteriores, umas reproduzem assim o verso, outras mantêm a lição primitiva ¹.

Mas se esta não diz cousa que se perceba, a *mãe primeira* também não adianta mais.

¿ Que deve dizer o poeta nos versos 5 a 8 de IX, 21 ?

Que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo ², tem muitas também na parte do mar das Índias que os portugueses vinham atravessando, isto é, na parte dêste mar que fica entre a Índia e a costa oriental da Africa.

E que o poeta localiza neste mar, e não no Atlântico, a *ilha dos amores*, é o que resulta do confronto de vários passos dos cantos IX e X.

Em primeiro lugar, a ilha appareceu aos portugueses, quando elles já desejavam provêr-se de água fria, isto é, quando já se achavam há muito afastados da costa da India ³, mas tinham ainda diante de si a *grande viagem prolongada* (IX, 51):

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada.

E com mais precisão, excluindo o Atlântico, diz a *bela ninfa*, que na *ilha dos amores* estava profetizando os feitos dos portugueses no Oriente:

Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa que cá terá provado.

(X, 53, 1-2)

A palavra *cá*, contraposta a *África*, isto é, a Marrocos, onde

¹ Nos séculos XVII e XVIII apparece também em várias edições (1631, 1633, etc.) a correcção:

Có a primeira do terreno seio.

² Tais eram Chipre e Citera. Cf. V, 5-8. Daí as designações de *Deusa Cipria* e de *Citerea*, dadas a Venus, por exemplo, em IX, 18, 1; 53, 8; 57, 5.

³ Vasco da Gama gastou quatro meses para chegar à vista da costa africana, nas alturas de Magadoxo. Veja-se, por exemplo, Castanheda, *História do descobrimento* etc., l. I, cap. 27.

D. Duarte de Meneses *tinha acabado honrados feitos*, como capitão de Tanger ¹, mostra que a ninfa está falando em um sítio que fica para lá do Cabo da Boa-Esperança, isto é, no Oceano Índico ².

Mas em IX, 21, devia encontrar-se uma determinação ainda mais precisa, como o mostra o verbo *confinar* do 5.º verso e o *terreno seio* do 6.º.

A *ilha dos amores* fica no mar que *confina... co terreno seio*, isto é, com uma *enseada*, que a palavra ou palavras que primitivamente estavam onde hoje se lê o enigmático *primeira* especificavam.

Que *terreno seio* é uma enseada, uma curva feita pela costa, dizem-no expressamente as duas palavras.

O *sinus* latino e o *seio* ou *enseada* português significam, quer a curva feita pela terra, quer a que faz o mar, isto é, o *seio* pode ser terreno ou marítimo ³.

Um *terreno seio*, uma *enseada*, feita pela costa, havia-a na própria *ilha dos amores* (IX, 53, 5-8):

Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ãa enseada,
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.

¹ Barros, *Década* III, 7, 1.

² O *lá* de X, 39, 3:

Mas ó que luz tamanha que abrir sinto,
.....
Lá no mar de Melinde...

mostra que a *ilha dos amores* se achava muito para leste da costa oriental da África, em pleno mar, entre esta e a Índia.

O *cá* de X, 96, 5,

Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro,

não pode ser aduzido a propósito da localização da *ilha dos amores*, pois pertence ás estâncias em que Tethys está ministrando a Vasco da Gama uma lição de geografia, servindo-se de um globo, para o qual vai apontando: *olha toda essa terra de Africa* (X, 92, 7); *olha lá as alagoas donde o Nilo nace* (X, 95, 1-2); *vê cá a costa do mar de Melinde* (X, 96, 5-6); *cá dest'outra banda de Koçalgate começa o reino Ormuz* (X, 101, 3-5), etc.

³ A significação primitiva de *sinus* é a de *terreno seio*, «in ora maris terra curvata et recedens, ac velut sinum praebens aquis incurrentibus». Forcellini De Vit, *Totius latinitatis lexicon*, Prati 1871. Mas também no latim há o *sinus maritimus* (cf. *Verrina* 5.ª, § 56). Morais define *enseada* o «arco á borda do mar, formado a modo de sino ou seio». Á *enseada*, ao *terreno seio*, corresponde assim o *golfo* ou *baía*. No francês também a palavra *sein* pode significar *sinuosité du rivage* (*Dictionnaire général* de Thomas).

De outro *terreno seio*, de outra *enseada*, feita pela costa, se faz menção em V, 73, 3-8:

Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando pera o pego toda a armada,
Porque, ventando Noto manso e frio,
Nos não apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz ali daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda ¹.

¿ Qual é, pois, o *terreno seio* de IX, 21, 6?

Reparando na configuração das costas banhadas pelos mares em que a *ilha dos amores* podia aparecer aos portugueses que vinham da Índia, dous grandes *terrenos seios* se destacam logo.

Um é o que corresponde ao golfo da Guiné, por fora do qual passou Vasco da Gama, e que porisso Camões não escolheria, para nele colocar aquela ilha.

Outro é a enorme curva, delimitada nos seus extremos pela costa ocidental da Índia e pela oriental da África, curva a que Lopes de Castanheda, uma das fontes do poeta, chama *hũa muyto grande enseada que ali faz a terra* ²: a *terra* de África e a *terra* de Ásia, é claro.

E esta, pois, a indicação que falta em IX, 21, 6, e que foi substituída pela palavra *primeira*.

¹ De um *seio do mar*, de um *marítimo seio*, fala o poeta em X, 106, 5-6:

A terra de Cambáia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada.

Empregados sem qualquer qualificativo, *seio* e *enseada* encontram-se em vários passos dos *Lusiadas*. Cf. II, 45, 3; X, 35, 1; 106, 2; 129, 4; etc. Em X, 125, 3-4, o golfo de Sião é indicado apenas pela curvatura da costa, isto é, pelo *terreno seio*:

Daqui tornando a costa á Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.

² «Provido Vasco da Gama de todo o necessario pera sua viagem, partiosse de Melinde pera Calicut... e dali começou logo datrauessar hum golfão de setecentas e cincoenta legoas, porque faz ali a terra hũa muyto grande enseada» (*História do descobrimento* etc., l.^o I, cap. 13). A fonte de Castanheda, o *Roteiro de Vasco da Gama em MCCCXCVII*, diz também: «E aquy (entre Melinde e Calecut) he a costa de norte e sull, porquanto a terra aquy faz huuma muito grande emseada e estreito, em a qual emseada... ha muitas cidades de christãos e mouros» (pág. 49 da 2.^a edição).

Leia-se agora toda a estância:

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das águas algúia insula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreo,
Que muitas tem no reino que confina
De Africa e de Asia co terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Pera dentro das portas Herculanãs.

As palavras do poeta teriam sido riscadas no manuscrito pela mesma pessoa a que me refiro no n.º 64, a qual teria escrito ao lado a nota: *da primeira*, para que o verso fosse modificado, fazendo-se referência só à África¹, e depois o compositor teria feito a alteração, supondo que a nota era destinada a substituir o texto².

O comentário aceita a lição «mãe primeira», que julga «seguríssima», e supõe que a introdução da palavra *mãe* no texto «proveio de nota marginal posta pelo proprio Poeta ou por quem directa ou indirectamente d'elle a houvesse recebido».

Emquanto à interpretação, diz: a) «o reino que confina | Da mãi primeira co terreno seio] é o reino do Padre Oceano que rodeia o mundo universal» (v. VI, 27)... Cam., querendo justificar a sua ficção da «insula divina», diz-nos que Venus, além das ilhas do mar Mediterraneo, ... celebradas pela litteratura greco-romana, ... possui muitas outras na vastidão do mar que circumda a parte solida do globo»³. b) «A «mãe primeira» é a Terra, a *Tellus mater*, *Terra mater* da religião romana ... Demais este conceito occorre frequentemente nas litteraturas modernas». c) «Em «o terreno seio da mãi primeira» o pleonasma é ainda menos estranho que em «Se lá dos Ceos não vem celeste aviso» (II, 59), em «a sede dura ... Do peito cobiçoso e sitibundo (IV, 44)» ...

¹ As razões seriam as mesmas que, séculos depois, levaram Gomes Monteiro a identificar a *ilha dos amores* com a ilha de Zanzibar; seriam os advérbios *cá* de X, 96, 5, *lá* de X, 95, 1, etc. Cf. o que fica dito a êste respeito.

² Dêste assunto me ocupo no opúsculo, já citado, *Dois versos dos Lusíadas*. A proposta de correcção, porém, já tinha sido sumariamente indicada no *Instituto* de 1905.

³ O comentário continua: «O Dr. J. M. Rodrigues, amesquinhando a concepção de Camões, tem para si que o 6.º verso «saiu assim das mãos do poeta: De Africa e de Asia co terreno seio» (*O Instituto*, de 1905)».

Mas a êste respeito cumpre observar o seguinte:

a) Em VI, 27, 5-8,

E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assí permites
Que dentro vivam só de seus limites,¹

há uma reminiscência da velha doutrina de Homero e de outros poetas gregos, que consideravam a terra como um disco, rodeado pelo rio Oceano².

Ora não é o Oceano tomado nesta acepção, nem mesmo o mar, no sentido geral, que o poeta, em IX, 21, contrapõe ao Mediterrâneo.

O *reino*, o mar, de que neste passo se fala, deve ser o mar, ou melhor, um dos mares por onde os portugueses navegaram para chegar à Índia: é o mar das Índias ou o Atlântico.

Com efeito, Venus,

Despois de ter um pouco revolido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deus nascido
Nas Amfioneias Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de cristal, líquido e manso.

(IX, 19).

É claro que a situação da *ilha dos amores* não ficaria determinada, se Camões dissesse que Venus, além das ilhas que possui no Medi-

¹ Quem isto diz é Baco, falando no concílio dos *deuses da água fria* (VI, 16, 3), que Neptuno mandara convocar e onde também compareceu

... o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara.

(VI, 20, 1-2).

O «padre Oceano» (*Oceanum patrem rerum*, Vergílio, *Georgicas*, IV, 382; cf. *Iliada*, XIV, 201, 246) tinha sido substituído por Neptuno, a quem Baco se dirige em primeiro lugar:

Príncipe, que de juro senhoreias
De um polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado...

(VI, 27, 1-4).

² Veja-se, por exemplo, Forbiger, *Handbuch der alten Geographie*, t. I, pág. 4-5 (Homero), 22 (Hesíodo), 27 (Ésquilo).

terrâneo, tem muitas *no reino do Padre Oceano, que rodeia o mundo universal*.

¿ De que servia esta indicação vaga de que a ilha ficava na vastidão do mar que circunda a parte sólida do globo, indicação complicada ainda com o primitivo conceito dos gregos acerca do Oceano?

Mas o pensamento do poeta fica perfeitamente claro e proporcionado, se êle disse que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo, tem muitas no mar que Vasco da Gama navegou para chegar à Índia, ou, ainda com mais precisão, no Oceano Índico ou no Atlântico.

E a esta condição satisfaz plenamente a emenda que propôs.

b) Não há dúvida que é frequente a designação de *mãe*, dada à terra. ¿ Mas que quer dizer a frase: *o mar que confina com o seio da terra*? Não quer dizer nada.

Ainda se compreenderia a proposição — a terra, isto é, a parte sólida da superfície do globo fica no seio do mar, acha-se envolvida por êste —; mas dizer que o mar confina com o seio da terra é empregar palavras a que não correspondem ideias.

¿ Que é o seio da terra, se por esta expressão se não entender o interior do globo? Ora ninguém suporá que o poeta quiz afirmar que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo, tem muitas no mar que confina com o interior da terra.

c) «Terreno seio» e «marítimo seio» são termos que pertencem à nomenclatura geográfica e tem portanto uma significação precisa e determinada. São as curvas reintrantes formadas pela costa, as enseadas no sentido primitivo, e são as curvas salientes do mar que àquelas correspondem, isto é, os golfos e baías ¹.

«Terreno seio da mãe primeira» é cousa que não há. O que há são muitos *terrenos seios* nas costas dos continentes e das ilhas. E um dêles é o que fica entre a costa ocidental da Índia e a oriental da África e que Castanheda chama, como fica dito, «hũa muyto grande enseada» que «faz ali a terra» ².

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

¹ No aditamento à palavra *enseada* no Dicionário de Moraes (edição de 1858) diz-se: «(a enseada) refere-se propriamente à curvatura das praias ou ribeiras do mar, a qual faz uma espécie de arco ou seio em que entram as águas; o *golpho* refere-se mais propriamente à grande massa das águas do mar que entram na enseada e enchem aquelle seio que lhe abrem as terras». E Moraes tinha citado êste passo de Lucena: «fazendo a costa hum grande arco, a que chamamos enseada».

² Para João de Barros esta enseada é «aquelle grande golfão que ha da costa da India a estoutra de Melinde na terra de Africa» (*Década I, 4, 11*).

História de Nala e Damayanti ¹

(EPISÓDIO DO MAHABHÁRATA)

CANTO VI

Colóquio de Cáli e dos deuses

VRIHADÁXUA disse:

Escolhido o rei de Nixadha pela filha de Bhima, os muito poderosos guardiães do mundo encontraram-se ao regressar com Duápara, que ia com Cáli ².

Indra, matador de Bala e Vritra, ao vêr Cáli, perguntou-lhe: «Dize-me, Cáli, aonde é que vais acompanhado de Duápara».

«Ao *suaiánvara* de Damayanti», respondeu Cáli. «Vou lá para a desposar, visto que o meu coração está por ela apaixonado».

«Já terminou esse *suaiánvara*», replicou-lhe Indra a rir. «Escolheu ela em nossa presença o rei Nala para seu noivo».

Com a resposta de Indra, Cáli, transportado de cólera, saudou todos os deuses e proferiu as seguintes palavras:

«Pois que ela no meio dos deuses preferiu um homem para seu marido, o seu justo castigo tem de ser enorme».

A estas expressões de Cáli observaram os celicolos: «É com o nosso asentimento que Damayanti desposou Nala.

¿Que mulher deixaria de se afeiçoar ao rei Nala, dotado de todas as virtudes? O qual conhece todos os deveres e pratica os actos de piedade conforme as regras.

«O qual lê todos os quatro Vedas juntamente com os Puranas ³;

¹ Continuado do vol. iv, pág. 196.

² Duápara e Cáli são a terceira e a quarta idades do mundo, personificadas como divindades ou génios maus.

³ São livros mitológicos e lendários. Contam-se dezoito primários e outros tantos secundários.

em cujo paço os deuses são incessantemente saciados com sacrificios celebrados com devoção.

«E que é cuidadoso em não fazer mal a ninguém, verídico e firme nos seus votos, no qual rei, o melhor dos homens, igual aos guardiães do mundo, refulgem constantemente a bondade, a fortaleza, a generosidade, a mortificação, a pureza, a temperança, a equanimidade.

«O insensato que tivesse vontade de amaldiçoar Nala tão prendado, Cáli, com a maldição se feriria a si mesmo, matar-se hia por suas próprias mãos.

«Quem tivesse veleidade de amaldiçoar Nala, tão virtuoso, submergir-se hia, Cáli, no tormentoso inferno, nesse vasto e insondável pé-lago».

Dito isto a Cáli e a Duápara, os deuses seguiram o seu caminho para o céu.

Partidos os deuses, disse Cáli a Duápara: «Eu não posso represar a minha indignação, Duápara; vou morar em Nala.

«Expulsá-lo hei do reino; não folgará mais com a filha de Bhima. Tu, de tua parte, entra nos dados, e queiras prestar-me teu auxilio».

CANTO VII

Jôgo de Nala

VRIHADÁXUA *disse*:

Feito o pacto com Duápara, Cáli foi então aonde estava o rei de Nixadha.

Sempre ancioso por aproveitar o momento favorável, viveu Cáli por longo tempo em Nixadha, até que no seu duodécimo ano encontrou a oportunidade.

Satisfeita uma necessidade corporal e purificada a bôça, o rei de Nixadha recitou a oração vespertina, sem ter antes praticado a ablução dos pés¹. Foi quando Cáli entrou nele.

Logo que se apossou de Nala, foi ter com Púxcara, e disse-lhe o seguinte: «Vem jogar com Nala. Ajudado por mim, vencerás, senhor, com certeza Nala no jôgo de dados; e depois de ganhar o reino ao rei Nala, desfruta o país de Nixadha».

Assim instigado por Cáli, Púxcara dirigiu-se a Nala; e Duápara, transformado em principal dado, esteve junto de Púxcara.

Encontrando-se com o heroico Nala, o irmão Púxcara, vencedor

¹ Isto é, sem ter cumprido uma das prescrições litúrgicas.

dos heróis inimigos, «vamos jogar com o principal dado», disse-lhe mais duma vez.

Não pôde então o magnânimo rajá suportar o repto; julgou chegada a hora de jogar com dados em presença da princesa de Vidarbha.

Em seguida Nala, possesso de Cáli, perdeu no jôgo o seu ouro em barra, o seu ouro amoedado, o seu carro e parelha e as suas vestes.

Nenhum dos seus amigos foi capaz de deter de jogar o subjugador dos inimigos, alucinado pela fúria dos dados.

Depois disto vieram todos os cidadãos, juntamente com os ministros de estado, a fim de vêr se demoviam o rei desatinado.

E o seu cocheiro ¹, adiantando-se, anunciou a Damayanti: «Senhora rainha, está lá na entrada a gente da cidade, que vem tratar dum negócio. Seja informado o rei de Nixadha de que se acham aqui reunidos todos os seus súbditos, não podendo levar a bem a calamidade do rei, que sabe o que é útil e justo».

Então a filha de Bhima, atormentada de dôr, disse ao rei de Nixadha com o coração repassado de mágua e com a voz embargada por soluços:

«Rajá, estão reunidos à porta os cidadãos, que te desejam vêr, acompanhados de todos os ministros, conspícuos pela sua dedicação ao soberano. Digna-te recebê-los». Assim lhe falou várias vezes.

Mas o rei, possesso de Cáli, não respondeu nada à dama de lindos olhos, que dêste modo se queixava.

Emfim todos os ministros, bem como os moradores da cidade exclamaram tristemente: «Êle não é o mesmo!» E corridos de vergonha, foram para sua casa.

Foi assim prosseguindo o jôgo entre Nala e Púxcara por muitos meses; e entretanto o Puniaxloca ia perdendo.

CANTO VIII

Jôgo de Nala

VRIHADÁXUA *disse:*

Damayanti, que bem conhecia a situação, convenceu-se então de que o rei Puniaxloca tinha perdido o senso, devido ao jôgo, e que estava como que frenético.

¹ O cocheiro rial era na antiga Índia um dos funcionários mais importantes da côrte e pessoa da intimidade do soberano.

A filha de Bhima, transida de medo e de tristeza, scismava no importante assunto concernente ao monarca.

Receando que êle cometesse pecado ⁴, e empenhada em lhe fazer uma amabilidade, e vendo que Nala estava despojado de toda a sua fortuna, disse a Vrihatsená, sua illustre ama e dama, benéfica, dedicada, versada em todos os negócios e bem-falante, o seguinte:

«Vrihatsená, vai chamar, por ordem de Nala, os ministros de estado, e relata-lhes quantos bens foram logrados e quanta riqueza resta».

Logo que todos os mandarins souberam da ordem de Nala exclamaram: «Cumpra-se o nosso fado!» E foram ter com Nala.

E pela segunda vez se ajuntaram os ministros e os cidadãos; e a filha de Bhima foi dar-lhe parte, mas êle não lhe prestou atenção.

Notando que seu marido não se importava com o que lhe dizia, Damayanti, envergonhada, meteu-se outra vez nos seus aposentos.

Quando porém lhe constou que os dados eram constantemente adversos ao Puniaxloca, e que Nala estava esbulhado de todos os seus bens, tornou a falar à sua ama:

«Vai mais uma vez, Vrihatsená, e em nome de Nala chama o cocheiro Varxneya; minha boa mulher, está impendente um grave negócio».

Logo que recebeu a ordem de Damayanti, Vrihatsená mandou chamar Varxneya por pessoas de confiança.

Cativando então Varxneya com palavras doces, a virtuosa filha de Bhima, que sabia o lugar e o tempo próprio, disse-lhe opurtunamente.

«Tu sabes com quanta bondade se houve sempre o rei contigo; faze favor agora de vir em auxilio dêle, que se acha em dificuldade.

«Pois quanto mais é vencido por Púxcara, tanto mais cresce a sua paixão pelo jôgo.

«E assim como caem os dados obedientes a Púxcara, assim se vê também a adversidade de Nala nos dados.

«Não atende, como convêm, ao que lhe dizem os amigos e os parentes, nem mesmo faz caso das minhas palavras o desvairado.

«Creio firmemente que não é culpa do magnânimo senhor de Nixadha se o alucinado rajá não preza a minha palavra.

«Valho-me, por tanto, de ti, cocheiro, para socorro; faze o que te peço. Com efeito o meu espirito não está livre de apreensão; talvez sucumba qualquer dia.

⁴ Damayanti receava que Nala, na sua obsecção, jogasse os próprios filhos, como não era raro fazerem os reis da Índia.

«Atrela os corcéis predilectos de Nala, velozes como o pensamento, mete no carro estes meus dois filhos e tem a bondade de os levar a Cúndina ¹.

«Entrega à minha família os filhos, bem como o carro e os cavalos, e conforme a tua vontade, fica ali ou vai para outra parte».

Varxneya, cocheiro de Nala, referiu sem nada omitir o discurso de Damayanti aos principais ministros de Nala.

Reunindo-se estes em conselho e deliberando sôbre o assunto, deram-lhe licença, e êle meteu as duas crianças no veículo e partiu para Vidarbha.

Chegado lá, o cocheiro entregou os corcéis e o magnífico côche, e a menina Indrasená e o rapaz Indrasena.

Cheio de tristeza e deplorando o rei Nala, despediu-se do monarca Bhima; e depois de divagar chegou à cidade de Oude.

Muito contristado, dirigiu-se ao rajá Rituparna, e entrou para o serviço de cocheiro do soberano.

CANTO IX

Ida de Nala para a floresta

VRIHADÁXUA *disse*:

Depois da partida de Varxneya, Puniaxloca continuou a jogar, e perdeu com Púxcara o reino e todos os bens que possuía.

Púxcara disse a rir a Nala, já privado do seu reino: «Vá prosseguindo o jôgo! Mas qual é a tua entrada? Só te resta Damayanti; tudo o mais foi por mim ganho. Ora bem, se te parece, seja Damayanti a parada!»

O coração de Puniaxloca, assim apostrofado por Púxcara, ficou quasi estalado de cólera; mas não lhe respondeu nada.

Lançando depois um olhar a Púxcara, o preclaro Nala, preso de intensa angústia, despojou-se dos adornos de todos os seus membros.

Mal coberto com uma só peça de vestuário, retirou-se daí o rei, agravando a mágua dos seus amigos e deixando após si a sua imensa fortuna.

Damayanti, também com um só vestido, foi seguindo-o no seu caminho. E o rei de Nixadha passou em sua companhia três noites ao ar livre.

¹ Capital de Vidarbha.

Púxcara fez proclamar na cidade: «Aquele que estiver em boas relações com Nala será por mim condenado à morte».

E os cidadãos, em virtude da ordem de Púxcara e por causa do ódio dêste, não lhe prestaram hospitalidade.

O rei, digno de acolhimento, mas sem ser acolhido, passou assim três noites nos arredores da cidade, mantendo-se tão somente de água. Atormentado de fome, arrancava frutos e raízes.

Partiu daí o rei, e Damayanti seguiu-o.

Depois de muitos dias Nala, espicaçado de fome, viu perto uns pássaros, que tinham asas côr de ouro.

Pensou então o esforçado monarca: «Eis o meu comer para hoje, e tal será a minha riqueza!».

Deitou sôbre eles o panó de que estava cingido; mas todos os pássaros foram para o ar levando a sua veste.

Os pássaros dirigiram, ao voar, estas palavras a Nala, vendo-o sem roupa em pé na terra, mesquinho e cabisbaixo:

«Nós somos, ó grande tolo, os dados, que viemos com a intenção de apanhar a tua veste; porque não tínhamos prazer enquanto tu andavas vestido».

Vendo idos os dados e a si próprio sem roupa, disse então Punyaxloca a Damayanti:

«Aqueles por cuja sanha fui banido do meu domínio, virtuosa dama, e aflito e famélico não obtenho com que manter a vida; e por cuja obra os habitantes de Nixadha me não deram hospedagem: esses mesmos, transformados em pássaros, arrebatam até o meu fato!»

«Cáido em extremo infortúnio, atribulado, privado do siso, atende ao que eu, teu marido, te digo para teu bem:

«Daqui partem muitas estradas para a região meridional, passando por Avanti e pelo monte Ricxavate.

«Eis aí a grande cordilheira Vindhya, e o rio Payoxni, que vai desaguar no mar; e os eremitérios de grandes *rixis*, que possuem copiosos frutos e raízes.

«Esta estrada se dirige a Vidarbha, estoutra a Coxala; para além, ao sul, esse país é o Decão».

O rei Nala disse propositadamente mais duma vez estas palavras a Damayanti, referindo-se com tristeza à filha de Bhima.

Então Damayanti, confrangida de dôr, disse com a voz embargada pelo choro, ao rei de Nixadha estas tocantes expressões:

«Treme o meu coração, desfalecem totalmente os meus membros ao pensar mais e mais, monarca, nas tuas palavras.

¿; «Como é que eu me iria embora, largando-te nesta êrma floresta,

privado do reino, despojado da riqueza, desvestido, ralado de fome e de sede ?!

«No medonho sertão eu hei de mitigar, imperador, o teu sofrimento, de ti exausto, esfomeado, meditabundo na pretérita felicidade.

«Não há nenhum remédio, aprovado pelos médicos, para toda a espécie de dores como uma espôsa: é verdade o que te digo».

NALA disse:

É exactamente como tu dizes, esbelta Damayanti: não há amigo como a mulher, que seja remédio para o homem aflito.

Nem eu te quero abandonar. ¿Por que motivo, tímida, estás com receio? Abandonar-me hia a mim próprio, mas não a ti, dama irrepreensível!

DAMAYANTI disse:

¿Se tu, grande rajá, não pretendes largar-me aqui, porque é que me apontas o caminho de Vidarbha?

Bem sei eu, senhor dos homens, que tu não és capaz de me desamparar; só me abandonarias, senhor da terra, se foras privado do juízo.

De facto indicas-me reiteradamente a estrada de Vidarbha, ótimo homem, e por esse motivo agravas o meu sofrimento tu, que és igual a um Imortal.

Mas se a tua intenção é essa: «pode ela ir para os seus parentes», vamos ambos juntos para Vidarbha, se levas a bem.

Ali o rei de Vidarbha tratar-te há honradamente, ó dador de honra¹; por éle bem tratado, viverás, rajá, feliz em nossa casa.

CANTO X

Abandôno de Damayanti

NALA disse:

Não há dúvida que o reino, assim como é de teu pai, do mesmo modo é meu; mas caído em desgraça, não hei de lá ir de nenhum modo.

¿Como é que, tendo lá antes ido venturoso, para aumentar a tua alegria, tornarei a ir degradado, para aumentar a tua mágua?

¹ Quere dizer: torna-se honrado quem honra Nala.

VRIHADÁXUA disse:

Falando nestes termos muitas vezes a Damayanti, o rei Nala confortou a nobre senhora, coberta com a metade de vestido.

Enroupados duma só peça, andaram êles errantes em várias partes; esvaídos de fome e sêde, chegaram a um caravansarai.

Entrou então no edificio o rajá, senhor de Nixadha, acompanhado da princesa de Vidarbha, e caiu desfalecido no chão.

Sem roupa, sem esteira, esqualido e coberto de pó, fatigado, deitou-se sôbre a terra juntamente com Damayanti.

A illustre Damayanti, muito delicada e piedosa, que estava acobrunhada de sofrimento, foi logo tomada do sono.

Emquanto porêem ela dormia, o rajá Nala, que trazia o espirito e o coração agitados pela tribulação, não pôde dormir como antes.

Revolvendo na mente a perda do reino, o total desamparo da parte dos amigos e a divagação pelo deserto, entrou em anciedade:

¿ «Que será de mim se o faço? ¿ que será de mim se o não faço? ¿ Será porventura preferível a minha morte ou o abandôno da minha companheira ?

«Pois ela padece por minha causa, devido unicamente à sua dedicação; mas se eu a largasse, iria ela dalgum modo para a sua familia.

«Mulher devotada como é, sem dúvida curtirá sofrimentos em minha companhia; se porêem fôr abandonada, haveria incerteza, visto que poderia encontrar a felicidade em qualquer parte».

Ponderando detidamente e parafusando muitas vezes, julgou o soberano que era melhor o abandôno de Damayanti.

«Mercê da sua imponente virtude, não é possivel que seja ofendida no caminho por quem quer que seja, a insigne, muito bemdita, fiel a seu marido, a mim tão dedicada».

Assim o seu espirito achava-se então concentrado em Damayanti, com a idea de a deixar, em consequência de ter a sua alma depravada por Cáli.

Considerando que êle estava sem fato e que ela não tinha mais que uma veste, resolveu-se o rajá a cortar a metade do seu vestdo.

¿ «Como poderei partir a roupa sem que o perceba a minha amada?» Dominado dêste pensamento, o rei Nala deu voltas no caravansarai.

Correndo por uma parte e por outra, achou Nala num recanto do albergue uma excelente espada sem bainha.

Cortou com ela metade do fato e vestiu-se o atormentador dos inimigos, e deixando a princesa de Vidarbha a dormir, safou-se desvairado.